

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

CONDIÇÕES DE VIDA, TRABALHO E SAÚDE DOS
TRABALHADORES DE COMÉRCIO EM RELAÇÃO À SAZONALIDADE
TURÍSTICA

María Marcela Fernández de Claro

Florianópolis, SC
2002



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

CONDIÇÕES DE VIDA, TRABALHO E SAÚDE DOS
TRABALHADORES DE COMÉRCIO EM RELAÇÃO À
SAZONALIDADE TURÍSTICA

María Marcela Fernández de Claro

Dissertação apresentada, como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Linha de pesquisa : Organizações Humanas, Trabalho e o Fenômeno das Representações Sociais – da Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação do Prof. Dr. Silvio Paulo Botomé.

Florianópolis, SC
2002

“A única finalidade da vida é mais vida. Se me perguntarem o que é essa vida, eu lhes direi que é mais liberdade e mais felicidade. São vagos os termos. Mas nem por isso eles deixam de ter sentido para cada um de nós. À medida que formos mais livres, que abrangermos em nosso coração e em nossa inteligência mais coisas, que ganharmos critérios mais finos de compreensão, nessa medida nos sentiremos maiores e mais felizes. A finalidade da educação se confunde com a finalidade da vida.”

(Anísio Teixeira)

SUMÁRIO

RESUMO	VII
ABSTRACT	VIII
1. CONDIÇÕES DE VIDA, TRABALHO E SAÚDE DOS TRABALHADORES DE COMÉRCIO EM RELAÇÃO À SAZONALIDADE TURÍSTICA	01
1.1. Decorrências sociais relacionadas ao conhecimento das características das condições de trabalho, de vida e de saúde dos trabalhadores de comércio de uma cidade turística	08
1.2. Mudanças e incertezas no mundo do trabalho	10
1.3. Características específicas do trabalho no comércio	13
1.4. O trabalho feminino no comércio	14
1.5. Saúde um fenômeno multideterminado	17
1.6. Desamparo e sazonalidade	21
1.7. Alguns estudos em saúde e trabalho	24
1.8. O desgaste no trabalho	26
1.9. É importante produzir conhecimento sobre as condições de vida, trabalho e saúde dos trabalhadores de comércio em relação à sazonalidade do turismo	29
2. O PROCESSO DE OBTENÇÃO E ANÁLISE DE DADOS SOBRE AS CONDIÇÕES DE VIDA, TRABALHO E SAÚDE DOS TRABALHADORES DE COMÉRCIO EM RELAÇÃO À SAZONALIDADE TURÍSTICA.....	32
2.1. Sujeitos	32
2.1.1 <i>Características da cidade</i>	32
2.2 Situação e ambiente	32
2.3 Equipamento e material	33
2.4 Procedimento	34
2.4.1 <i>Escolha dos sujeitos</i>	34
2.4.2 <i>Escolha dos estabelecimentos comerciais</i>	34
2.5 Elaboração do roteiro de entrevista	34
2.6 Contato com os sujeitos	35
2.7 Coleta de dados	36
2.8 Registro dos dados	37
2.9 Procedimento de Análise dos dados	37

3	CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS TRABALHADORES DE COMÉRCIO EM RELAÇÃO À SAZONALIDADE TURÍSTICA.....	39
3.1	Características da faixa etária, escolaridade, estado civil, origem e tempo de residência	40
3.2	Os trabalhadores de comércio são jovens e possuem um elevado nível de escolaridade	43
4	CONDIÇÕES DE VIDA DOS TRABALHADORES DE COMÉRCIO EM RELAÇÃO À SAZONALIDADE TURÍSTICA	45
4.1	Características da administração do tempo e convivência com a família	46
4.2	O tempo e a convivência familiar são prejudicados pela sazonalidade do turismo	54
4.3	Características da renda pessoal e familiar	59
4.4	Os ganhos extras na alta temporada não são suficientes para ter estabilidade na baixa temporada	64
4.5	Características de moradia e do suporte social	66
4.6	As características de moradia e do suporte social sofrem mudanças em relação à sazonalidade turística	71
4.7	Características da realização de objetivos pessoais, profissionais e familiares	74
4.8	É difícil planejar objetivos para o futuro, num ambiente incerto	77
4.9	A sazonalidade do trabalho em uma cidade turística afeta as condições de vida dos trabalhadores de comércio	78
5	CONDIÇÕES DE TRABALHO DOS TRABALHADORES DE COMÉRCIO EM RELAÇÃO À SAZONALIDADE TURÍSTICA	81
5.1	Características gerais do trabalho	81
5.2	Há características do trabalho que mudam pela sazonalidade do turismo	87
5.3	Características das exigências no trabalho	89
5.4	As exigências no trabalho de comércio em uma cidade turística não são tão simples quanto parecem ser	99
5.5	Condições ambientais do trabalho	103
5.6	Há mudanças nas características ambientais do trabalho provocadas pela sazonalidade	108
5.7	Características das relações de trabalho	110
5.8	As relações inter-pessoais no trabalho são alteradas pelas mudanças sazonais	120
5.9	Período de preferência para trabalhar	123
5.10	A alta temporada é o período de trabalho preferido pelos trabalhadores de comércio	124

5.11 Os trabalhadores sem vínculo empregatício na baixa temporada.....	124
5.12 Características do trabalho dos trabalhadores sem vínculo empregatício na baixa temporada turística	125
5.13 Os trabalhadores sem vínculo empregatício, na baixa temporada, não são necessariamente desempregados	127
5.14 A sazonalidade turística afeta as condições de trabalho dos trabalhadores de comércio	128
6 CONDIÇÕES DE SAÚDE DOS TRABALHADORES DE COMÉRCIO EM RELAÇÃO À SAZONALIDADE TURÍSTICA	130
6.1 Características do sono, alimentação e da prática de atividades físicas	130
6.2 O sono, a alimentação e a prática de atividades físicas dos trabalhadores de comércio sofrem prejuízos provocados pela sazonalidade turística	155
6.3 Características de saúde	157
6.4 A saúde dos trabalhadores de comércio apresenta variabilidade nas diferentes temporadas turísticas	185
6.5 A sazonalidade do trabalho em uma cidade turística afeta as condições de saúde dos trabalhadores de comércio	189
7 AS CARACTERÍSTICAS DAS CONDIÇÕES DE VIDA, TRABALHO E SAÚDE DAS TRABALHADORAS DE COMÉRCIO SOFREM MUDANÇAS EM FUNÇÃO DA SAZONALIDADE TURÍSTICA.....	191
7.1 Decorrências das descobertas feitas na pesquisa	193
7.2 Dificuldades e limitações da pesquisa.....	194
7.3 Possibilidades de novas investigações sobre as condições de vida, trabalho e saúde dos trabalhadores de comércio em relação à sazonalidade.....	195
REFERÊNCIAS	196
LISTA DE TABELAS.....	199
LISTA DE QUADROS.....	210
ANEXO 1	211
ANEXO 2	232

RESUMO

As condições de trabalho no comércio de uma cidade turística possuem peculiaridades afetadas pela sazonalidade do turismo que podem influir na saúde e no comportamento dos trabalhadores. Doença e saúde não são processos ou fenômenos distintos e estanques, assim como comportamentos não são, em si, normais ou patológicos. As condições de saúde de um organismo, assim como seus comportamentos, dependem da estruturação e do relacionamento de diferentes variáveis do meio em que tais condições de saúde e comportamento ocorrem. Sendo assim, é importante caracterizar as condições de vida, trabalho e saúde desses trabalhadores em relação à sazonalidade turística. Participaram 24 sujeitos do sexo feminino, trabalhadores de comércio varejista de confecções. 12 trabalhavam com regime permanente e 12 trabalhavam com regime temporário. Foram realizadas entrevistas com a totalidade dos sujeitos em dois momentos diferentes, na alta e na baixa temporadas turísticas, para coletar dados sobre as condições de vida, trabalho e saúde. Foi possível notar que a maioria é jovem, com idades que variam de 18 a 26 anos e possuem um elevado nível de escolaridade. O tempo e a convivência familiar são prejudicados pela sazonalidade do turismo, os ganhos extras não são suficientes para manter a estabilidade das condições de vida na baixa temporada, a moradia e o suporte social sofrem mudanças nos diferentes períodos. As características das condições de trabalho são: baixo nível salarial, pouca estabilidade, na alta temporada a jornada de trabalho alcança 14 horas diárias, a maioria não tem benefícios sociais. Os trabalhadores com vinculação temporária são mais prejudicados. A maioria da totalidade dos sujeitos prefere trabalhar na alta temporada. Com relação às condições de saúde foi verificado que o sono, a alimentação, e a prática esportiva sofrem prejuízos provocados pela sazonalidade turística e a saúde geral sofre variabilidade nas diferentes temporadas turísticas. Os dados indicam que as características das condições de vida, trabalho e saúde sofrem variações que aumentam a insegurança dos trabalhadores e podem afetar a sua saúde. As diferenças nas condições de vida e saúde dos trabalhadores com vínculo permanente e temporário são significativas e as condições de trabalho dos trabalhadores com regime temporário mostram maiores desvantagens.

ABSTRACT

The work conditions in the trade of a tourist city possess affected peculiarities for the seasonal of the tourism that can influence on the health and in the behavior of the workers. Disease and health they are not processes or different and tight phenomena, as well as behaviors they are not, in itself, normal or pathological. The conditions of health of an organism, as well as their behaviors, depend on the structuring and of the relationship of different variables of the middle in that such conditions of health and behavior happen. Being like this, it is important to characterize the life conditions, work and those workers' health in relation to the tourist seasonal. They announced 24 subjects female, workers of retail trade of makings. 12 worked with permanent regime and 12 worked with temporary regime. Interviews were accomplished with the totality of the subjects in two different moments, in the discharge and in the low tourist seasons, to collect data about the life conditions, work and health. It was possible to notice that most is young, with ages that vary from 18 to 26 years and they possess a high education level. The time and the family coexistence are prejudiced for the seasonal of the tourism, the extra earnings are not enough to maintain the stability of the life conditions in the low season, the home and the social support suffer changes in the different periods. The characteristics of the work conditions are: low level salary, little stability, in the high season the work day reaches 14 hours daily rates, most doesn't have social benefits. The workers with temporary contracts are more prejudiced. Most of the totality of the subjects prefers to work in the high season. Regarding the conditions of health it was verified that the sleep, the feeding, and the sporting practice suffer damages provoked by the tourist seasonal and the general health suffers variability in the different tourist seasons. The data indicate that the characteristics of the life conditions, work and health suffer variations that increase the workers' insecurity and they can affect his health. The differences in the life conditions and the workers' health with permanent and temporary bond are significant and the conditions of the workers' work with temporary regime show larger disadvantages.

CONDIÇÕES DE VIDA, TRABALHO E SAÚDE DOS TRABALHADORES DE COMÉRCIO EM RELAÇÃO À SAZONALIDADE TURÍSTICA

Pode a sazonalidade turística tornar a vida dos trabalhadores mais incerta do que ela já é a ponto de afetar a sua saúde? Cada vez mais, os indivíduos estão expostos às mudanças provocadas pela globalização, às contradições, aos conflitos, às ambigüidades e às insatisfações. As novas exigências técnicas associadas a falta de políticas educacionais adequadas, o desaparecimento de postos de trabalho e ocupações tradicionais, a abertura da economia, a flexibilização das relações laborais e a perda de representação sindical, produzem nos trabalhadores sentimentos de insegurança e de desconforto frente às condições gerais de existência. É difícil encontrar respostas e soluções prontas para as novas situações que são apresentadas, a única certeza é que a vida, nas últimas décadas do século XX e no início do século XXI, é caracterizada pela incerteza. Nas cidades que vivem do turismo, essa característica não foge à regra. O comércio representa uma de suas principais atividades econômicas e, como tal, fica a mercê do movimento sazonal que transforma, não somente essa atividade, mas altera os costumes, ritmos, paisagens e comportamentos das comunidades. As alterações sazonais somadas ao conjunto de inseguranças provocadas pelas mudanças na economia indicam a possibilidade de aumentar o clima de insegurança e imprevisibilidade a que estão expostos os trabalhadores de cidades turísticas. Dessa forma, é importante produzir conhecimento que permita caracterizar as condições de vida, trabalho e saúde dos trabalhadores de comércio, em cidades expostas ao fenômeno da sazonalidade do turismo.

O conhecimento das condições de trabalho, vida e saúde dos trabalhadores de comércio, permite apreender esses indivíduos nas situações concretas onde agem. A relação entre a ação humana, a situação onde ela acontece e as conseqüências que produz é entendida aqui como fenômeno psicológico. Essa definição do fenômeno psicológico coincide com a compreensão do conceito de comportamento definido por Botomé (2001), Esse autor define o conceito de comportamento como o conjunto de relações ou de micro

relações, entre o que um organismo faz (resposta ou ação) e o ambiente (meios físicos e sociais) e, ainda, o que antecede essas ações e os conseqüentes das mesmas. É comum entre os profissionais da psicologia ter a concepção de que o comportamento é um fenômeno simples e facilmente observável ou identificável. Porém, a distinção não é tão fácil quanto parece ser e quanto mais complexo for o organismo, mais complexas serão as relações que esse estabelece com o meio. As relações são estabelecidas a partir de três componentes: a situação, a ação e a conseqüência. O Quadro 1.1 permite notar a especificação dos três componentes básicos que definem o que é comportamento.

QUADRO 1.1

ESPECIFICAÇÃO DOS TRÊS COMPONENTES CONSTITUINTES DA DEFINIÇÃO DO COMPORTAMENTO COMO “RELAÇÃO ENTRE O QUE UM ORGANISMO FAZ E O AMBIENTE (ANTERIOR E POSTERIOR À AÇÃO) EM QUE O FAZ” (REPRODUZIDO DE BOTOMÉ, 2001 P. 697)

SITUAÇÃO	AÇÃO	CONSEQUÊNCIA
O que acontece antes ou junto da ação de um organismo	Aquilo que um organismo faz	O que acontece depois da ação de um organismo

Como Botomé (2001) indica, esses componentes são caracterizados por terem uma grande plasticidade. O ambiente, para efeito de compreensão do conceito de comportamento, é entendido sob duas perspectivas: o que acontece junto ou antes da ação de um organismo e o que acontece depois dessa ação. Assim, o ambiente não é algo estático ou fixo, ao contrário, é algo em constante mudança provocada pela ação de um organismo que age em relação a esse ambiente. Caso algum aspecto das variáveis de um dos três componentes do comportamento for alterada, também serão alteradas as relações por essas estabelecidas. Então, para entender o que os indivíduos fazem é necessário entender as características de cada um dos componentes do comportamento. Para falar de um comportamento é preciso nomeá-lo e, para isso, são utilizados os verbos. Esses verbos indicam, as vezes, a relação que existe entre aspectos da ação e aspectos da situação, outras

vezes, a relação entre aspectos da ação e aspectos da consequência dessa ação. Dessa forma, esses verbos indicam a relação entre os componentes e não os componentes envolvidos na relação. No Quadro 1.2, está apresentado um caso que exemplifica aspectos do comportamento, nomeados por alguns verbos, que estão relacionados aos três componentes que envolvem a relação entre o que o organismo faz e o ambiente em que o faz.

QUADRO 1.2

ASPECTO DO COMPORTAMENTO ENFATIZADO PELOS VERBOS INFERIR, CONCLUIR, INDUZIR E DEDUZIR EM RELAÇÃO AOS TRÊS COMPONENTES ENVOLVIDOS NA RELAÇÃO ENTRE O QUE UM ORGANISMO FAZ E O AMBIENTE EM QUE O FAZ (REPRODUZIDO DE BOTOMÉ, 2001 P. 697)

SITUAÇÃO	AÇÃO	CONSEQUÊNCIA
O que acontece antes ou junto da ação de um organismo	Aquilo que um organismo faz	O que acontece depois da ação de um organismo
Dados quaisquer	inferir concluir deduzir induzir	Afirmar algo a partir dos dados ?

Caso o componente situação apresente uma característica diferente, a relação, também, muda (por exemplo, dados insuficientes, concluir insuficientemente ou dados inadequados, deduzir inadequadamente, etc.). A ação, por sua vez, pode ser apresentada de diferentes formas, falando, escrevendo, desenhando, etc. Assim, é possível notar que o que muda é a ação e não o comportamento, já que é possível concluir cantando ou deduzir escrevendo, por exemplo. A consequência dessas ações pode ser o convencimento da platéia, mais visibilidade dos dados, descobrimento de um fenômeno, etc. Os quadros

apresentados permitem notar, que para caracterizar um comportamento é necessário mais do que identificar a ação do organismo.

Quando um verbo define apenas aquilo que o organismo faz (ação ou resposta), sem considerar a situação nem a consequência da ação, está sendo cometido, segundo o autor, um equívoco que pode levar a confundir o conceito de resposta e comportamento operante. Nesse caso estaria sendo enfatizado, somente, uma instância do comportamento, como se fosse o próprio comportamento. O Quadro 1.3 permite notar esse tipo de erro.

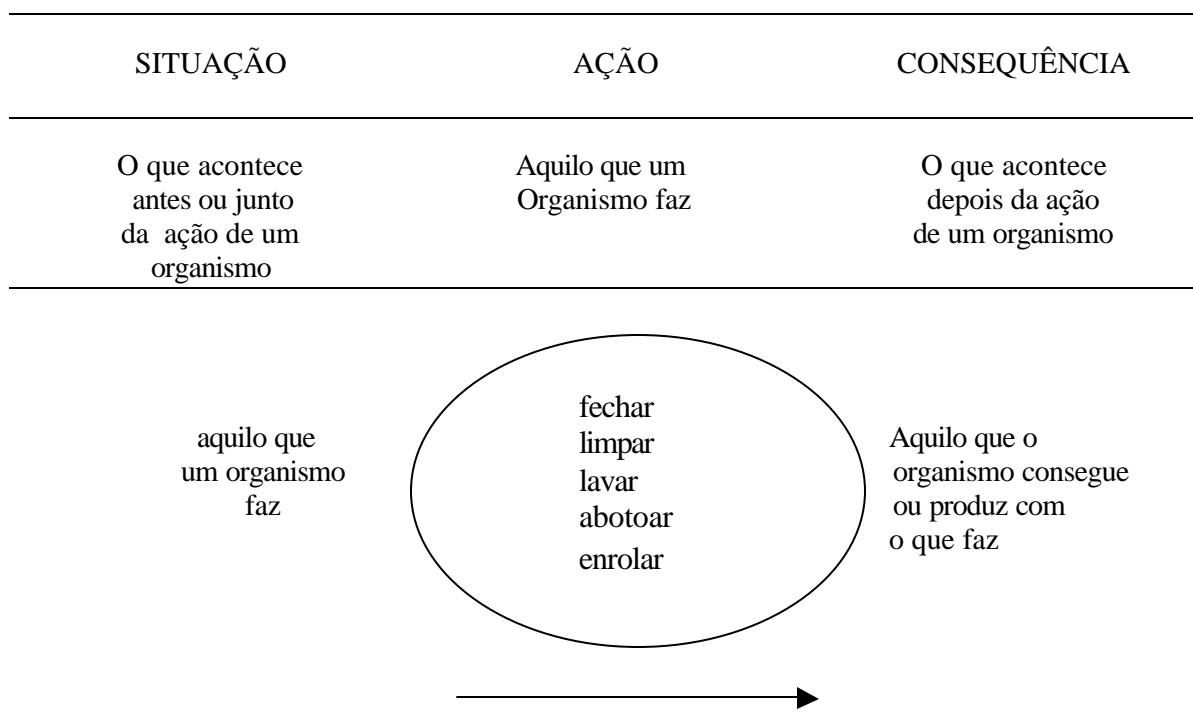
QUADRO 1.3
ASPECTO DO COMPORTAMENTO ENFATIZADO PELOS VERBOS DIZER, FALAR,
MARCHAR, CORRER E SALTAR, EM RELAÇÃO AOS TRÊS COMPONENTES ENVOLVIDOS NA
RELAÇÃO ENTRE O QUE UM ORGANISMO FAZ E O AMBIENTE EM QUE O FAZ.
(REPRODUZIDO DE BOTOMÉ, 2001, P. 698)

SITUAÇÃO	AÇÃO	CONSEQUÊNCIA
O que acontece antes ou junto da ação de um organismo	Aquilo que um organismo faz	O que acontece depois da ação de um organismo
?	dizer falar marchar correr saltar	?

Outra forma de nomear e classificar um comportamento é utilizando verbos que dão ênfase à relação entre a ação e a consequência da ação. Nesse caso o comportamento é definido pela funcionalidade, pelo tipo de relação entre a ação e o ambiente que resulta dessa ação. Os outros componentes do comportamento (situação, aspectos específicos das classes de respostas e das consequências) têm menos importância na definição do

comportamento. No Quadro 1.4 é possível notar que o verbo que nomeia a ação só é apropriado se a consequência é resultado da ação. Dessa forma só é correto dizer que alguém “limpou algo” se “algo ficou realmente limpo”, nesse caso, os valores das variáveis (velocidade, frequência, intensidade, etc.) não influem na definição do comportamento, já que essa é dada pela alteração produzida direta ou indiretamente no ambiente.

QUADRO 1.4
ASPECTO DO COMPORTAMENTO ENFATIZADO PELOS VERBOS FECHAR, LIMPAR, LAVAR, ABOTOAR E ENROLAR, EM RELAÇÃO AOS TRÊS COMPONENTES ENVOLVIDOS NA RELAÇÃO ENTRE O QUE UM ORGANISMO FAZ E O AMBIENTE EM QUE O FAZ.
 (REPRODUZIDO DE BOTOMÉ, 2001, P. 699)



Nesses exemplos fica clara a dificuldade que significa estabelecer as relações que constituem um comportamento. Já que, como é sabido, há sempre três componentes envolvidos no comportamento e cada um desses componentes possui aspectos específicos que variam continuamente. Geralmente, os verbos utilizados para nomear um comportamento enfatizam, apenas um ou dois componentes ou uma das relações, em geral

a que fica mais visível. No Quadro 1.5 Botomé (2001) apresenta, mesmo que incompleto, mas de uma forma mais específica e detalhada, o que pode constituir um comportamento nomeado por um verbo, neste caso, abotoar.

QUADRO 1.5
ESPECIFICAÇÃO (INCOMPLETA) DOS TRÊS COMPONENTES CONSTITUINTES DO
COMPORTAMENTO DENOMINADO PELA EXPRESSÃO “ABOTOAR UMA BLUSA”
 (REPRODUZIDO DE BOTOMÉ, 2001, P. 700)

SITUAÇÃO	AÇÃO	CONSEQUÊNCIA
O que acontece antes ou junto da ação de um organismo	Aquilo que um organismo faz	O que acontece depois da ação de um organismo
<ul style="list-style-type: none"> - Blusa desabotoada - Sensação de frio - Características da blusa - Risco de prejudicar a saúde - Outras características do ambiente 	Movimentos das mãos e dos dedos em torno dos botões e das casas da blusa	<ul style="list-style-type: none"> - Blusa abotoada - Diminuição da sensação de frio - Maior probabilidade de manter a saúde intacta - Outras conseqüências ou descobertas

Botomé (2001) indica também, que além dos dois tipos de relações (relação entre a ação e a situação e a relação entre a ação e a consequência da ação) apresentadas pelos quadros 1.2, 1.4 e 1.5 há outras relações possíveis. O Quadro 1.6 permite, por meio de uma ilustração, perceber que o comportamento é sempre um conjunto de relações ou de micro relações visto, geralmente, como se fosse apenas uma relação. O autor explica cada tipo de relação apresentada no Quadro 1.6: No tipo de relação 1, a situação (os aspectos específicos de uma situação) facilita, favorece, impede ou dificulta a ação de diferentes maneiras, inclusive criando “necessidades”. Na relação de tipo 2, a ação (propriedades específicas da resposta) do organismo produzem ou são seguidas por determinados resultados (dela) ou por eventos de meio. Na relação de tipo 3, a oportunidade para a ação produzir um determinado tipo de resultado é sinalizada por algum aspecto (ou mais de um) da situação.

QUADRO 1.6

DIFERENTES TIPOS DE RELAÇÕES BÁSICAS ENTRE OS TRÊS TIPOS DE COMPONENTES DE UM COMPORTAMENTO. (REPRODUZIDO DE BOTOMÉ, 2001, P. 701)

Componentes Tipos de relação	SITUAÇÃO (O que acontece antes ou junto à ação de um organismo)	AÇÃO (Aquilo que um organismo faz)	CONSEQUÊNCIA (O que acontece depois da ação de um organismo)
1		→	
2			→
3		←	
4			←
5		→	
6	←		
7	← →	← →	← →

Na relação de tipo 4, as propriedades das conseqüências da ação exercem influência sobre a probabilidade de ocorrência da classe de respostas do organismo que produziu essas conseqüências (influi na re-ocorrência da mesma ação). Na relação de tipo 5, algum (ou mais de um) aspecto da situação “sinaliza” a conseqüência que será obtida, caso a classe de ações seja apresentada. Na relação de tipo 6, a conseqüência (resultado ou decorrência) da ação faz com que os aspectos do meio (ou alguns desses aspectos), inclusive relações entre aspectos do meio, adquiram propriedades (valores) de sinalização de que, em relação a eles, mediante um determinado tipo de ação, será possível obter um determinado tipo de conseqüência. O que decorre ou se segue à ação dá ao aspecto do meio um “significado” que é, em última instância, a própria relação estabelecida. A relação do tipo 7 do Quadro 1.6 mostra o conjunto de relações possíveis.

Botomé (2001) indica que a análise do comportamento implica em explicitar os aspectos que constituem as situações antecedentes de uma classe de resposta, as características dessa classe de resposta e o seu conseqüente. Esse é o primeiro passo para

identificar quais são os comportamentos que estão ocorrendo e para entender o que acontece com o comportamento de um organismo. Nesse sentido, a análise do comportamento constitui um recurso para caracterizar as condições de vida, trabalho e saúde dos trabalhadores de comércio em uma cidade turística. Permite identificar quais são os comportamentos que estão ocorrendo nesses trabalhadores em situações distintas (na alta e na baixa temporadas) e entender o que acontece com eles, ou melhor, com as classes de respostas que eles apresentam e, por meio delas, estabelecer relações com o meio que constitui seu ambiente de trabalho e de vida.

1.1 Decorrências sociais relacionadas ao conhecimento das características das condições de trabalho, de vida e de saúde dos trabalhadores do comércio de cidades turísticas

As recentes e aceleradas mudanças no mundo do trabalho têm tido conseqüências negativas para os trabalhadores. As novas tecnologias, automatização e o processo de globalização, fizeram com que as empresas realizassem mudanças organizacionais. Essas implementaram programas de reestruturação produtiva que tiveram como conseqüências principais, o aumento do desemprego, a precarização das relações de trabalho, a perda de representação sindical e a ocupação de força de trabalho feminina. Essa ocupação repete, também, os modelos de desigualdade e opressão que as mulheres sofrem em outras instâncias laborais e sociais. A partir dessas características, Montalli (2000), indica que há evidências de que os trabalhadores estão submetidos a mecanismos de incorporação da força de trabalho regidos pelos interesses e necessidades do capital. Tornar público os conhecimentos sobre as condições de trabalho dos trabalhadores do ramo do comércio em cidades turísticas, como: nível salarial, benefícios sociais, horas de jornada de trabalho, entre outros, pode servir de base para que surjam mudanças nas condições de trabalho dessa categoria.

A atividade de comércio em cidades que vivem do turismo tem características sazonais que quebram o ritmo de trabalho, a regularidade dos ganhos, as possibilidades de emprego e, conseqüentemente, os modos de vida dos trabalhadores. Ora os trabalhadores

estão sujeitos a longas jornadas de trabalho, estresse no atendimento aos clientes, pouco tempo com a família e melhoria dos ganhos, ora o trabalho e a renda diminuem, aumenta o tempo livre aumentando também a possibilidade de desemprego. Ao conhecer as características das relações que são estabelecidas entre o trabalho e os aspectos biopsicossociais em ambas as situações, alta e baixa estação, poderão ser propostas mudanças nas condições de trabalho que levem a uma maior estabilidade e previsibilidade na vida dos trabalhadores. Além disso, as mudanças nas condições de trabalho poderão ter reflexos na saúde dos trabalhadores, nas relações sociais ou laborais e na situação financeira, melhorando a qualidade de vida dentro e fora do ambiente laboral.

O conhecimento produzido sobre as condições de trabalho dos trabalhadores de comércio num contexto turístico, oferecerá maior visibilidade das características que constituem essas condições. Isso contribuirá gerando elementos para que as representações sindicais consigam compreender, de maneira mais ampla, a complexidade, heterogeneidade e a fragmentação que caracterizam as relações de trabalho dos comerciários em cidades turísticas. Como sugere Antunes (1997), o conhecimento das características contribuirá para aumentar a representatividade e a proteção sindical, o que aumentará também, o sentimento de segurança dos trabalhadores de comércio.

Os órgãos públicos e privados, ao conhecerem a realidade dos trabalhadores de comércio, poderão discutir novas alternativas de atividades econômicas que minimizem os efeitos negativos da sazonalidade do turismo. A oferta de maior número de empregos, por exemplo, beneficiaria não só os trabalhadores, mas também o desenvolvimento geral das cidades, pois, ao diversificar as atividades, diminuiriam os riscos decorrentes de concentrá-las num único setor. A melhoria das condições gerais de vida nas cidades terá como consequência a melhoria, também, da saúde dos seus moradores.

Ao contrário, a falta de conhecimento poderá trazer consequências negativas. Há possibilidade, por exemplo, de continuar com práticas de trabalho injustas e pouco produtivas como as contratações temporárias, precárias, sem garantias laborais ou sociais. Isso não contribuirá com o desenvolvimento sócio-econômico da cidade, trazendo conseqüentemente, prejuízos aos trabalhadores e as populações que vivem do turismo. Também poderá aumentar a imprevisibilidade econômica e social desses trabalhadores,

aumentando os riscos para a saúde, como também os índices de desemprego e violência nessas cidades, formando um círculo vicioso com possibilidades de estagnação, ou mesmo, retrocesso. Portanto, a resposta à pergunta de pesquisa abre a possibilidade de surgirem mudanças, melhorias na qualidade de vida, recuperação da representação e proteção sindical e o desenvolvimento dinâmico das cidades que vivem do turismo. Pode assim, afetar todos os setores envolvidos na rede econômica.

1.2 Mudanças e incertezas no mundo do trabalho

As transformações no mundo do trabalho, em virtude das mudanças econômicas, aumentam a incerteza e imprevisibilidade da vida dos trabalhadores. O processo de globalização fez com que as empresas realizassem mudanças organizacionais, provocando o chamado desemprego estrutural. Esse tipo de desemprego é originado por uma inadequação da estrutura da economia que opera sem a utilização plena da força de trabalho existente. Pochmann (1998) entende que o desemprego estrutural decorre, geralmente, do baixo dinamismo econômico, da carência educacional, de novas exigências técnicas, da destruição de ocupações tradicionais, da desregulação do mercado de trabalho e da abertura da economia. Essa situação deixa os trabalhadores em situação de perda de controle sobre suas vidas, ao não conseguirem se adaptar às novas exigências. Nesse sentido, as reformas ocasionadas pelo processo de globalização da economia aumentam os níveis de insegurança e imprevisibilidade frente ao futuro.

O desemprego estrutural vem acompanhado, como explica Mattoso (1998), de um conjunto de inseguranças causado pela perda do emprego industrial, de empregos que eram estáveis e permanentes. Paralelamente à perda dos empregos estáveis e permanentes, aumentaram os trabalhos temporários, em tempo parcial, informais, trabalhos domiciliares, entre outros. Isso contribuiu para o acréscimo da falta de segurança no emprego, já que os mesmos não contam com garantias trabalhistas.

A renda é um dos aspectos que vem perdendo o atributo de segurança. Nesse cenário de precarização do trabalho, o distanciamento da relação produtividade e salário aumentou a variabilidade, a instabilidade e a perda da seguridade dos ganhos do trabalho. Para Mattoso (1998) o aumento das desigualdades entre os trabalhadores permanentes e

temporários, a perda de seguridade social e a falta de redistribuição da tributação, também contribuem para a indefinição do nível de renda das pessoas.

As contratações, segundo Mattoso (1998), resultantes de negociações mais individualizadas, contratos temporários ou relações de trabalho sem contrato, também ficam, dessa forma, inseguras. Aumenta a segmentação do mercado de trabalho que aparece visivelmente, cada vez menos homogêneo e menos identitário, pois os indivíduos não se identificam mais com seu fazer. Essa divisão entre os trabalhadores provocada pelo aumento de heterogeneidade e complexidade da classe trabalhadora é consequência da terceirização, subcontratação ou trabalhos em tempo parcial, entre outras formas semelhantes, como indica Antunes (1999). Isso resultou na perda de confiança nos sindicatos que são as instituições de representação do trabalho. Esse fato ficou confirmado, como Mattoso (1998) indica, pela acentuada redução da sindicalização que ocorreu a partir da década de 80, agravando as preocupações dos trabalhadores e o sentimento de impotência frente a essa situação.

Nesse panorama de incertezas do emprego, cidades ou mesmo países com potencial turístico têm encontrado na atividade do turismo uma das saídas viáveis para diminuir os altos índices de desocupação provocados pelo desemprego estrutural. O turismo vem sendo considerado como setor de importância estratégica para o desenvolvimento em alguns países. Hazin, Galiza & Medeiros (2002) indicam que o turismo só perde em importância, em relação à geração de riquezas, apenas para a indústria de armamentos e petróleo. Essa importância pode ser confirmada, também, pela capacidade em gerar um alto crescimento do setor terciário ou de serviços, no qual o comércio tem sido um dos maiores beneficiários. Hazin e col. (2002) indicam que em Porto de Galinhas, distrito de Ipojuca em Pernambuco, a partir de 1996 a comunidade que tinha como atividade principal a produção de cana de açúcar e que empregava duas mil pessoas em sistema temporário, passou a absorver quatro mil trabalhadores permanentemente para atender a rede hoteleira, restaurantes e comércio. Esse é um exemplo de que o turismo contribui para diminuir os índices de desocupação. A partir desse fato é necessário examinar a qualidade dos empregos oferecidos e as consequências sociais geradas pelos mesmos.

Junto com o aumento da oferta de emprego, aparecem também as características de subproletarização apontadas por Antunes (1997). Os modelos de exploração, desigualdade de direitos, falta de garantias laborais e benefícios sociais são uma constante. O setor de serviços absorve os trabalhadores que têm menos chances no mercado de trabalho. Segundo Pires (1998), isso faz com que aceitem com maior facilidade salários mais baixos, como são os casos das mulheres, idosos ou mesmo deficientes físicos. Quando a oferta de emprego está associada ao movimento sazonal do turismo, períodos de alta e baixa estação, como nos casos das cidades litorâneas, aumenta a concorrência por uma vaga permanente. Isso coloca os trabalhadores em desvantagem no mercado de trabalho, obrigando-os a reduzir suas exigências. O trabalho temporário é uma das características do mercado de trabalho dessas cidades, muitas vezes, vista como trunfo sobre o desemprego. Essa percepção impede, às vezes, de fazer a crítica necessária para desvelar os aspectos negativos que fazem parte dessa forma de emprego.

Estudos realizados nos Estados Unidos advertem que o trabalho temporário traz, como conseqüências, o aumento da insegurança emocional dos trabalhadores. Rifkin (1995) comenta que muitas empresas vêm reduzindo o número de trabalhadores fixos e substituindo-os por trabalhadores temporários. Isso permitiria às empresas maior agilidade para aumentar ou diminuir o número de trabalhadores rapidamente, adequando-se às variações sazonais, mensais ou semanais. Essa estratégia pode ser comparada com a revolução empresarial, na década de 80, provocada pelo controle de estoque “*just-in-time*”. A partir da década de 90, foi iniciado o “emprego *just-in-time*”, pois as empresas somente ofereciam emprego quando precisavam atender um excedente de demanda. Segundo Hutchens, citada por Rifkin (1995), as conseqüências do emprego *just-in-time* são assustadoras, pois, ninguém compreendeu bem as conseqüências que isso tem no bem-estar econômico e na segurança emocional dos trabalhadores”. Rifkin (1995) indica que os trabalhadores temporários ganham em média 20 a 40% menos que os trabalhadores fixos, realizando o mesmo trabalho. Comenta também que em 1987 o Departamento do Trabalho dos Estados Unidos relatou que do total de trabalhadores fixos, 88% recebiam cobertura de seguro saúde direto dos empregadores, menos de 25% da força de trabalho temporária tinha esse benefício. 48,5% dos trabalhadores em regime permanente tinham planos de aposentadoria, apenas 16,3% dos que trabalhavam em regime temporário recebiam esses

planos. Com esses dados é possível verificar que, para os trabalhadores temporários, fazer planos ou projetos a médio ou longo prazo significa correr riscos que excedem a sua capacidade, pois poderão enfrentar um futuro imprevisível.

1.3 Características específicas do trabalho no comércio

A rotatividade é uma das características do comércio, agravada ainda mais pelo aumento do desemprego. A significativa oferta de força de trabalho faz com que as empresas adotem estratégias de seletividade que exigem cada vez maior escolaridade oferecendo, ao contrário, menores salários. Nas maiores cidades do Estado de Santa Catarina onde a indústria foi claramente prejudicada pela queda de produção, ou pelo fechamento das unidades fabris, foi possível verificar o aumento da demanda de emprego. Há um grande contingente de força de trabalho feminina, jovem e com um nível médio de escolaridade à procura de emprego num comércio ativo, que faz dessas cidades as de taxas de rotatividade mais elevadas (DIEESE, 1999).

A sazonalidade da atividade turística tem conseqüências consideráveis nas atividades comerciais. Essas conseqüências sobrepostas às características da rotatividade próprias do comércio, configuram uma situação preocupante, indicando um agravamento do quadro de insegurança e instabilidade dos trabalhadores. Segundo dados apresentados pelo DIEESE (1999), é possível verificar que anualmente entram e saem do comércio do Estado de Santa Catarina um contingente correspondente a 140%, quase uma vez e meia do total de comerciários. Nas maiores cidades do Estado os valores relativos ultrapassam os 160%. Esses dados mostram, com clareza, a situação de instabilidade a que as pessoas estão expostas.

Almeida (1997), indica que no comércio predominam tarefas de natureza simples, em que o grau de qualificação dos trabalhadores, muitas vezes, supera as exigências da tarefa. A disparidade entre a capacidade individual e o nível de complexidade da tarefa, segundo Seligmann-Silva (1994), resulta para o trabalhador, em frustrações que diminuem as perspectivas quanto ao futuro. Diante do novo contexto, o trabalhador sabe que as possibilidades de encontrar bons empregos são cada vez mais reduzidas. Para muitos, ainda permanece a idéia de que o trabalho, seja ele na forma de emprego ou de ocupação, é

referência de valor e dignidade, um dos fatores estruturantes da identidade. A satisfação dos trabalhadores é um dado importante, já que, quando o trabalhador não se reconhece no seu trabalho, surgem frustrações e sentimentos de auto-desvalorização que influenciam a saúde dos mesmos.

Offe (1989) entende que os serviços comerciais só adquirem valor quando surge o cliente. Sem o cliente, o trabalhador de comércio perde o objetivo do seu trabalho. O resultado do trabalho do trabalhador de comércio só é concretizado com a realização da troca de mercadoria por um valor determinado. Entretanto, é o cliente quem decide o tipo de relação que será estabelecida. Isso tira do trabalhador a autonomia sobre a tarefa e o controle sobre o resultado da mesma, o que contribui para aumentar o nível de frustração no trabalho.

Outra característica importante a destacar é a urbanidade. A atividade do comércio é de origem essencialmente urbana, pois são nos grandes centros urbanos que está concentrada a maior quantidade de consumidores à procura dos mais diversos produtos. Os trabalhadores de comércio são também, na sua grande maioria, de procedência urbana. Para o PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio) citado pelo DIEESE (1999), a totalidade de mulheres e homens que trabalham no comércio provém da cidade. Isso não quer dizer que não haja um contingente importante de pessoas cuja origem rural seja recente. O Brasil, em geral, mostra altas taxas de migração rural-urbana. A origem dos trabalhadores oferece dados que devem ser considerados para entender as relações que esses estabelecem socialmente.

1.4 O trabalho feminino no comércio

A força de trabalho feminino é uma das mais requisitadas no setor de serviços. Montali (2000) observa que no ramo financeiro ou no próprio comércio, as mulheres estão mais concentradas e as possibilidades de vinculações precárias são maiores. Isso impede as mulheres de terem acesso a empregos de qualidade, já que não podem comprovar suas experiências, e os referenciais de salários, muitas vezes, são mais baixos que os recebidos realmente. Paralelamente, é possível perceber que o aumento do trabalho feminino no campo produtivo nas últimas décadas do século XX é parte do processo de emancipação

das mulheres. Antunes (1999) indica que em alguns países desenvolvidos a força de trabalho feminino alcança mais de 40% do total. No Reino Unido o contingente feminino já superou o contingente masculino. Entretanto, essa expansão pode ser verificada, sobretudo nos trabalhos mais precários, temporários, de caráter informal, com evidentes desníveis salariais e com jornadas de trabalho prolongadas.

O trabalho doméstico exercido pelas mulheres no próprio lar pode ser considerado também, um tipo de trabalho informal. No Brasil, como em outros países da América Latina, o número de mulheres que trabalham no setor informal é significativo. Brito (2000) indica que ali também são repetidas as características de precarização do trabalho, já que essas mulheres não contam com garantias laborais, nem sociais que possam protegê-las da exploração e da injustiça. Contudo, a mulher vem conquistando seu espaço no mundo produtivo de trabalho remunerado, mas isso não a isentou de suas funções de dona de casa, obrigando-a a exercer dupla e, às vezes, tripla jornada de trabalho.

Antunes (1999) afirma que o capital soube apropriar-se da capacidade polivalente e multifuncional que as mulheres adquiriram na experiência do trabalho doméstico. Assim, a inserção da mulher no mercado de trabalho, em vez de reforçar o movimento de emancipação da opressão masculina e da exploração do capital, converteu o movimento em fonte de intensificação da desigualdade. No início do século XXI, as mulheres ainda sentem a responsabilidade pelas tarefas domésticas e pelo cuidado dos filhos. Muitas vezes, elas não permitem que seus companheiros compartilhem esses tipos de atividades. Dessa forma, enquanto eles descansam depois de uma jornada de trabalho semelhante, elas assumem todas as funções domésticas provocando uma sobrecarga de atividades.

É difícil, dependendo do tipo de atividade, estabelecer as relações entre condições de trabalho e conseqüências para a saúde do trabalhador. É o caso das atividades no comércio ou, em geral, no setor de serviços. Num estudo realizado com operárias de uma indústria química, Brito (2000) mostra que as trabalhadoras não conseguem estabelecer a relação entre saúde e trabalho de forma específica. Conclui que os prejuízos a que estão submetidas, como por exemplo os baixos salários que recebem (entre 1,5 e 3,8 salários mínimos), representam um custo particularmente elevado para a saúde dessas mulheres, de quem, muitas vezes, depende a subsistência de toda a família, incluindo filhos, irmãos, pais

e companheiros desempregados. A dificuldade em estabelecer a relação entre trabalho e saúde, está assentada no próprio conceito de saúde. A visão dicotômica saúde/doença contribui certamente para isso, já que o trabalhador só percebe estar doente quando o corpo mostra um grau de deteriorização avançado.

As condições sociais, ambientais e econômicas adversas aceleram os prejuízos para a saúde dos trabalhadores e aceleram a percepção que esses têm sobre o fato. Em outro estudo, junto ao Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação (SEPE – RJ), dirigido a merendeiras e serventes, Brito (2000) indica que a degradação das condições de trabalho e de vida decorrentes da nova ordem econômica e produtiva é percebida pelas trabalhadoras. A diminuição de pessoal, a falta de investimentos em instalações no ambiente de trabalho, tem aumentado a sobrecarga de trabalho levando ao adoecimento um número importante de trabalhadoras. Essa pesquisa mostra claramente que as relações entre as variáveis que fazem parte das condições de trabalho e de vida têm influência direta nas condições de saúde dos trabalhadores.

Brito (2000) observa também, que a precarização do trabalho nos casos estudados, fica sinalizada simultaneamente pelo acúmulo de trabalho no setor formal e informal e, conseqüentemente, pela ocupação de grande parte do tempo cotidiano em atividades de trabalho. Isso, somado a outras atividades familiares e aos baixos recursos de que dispõem, representa um esforço excessivo, o que pode contribuir para desencadear problemas de saúde dessas mulheres, incluindo problemas relacionados à saúde psicológica. Brito (2000) comenta também, sobre uma pesquisa realizada no Chile com trabalhadoras temporárias, especificamente com mulheres trabalhadoras da indústria da pesca e da fruticultura. Alerta nesse caso, para o problema da saúde psicológica, sinalizando que a condição de eventualidade gera temor e ansiedade. Ludermir (2000), em outra investigação, desta vez com a população de Olinda, chegou à conclusão de que as mulheres desempregadas e as trabalhadoras informais apresentaram um risco maior de transtornos psicológicos. Esses podiam ser notados pela ocorrência de fenômenos como insônia, fadiga, irritabilidade, esquecimento, dificuldade de concentração e queixas somáticas. Esses exemplos mostram que os pesquisadores estão identificando nas variáveis da precarização do trabalho e da eventualidade, a origem de problemas relacionados à saúde dos trabalhadores.

Entre as trabalhadoras temporárias é importante destacar, que nem sempre aquelas que não trabalham durante um período, podem ser consideradas desempregadas. Nas cidades litorâneas, no período de abril a novembro, chamado de baixa estação, muitas das trabalhadoras que estavam vinculadas ao comércio por meio de contratos temporários, perdem a condição de empregadas, assumindo outras condições dentro do mercado de trabalho. Offe (1989) identifica três formas de estar no mercado de trabalho: condição de “desempregadas”, quando continuam procurando emprego por conta própria ou mantendo-se disponíveis à intermediação do mesmo. Condição de “inativas”, quando voltam a ser donas de casa, cuja função produtiva não está vinculada a contratos de trabalho, mas por direitos e obrigações adquiridas por meio da vinculação ao status. Condição de “autônomas”, quando oferecem ao mercado bens ou serviços em busca de renda ocupacional que não é contratual e sim residual, pois resulta do rendimento entre a venda final e seus custos. É necessário então, determinar a condição que as trabalhadoras assumem após um período de trabalho, para estabelecer as relações decorrentes da mesma, com outras variáveis vinculadas às condições de vida e saúde.

O mercado de trabalho das cidades litorâneas caracterizadas, principalmente, pela atividade turística, possui elementos similares aos destacados no desenvolvimento deste tópico. A precarização das condições de trabalho, a eventualidade, a sobrecarga de trabalho, os baixos salários, entre outras variáveis, mostram que esses aspectos podem vir a provocar ou facilitar o aparecimento de problemas relacionados à saúde das trabalhadoras. Isso reforça uma vez mais, a necessidade de investigar as variáveis intervenientes na vida e na saúde dos trabalhadores de comércio de uma cidade turística.

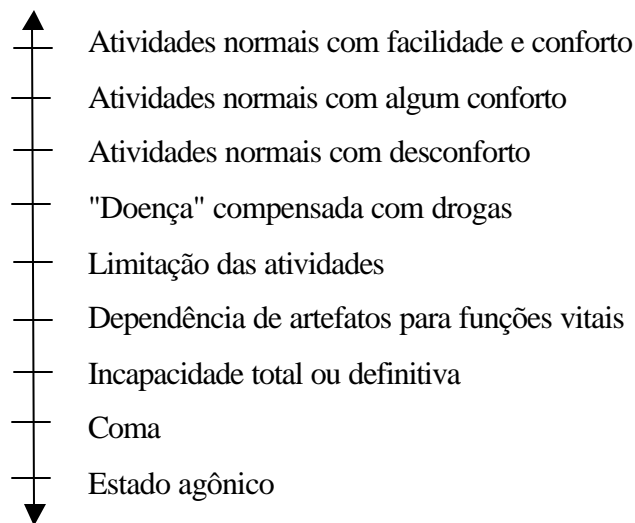
1.5. Saúde um fenômeno multideterminado

Para compreender a saúde dos trabalhadores é preciso entender a priori o significado do conceito de saúde, o qual pode ser entendido de diferentes formas. Uma dessas formas, talvez a mais comum delas, apresenta a saúde como fenômeno oposto a outro chamado, "doença". O fenômeno saúde-doença, entendido como a dicotomia de dois pólos sempre em oposição, não se mostra, segundo Stédile (1996), suficientemente esclarecedor nem

adequado para entender muitos dos fenômenos que ocorrem com as condições de saúde dos indivíduos. Essa forma simplista de entender saúde e doença reduzem o fenômeno a um estado momentâneo em que o organismo se encontra e não o identifica como uma condição que apresenta diferentes graus, que podem variar, dependendo dos fatores que se conjugam num determinado momento. No Quadro 7 é possível observar os diferentes valores que a "condição de saúde de um organismo" pode apresentar, variando num gradiente contínuo onde, num extremo pode ser encontrada plenas condições de saúde e, no outro, a morte.

QUADRO 1.7
ALGUNS DOS VALORES QUE PODE ASSUMIR A VARIÁVEL.
"CONDIÇÕES DE SAÚDE DE UM ORGANISMO". (REPRODUZIDO DE
CHAVES 1980)

PLENAS CONDIÇÕES DE SAÚDE



MORTE

A Epidemiologia Social permitiu evidenciar a pouca força explicativa das teorias unicausal e multicausais dos processos saúde-doença. Como indicam Rebelatto e Botomé (1999), a explicitação de múltiplas variáveis que interagem determinando um fenômeno como a saúde, mostra-se mais eficiente. São muitas as evidências que mostram que considerar a ocorrência de doenças apenas por determinantes biológicos sem prestar atenção às influências dos processos sociais é ter um entendimento parcial sobre o fenômeno. Essa forma parcial de entender a doença fortalece a visão ideológica que valoriza a exploração do trabalho, a competição e a capacidade produtiva. Essa teoria explicativa alivia o compromisso e a responsabilidade das instituições que cuidam da saúde da população. De acordo com essa concepção, a origem do adoecimento é sempre consequência de más condições ou de formações biológicas. Dessa forma, não é possível responsabilizar nem os indivíduos nem as condições socioeconômicas oferecidas aos mesmos pelos órgãos públicos, instituições, organizações e a própria sociedade, naturalizando, assim, a doença.

Apesar das importantes contribuições trazidas pela Epidemiologia Social para o entendimento do conceito saúde, essa mantém ainda, uma forma de examinar os determinantes que não permite visualizar como são estabelecidas as relações de multideterminação. Nesse sentido, Rebelatto e Botomé (1999) propõem falar em “relações de determinação” ou em “determinismo probabilístico”. Dependendo da forma como são estruturados e arrançados os diferentes fatores, as condições de saúde podem variar de melhor a pior ou manter-se constantes nesse contínuo. No Quadro 1.8 é possível notar, por meio de uma representação didática, as redes de relações constituídas pelas múltiplas variáveis em seus diferentes valores e que compõem as condições de saúde. Dessa forma, pode ser notado que a saúde varia em maior ou menor grau dependendo das relações estabelecidas com outras variáveis e seus valores, fazendo com que uma condição de saúde seja, como diz Stédile (1996), um fenômeno dinâmico, com múltiplas possibilidades de combinação, o que o torna um processo não somente dinâmico mas também complexo.

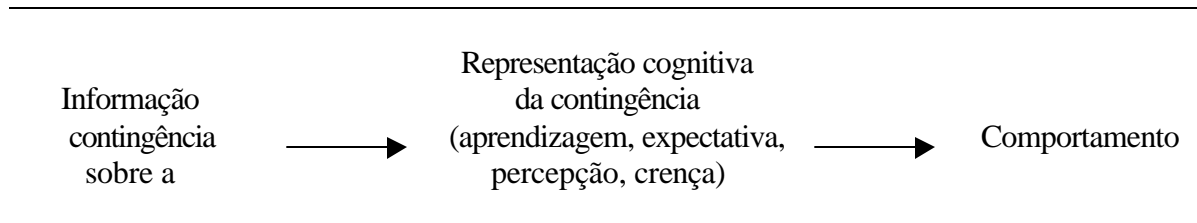
Segundo Kubo (1998), quando o objetivo é a melhoria da qualidade de vida e, conseqüentemente, da saúde das comunidades, os fatores sociais, ambientais e genéticos devem ser considerados. Autores como Kubo (1998) e Rouquayrol (1994) indicam que o resultado da sinergização ou estruturação dos fatores políticos, econômicos, sociais, culturais, psicológicos, genéticos, biológicos, físicos e químicos é que podem provocar a doença e, não, simplesmente a soma dos mesmos. Isso significa que só é possível determinar probabilisticamente e não com precisão absoluta o que acontece com os eventos, estados ou ocorrências da natureza.

É preciso saber, o que acontece com as pessoas que trabalham no comércio na alta e na baixa estação turística para permitir determinar, probabilisticamente, se estão expostos a riscos para sua saúde. Nas cidades turísticas, a baixa estação, por exemplo, está associada à diminuição da dinâmica econômica, alterando os fatores sociais, ambientais e econômicos entre outros. É importante investigar de que forma as inseguranças do mundo do trabalho, provocadas pelas perdas das garantias laborais e benefícios sociais, fazem parte da realidade desses trabalhadores e, de que forma, aumenta o nível de ansiedade dos mesmos. Diferentes pesquisas, como as realizadas por Seligman-Silva (1986), têm demonstrado que os períodos recessivos diminuem a capacidade imunológica do organismo e provocam distúrbios psiconeuroendócrinos. Entender a saúde do homem como um fenômeno dinâmico e complexo implica investigar, independente das circunstâncias em que esse se encontra, como as diferentes variáveis e seus valores se estruturam e se articulam para configurar a condição de saúde.

1.6 Desamparo e Sazonalidade

O desamparo pode ser definido, segundo Seligman (1977), como um estado psicológico que é resultado, na maioria das vezes, de eventos incontroláveis, levando o indivíduo a sentir-se indefeso frente a uma dada situação, já que por definição, quando algo é incontrolável, nada pode ser feito a seu respeito. A “teoria” do desamparo aprendido possui três componentes básicos, definidos por Seligman (1977) que aparecem transcritos no Quadro 1.9.

QUADRO 1.9
 COMPONENTES BÁSICOS DA “TEORIA” DO DESAMPARO
 (REPRODUZIDO DE SELIGMAN, 1977)



Foram realizados vários estudos experimentais por meio dos quais comprovaram que o desamparo pode ser aprendido por meio da submissão a eventos incontroláveis, tendo como seu determinante principal a “*expectativa*”. O significado da expectativa é: aprendizagem, crença ou percepção de que resposta e consequência produzidas pelas respostas são independentes. Portanto, se uma pessoa sabe, crê ou percebe que os acontecimentos da sua vida não dependem de suas ações, tornar-se-á um desamparado.

São várias as consequências provocadas pela situação de desamparo. No aspecto comportamental, pode ser verificada uma tendência a diminuir os comportamentos intencionais para a obtenção de resultados esperados; no aspecto “cognitivo”, a pessoa passa a acreditar que os resultados independem de sua ação e, no aspecto emocional, terá lugar um processo depressivo. Seligman (1977) considera que o desamparo “é um desastre” para aqueles que aprendem a ser desamparados e justifica sua afirmativa fundamentado-a com os resultados das pesquisas experimentais.

Nas pesquisas experimentais é possível observar a mudança de comportamentos de um organismo, frente a variáveis como a incontrolabilidade. Seligman (1977) descreve uma pesquisa com macacos que foram colocados em gaiolas aquecidas contendo outros estímulos aversivos como: ruído, luz desagradável e choques leves. Os macacos, depois de passar por treinamento, aprenderam que apertando uma barra, ligavam o ar condicionado, melhorando também as outras condições. Mas, depois desse treinamento, a barra foi

retirada, ficando visível, mas, fora do alcance dos sujeitos. No início, os macacos responderam com fúria, mas logo apareceram outros distúrbios: mudanças no ciclo circadiano, fadiga e fraqueza, pêlos mal cuidados e manchados que ficavam embaraçados, dormiam e descansavam mais freqüentemente. Além desses distúrbios, apareceram outros comportamentos não adaptativos como: masturbar-se, apanhar insetos voadores imaginários, realizar movimentos estereotipados, puxar os pêlos compulsivamente e mostrar pouco interesse pelo ambiente externo. Seligman (1977) considera que, apesar de não haver uma teoria que explique as neuroses experimentais, nem se os fenômenos que são observados são essencialmente os mesmos, a incontabilidade é uma variável relevante e a consequência dela são os distúrbios emocionais.

O desamparo adquirido serve, para alguns estudiosos, como modelo de depressão, mesmo sem precisar caracterizar todos os tipos de depressões. Esse modelo de depressão serve de base para compreender, por exemplo, os casos principais em que o indivíduo é mais lento em começar a responder, acredita ser impotente e desesperançado enfrentando o futuro com pessimismo. Essa situação se inicia como reação à perda de controle sobre gratificações e sobre a minoração de sofrimento. Apesar de considerar que a depressão reativa é o eixo principal do modelo de depressão baseado no desamparo, Seligman (1977) afirma que as depressões endógenas têm muito em comum com a reativa, do ponto de vista psicológico. As depressões endógenas aparentemente independem de eventos externos ao organismo, geralmente são cíclicas, se repetem de forma regular e tem duas formas: bipolares e unipolares. A depressão maníaco-depressiva ou bipolar é aquela em que o indivíduo passa por ciclos, que se repetem regularmente (profundo desânimo, estado de espírito neutro, estado de mania hiperativa e superficialmente eufórico), voltando novamente à prostração depois de passar pela neutralidade.

É possível notar, a partir da teoria do desamparo, que quando, por exemplo, as pessoas são expostas a uma situação social caracterizada pela instabilidade, estão sendo expostas a uma aprendizagem do desamparo. As cidades litorâneas que vivem, principalmente, da atividade turística estão sujeitas a mudanças que afetam a vida das pessoas já que, periodicamente, essas perdem as gratificações obtidas com o incremento de turistas (emprego, ganhos extras, satisfação no trabalho, etc.). O movimento cíclico da

sazonalidade turística, semelhante às características da situação maníaco-depressiva (na alta temporada: mania hiperativa e euforia, na baixa estação: profundo desânimo e neutralidade), poderia levar os indivíduos à expectativa de independência entre resposta e consequência, causando, dessa forma, insuficiência motivacional, cognitiva e emocional.

É importante também destacar que, como Seligman (1977) afirma, o desamparo tem limites. Muitas vezes, indivíduos expostos a situações de incontrolabilidade não criam expectativas. Para esses casos, são oferecidas três possibilidades de explicação. Uma delas é a imunização por meio de expectativa contrária (sujeitos que possuem histórias de experiências de controle, dificilmente acreditarão na incontrolabilidade). Outra possibilidade é a imunização por meio de controle discriminativo (sujeitos que aprenderam que exercem controle num contexto determinado, serão capazes de diferenciar a controlabilidade em dois contextos diferentes). Uma terceira possibilidade de explicação de não criar expectativa é a importância relativa das consequências (histórias de eventos traumáticos que geraram desamparo podem ser generalizadas para outros eventos menos traumáticos, entretanto, o inverso pode não ser verdadeiro). Essas explicações mostram que, dificilmente, poderão ser feitas generalizações na aprendizagem do desamparo. No entanto, a existência de características sociais de incontrolabilidade numa determinada situação, exige uma análise atenta a fim de identificar ou prevenir fenômenos relacionados ao desamparo.

1.7 Alguns estudos em saúde e trabalho

As crises econômicas favorecem o adoecimento dos trabalhadores. Seligmann-Silva (1986) comenta uma série de pesquisas realizadas em épocas de crise, destacando seus resultados como importantes contribuições para o entendimento da relação saúde e trabalho. Entre essas, uma pesquisa que buscava identificar de que modo os determinantes econômicos, tanto em fase de crescimento como em épocas de recessão, afetavam a saúde humana, sobretudo, em aspectos relacionados e influenciados pela tensão, hábitos de vida, alimentação e condições de trabalho. Entre as conclusões alcançadas enfatiza que os efeitos da recessão afetam tanto os que trabalham quanto os que perdem o emprego,

particularmente, quando há uma elevação das taxas de desemprego. Indica também, que muitos efeitos da recessão são sentidos após períodos que variam de um a três anos, a partir do qual aumentam os índices de mortalidade infantil e de mortalidade por doenças cardiovasculares vinculadas ao desemprego. Outro dado elucidativo da gravidade desse fenômeno refere-se aos aumentos das taxas de suicídio e homicídio durante o primeiro ano de recessão.

Os fatores sociais também atuam na etiologia das doenças crônicas. Estudos apoiados em pesquisas experimentais como, por exemplo, o citado por Seligmann-Silva (1986), enfatizam à necessidade de estudar além dos fatores econômicos, os fatores sociais. Essas pesquisas experimentais concluíram que as vivências prolongadas de tensão de origem social influenciam negativamente o sistema psiconeuroendócrino, diminuindo a capacidade imunológica do organismo, o que reafirma as evidências da relação causal da tensão na origem do câncer e das doenças cardio-vasculares. Mostra, ainda, que os efeitos das crises não necessariamente são manifestados de imediato, mas lentamente. É o caso do estresse e da fadiga, que vão minando o corpo aos poucos e da exposição a carcinógenos, que só resultará em câncer após quinze a vinte anos.

Segundo Seligman-Silva (1986), apoiada em pesquisas de outros autores como (Brenner e Mooney, Mc Queen e Siegrist, Fried e Laurell e Serrano), os efeitos das crises refletem no corpo dos trabalhadores por longos períodos e, portanto, entende que a história da saúde de uma população não é natural e sim, social. Essa história vai sendo gestada nos processos sociais, antes de ser expressada concretamente. Fica evidente que em todas as situações de crise, os fatores mais perigosos para a saúde são as perdas e as ameaças vivenciadas. Outra conclusão é a constatação de que durante os períodos de aumento de desemprego e de declínio da estabilidade econômica há, paralelamente, o aumento de internações psiquiátricas. Isso revela que a rapidez das mudanças, sem o tempo necessário para que as pessoas consigam desenvolver formas de enfrentar os problemas apoiados em suportes sociais e psicológicos, são perigosos para a saúde.

É possível perceber nos estudos descritos por Seligmann-Silva (1986) que muitas das variáveis identificadas como causadoras potenciais de doenças entre os trabalhadores podem vir a ser encontradas no contexto sócio-econômico deste estudo. O desemprego, a

instabilidade e a variabilidade de estados econômicos e fatores sociais parecem fazer parte, entre outros, das características de algumas cidades que vivem do turismo. Nesse sentido, a responsabilidade dos que têm oportunidade de mudar o processo, chamado por Dejours (2001), de “banalização do mal”, ou seja, da aceitação e naturalização da adversidade do desemprego e da exclusão por meio do discurso economicista é maior. A contribuição que pode ser oferecida para minorar esse processo resulta do conhecimento e compreensão que podem ser alcançados sobre a realidade, sendo esse um dos objetivos propostos por meio deste estudo.

1.8. O desgaste no trabalho

Nos primeiros estudos realizados sobre a saúde dos trabalhadores, a palavra fadiga aparecia como o conceito que expressava os efeitos negativos do trabalho sobre os trabalhadores, tanto que, como indica Wisner (1994), um dos primeiros livros publicados pela Ergonomics Research Society da Sociedade Britânica de Ergonomia, chamava-se “Fatigue”. No entanto, o conceito de fadiga mostrou-se pouco preciso, fazendo com que pesquisadores passassem a utilizar o conceito de “carga de trabalho” e a transformá-lo, também, em objeto de estudo. O conceito de carga de trabalho é utilizado para indicar o resultado da relação entre as exigências e as possibilidades de desempenho no trabalho. Para Wisner (1994) a carga de trabalho envolve a carga psicológica e a carga física. Dejours (1994) distingue duas classes de fenômenos na carga psicológica, uma de ordem neurofisiológica e psicofisiológica, envolvendo variáveis sensoriomotoras, perceptivas, cognitivas, psicossensoriais e outra de ordem psicológica, psicossociológica e sociológica, tais como: variáveis de comportamento, motivacionais, psicopatológicas e de caráter. Propõe então, separar a carga psicológica nas duas ordens, reservando aos aspectos afetivos e relacionais o conceito de “carga psíquica do trabalho”. É possível notar que apesar de utilizar um sistema teórico diferente na análise dos aspectos da saúde e trabalho, as variáveis identificadas por Wisner e Dejours como causadoras de desgaste da saúde, são as mesmas identificadas em outros estudos. Wisner (1994) indica, também, que o sofrimento psicológico, por exemplo, está ligado a vários aspectos do trabalho e a perturbações qualitativas ou quantitativas do sono, que relacionadas com os horários e conteúdo do

trabalho podem, em pouco tempo, determinar uma sobrecarga cognitiva e perturbações psicológicas. Isso mostra que o sofrimento psicológico tem uma abrangência maior e que está ligado aos diversos aspectos. Um bom exemplo disso é a angústia.

A angústia pode ser expressa por meio de comportamentos, especialmente da fala, mas também pode ser expressa através da desregulação neuroendócrina e imunológica, favorecendo ou provocando enfermidades psicossomáticas. A depressão é outra das formas que podem, segundo Wisner (1994), ser associadas à síndrome do desgaste (burnout) em certas situações de trabalho. O termo “burnout” refere-se, segundo Leon e Iguti (1999), a um estado de esgotamento emocional, despersonalização e sentimentos de baixa auto-realização no trabalho. O esgotamento emocional está associado à diminuição de recursos emocionais e sentimentos de inutilidade. A despersonalização é caracterizada por comportamentos progressivamente negativos, cinismo e falta de sensibilidade para com os clientes. Finalmente, a baixa auto-realização está relacionada ao sentimento de ter perdido a eficiência e responsabilidade no trabalho. Por outro lado, notam-se mudanças comportamentais por meio da diminuição das expectativas do trabalho, desinteresse e falta de responsabilidade pelos resultados do mesmo, descaso com o cliente, perda do idealismo e alienação do trabalho. Fechado em si mesmo, o trabalhador tem dúvidas quanto a sua competência profissional. É lícito dizer que “burnout” define um conjunto de comportamentos que determinam o fenômeno do esgotamento no trabalho. Alguns desses comportamentos são similares aos descritos por Seligman (1977) na teoria do desamparo como, diminuição de comportamentos intencionais para a obtenção de resultados, perda de expectativas, irritação, pessimismo e depressão. Isso leva a crer que a síndrome de “burnout” poderia ter entre as variáveis determinantes desse fenômeno, variáveis semelhantes as que determinam a incontrolabilidade.

Independente das patologias que possam surgir relacionadas ao trabalho, para Dejours (1999), sempre existe sofrimento e a única possibilidade é transformá-lo, já que qualquer trabalho implica em ajustes, angústias, sofrimentos e injustiças frequentes, porém, invisíveis. Esse autor também esclarece, que o sofrimento é sempre, antes de tudo, um sofrimento do corpo, engajado no mundo e nas relações com os outros.

Ao caracterizar o que acontece com os trabalhadores de comércio na alta e na baixa temporadas em uma cidade turística, será possível verificar, as oscilações às quais estão sujeitos esses trabalhadores e como essas oscilações afetam seu equilíbrio psicoafetivo, físico, relacional, sensorial, entre outros, gerando sofrimento. Assim, para identificar os aspectos que interferem na saúde dos trabalhadores de comércio é necessário examinar as variáveis que caracterizam as condições de vida, de trabalho e de saúde.

Em estudos realizados entre 1981 e 1983 com trabalhadores siderúrgicos em São Paulo e com trabalhadores de indústrias químicas, petroquímicas, siderúrgicas e de fertilizantes em Cubatão, no Estado de São Paulo, Seligman-Silva (1994) indica diversos aspectos que emergiram como mais importantes na configuração do desgaste como: a migração, a idade, a rotatividade elevada em empregos de baixa qualidade ou trabalho subcontratado, o registro em carteira, a duração da jornada, as pausas, as folgas, o ritmo de trabalho, as condições do ambiente físico e químico do trabalho, as relações interpessoais com chefias e companheiros, a participação real, o nível salarial e o desemprego, entre outros. Esses estudos mostram que a relação entre as variáveis avaliadas tem como conseqüências o deterioro da saúde dos trabalhadores.

O trabalho no comércio em cidades turísticas, apesar de ser uma atividade diferente das estudadas por Seligman-Silva, nas indústrias de Cubatão e São Paulo, possui variáveis semelhantes às apontadas pela autora como geradoras de desgaste. Uma das variáveis semelhantes às apontadas pela autora é a rotatividade em empregos de baixa qualidade ou subcontratados. Essa é uma característica própria do trabalho no comércio, como apontado pelo DIEESE (1999), onde se registra uma rotatividade anual entre cento quarenta (140%) e cento e sessenta (160%) por cento no Estado de Santa Catarina. O registro em carteira é outro dos dados apontados pelo DIEESE (1999) o qual registra que trinta e seis por cento (36%) dos trabalhadores de comércio de Santa Catarina não possuem carteira assinada.

Por outro lado, a jornada de trabalho, o ritmo, as pausas e as folgas são afetadas pelas oscilações sazonais da alta e baixa temporada, pois o incremento do movimento econômico durante o verão obriga os trabalhadores a estender a jornada de trabalho, chegando a treze ou quatorze horas diárias, acelerar o ritmo para atender a grande demanda da clientela e suspender as folgas por todo o período da alta estação. Enfim, as variáveis identificadas nos

estudos das indústrias de Cubatão e São Paulo permitem levantar a hipótese de que essas variáveis podem ser encontradas também, entre as características do trabalho do comércio em cidades turísticas. Portanto, pensar na similaridade de algumas características das condições de trabalho entre essas atividades, induz a pensar que na atividade comercial em cidades turísticas pode haver risco para a saúde, já que as características apontadas pela autora são identificadas como geradoras de desgaste.

1.9. É importante produzir conhecimento sobre as condições de vida, trabalho e saúde dos trabalhadores de comércio em relação à sazonalidade turística

Saber é preciso! Conhecer as condições de vida, trabalho e saúde dos trabalhadores de comércio significa compreender esses indivíduos nas situações concretas onde agem e poder compreender, então, o fenômeno psicológico que ali aparece: o comportamento humano. O comportamento é entendido como o conjunto de relações ou micro-relações que são estabelecidas entre o que um organismo faz e o ambiente antecedente e conseqüente a esse fazer. No caso dos trabalhadores de comércio em uma cidade turística, o ambiente é caracterizado pela instabilidade provocada por mudanças no mundo do trabalho e por uma atividade de comércio sazonal. Essa atividade comercial sofre variações periódicas, que quebram o ritmo de trabalho, a regularidade dos ganhos, as possibilidades de emprego e os modos de vida dos trabalhadores. O conhecimento do que acontece com esses trabalhadores oferecerá maior visibilidade às características das condições de vida, trabalho e saúde desses trabalhadores. Dessa forma, os órgãos públicos e privados, ao conhecerem essas condições, poderão discutir novas alternativas de atividades econômicas ou mudanças nas condições laborais, que minimizem os efeitos negativos da sazonalidade do turismo. Ao contrário, a falta de conhecimento poderá resultar no aumento ou manutenção de conseqüências negativas para os trabalhadores. Por isso, saber é preciso e para saber é importante produzir conhecimento que permita caracterizar as condições de vida, trabalho e saúde dos trabalhadores de comércio em relação à sazonalidade turística.

As mudanças no mundo do trabalho aumentam a incerteza e imprevisibilidade da vida dos trabalhadores. O desemprego estrutural é um dos fatores responsáveis por aumentar o

nível de insegurança, por meio da perda dos empregos estáveis e permanentes. A renda é outro aspecto que vem perdendo o atributo de segurança, em função do aumento da variabilidade e da instabilidade da mesma. As contratações cada vez mais individualizadas, contratos temporários ou trabalhos sem contratos ficam, também, mais inseguras. Frente a essa situação de desemprego e insegurança, algumas cidades encontraram no turismo uma saída viável para diminuir os altos índices de desocupação. Mas, junto com o aumento da oferta de emprego, aparecem características de subproletarização. O trabalho temporário é um desses casos, que traz como conseqüência, o aumento da insegurança emocional dos trabalhadores. É sabido, por exemplo, que as crises econômicas e os fatores sociais favorecem o adoecimento dos trabalhadores e atuam na etiologia das doenças crônicas.

O comércio em uma cidade turística possui características que aumentam a incontrollabilidade e a imprevisibilidade. Uma das características do comércio é a rotatividade, que pode estar sendo aumentada pela sazonalidade da atividade turística, já que essa tem conseqüências consideráveis nas atividades comerciais. A atividade comercial tem também, características que fazem dela uma atividade complexa, por exemplo, só adquire valor quando surge o cliente. Sendo assim, o trabalhador não tem controle sobre o resultado do seu trabalho. Outra característica é que a força de trabalho feminino é uma das mais requisitadas no setor de serviços, do qual o comércio faz parte. No entanto, as mulheres continuam a realizar o trabalho doméstico no próprio lar, demonstrando sua capacidade polivalente e multifuncional. Essa atividade pode ser considerada uma forma de trabalho informal. O acúmulo de trabalho formal e informal sinaliza a precarização a que essas mulheres estão expostas, o que pode trazer prejuízos à saúde delas.

Embora seja difícil estabelecer relações entre o trabalho e a saúde do trabalhador, é sabido que as condições sociais, ambientais e econômicas adversas aceleram os prejuízos para a saúde dos trabalhadores. Para entender a saúde, tem que ser entendido o conceito de saúde como um fenômeno multideterminado. A Epidemiologia Social evidenciou as insuficiências das teorias unicasal e multicausais dos processos saúde doença. Mas, ela mantém uma forma de pensar os determinantes que não permite visualizar como são estabelecidas as relações de multideterminação. Os fatores sociais, ambientais e genéticos devem ser considerados para buscar melhoria na qualidade de vida e da saúde. Assim, saber

o que acontece com os trabalhadores permite determinar probabilisticamente, quanto estão expostos a riscos para sua saúde.

O desamparo pode ser definido como um estado psicológico que é resultado de eventos incontroláveis e pode contribuir para entender o que acontece com os trabalhadores de comércio em uma cidade turística. O desamparo tem como conseqüências mudanças de comportamento de um organismo e serve como modelo de depressão. Quando as pessoas são expostas a uma situação social caracterizada pela instabilidade, está sendo exposta a uma aprendizagem do desamparo. Os trabalhadores de comércio, em uma cidade turística, possuem peculiaridades nas condições de trabalho, afetadas pela sazonalidade do turismo, que somadas aos enfraquecimentos das condições gerais do trabalho podem vir a favorecer a produção do desamparo.

O sofrimento aumenta na mesma proporção que aumenta a incerteza e a imprevisibilidade da vida. As mudanças no mundo do trabalho e a atividade comercial sazonal contribuem para aumentar a insegurança dos trabalhadores. Fadiga, sofrimento, angústia são palavras ou conceitos que expressam efeitos negativos do trabalho, pois, no trabalho sempre existe sofrimento e a única possibilidade de diminuí-lo é sua transformação, já que qualquer trabalho implica em ajustes, angústias, sofrimentos e injustiças. Assim, é necessário conhecer o que acontece com os trabalhadores de comércio para verificar como as oscilações sazonais afetam seu equilíbrio psicoafetivo, físico, relacional, sensorial, entre outros, gerando sofrimento.

MÉTODO

O PROCESSO DE OBTENÇÃO E ANÁLISE DE DADOS SOBRE AS CONDIÇÕES DE VIDA, TRABALHO E SAÚDE DOS TRABALHADORES DE COMÉRCIO EM RELAÇÃO À SAZONALIDADE TURÍSTICA

2.1 Sujeitos

Foram sujeitos 24 trabalhadores de comércio varejista de confecções, de uma cidade litorânea. Do total dos 24 sujeitos, 12 trabalhavam em regime permanente no estabelecimento comercial e 12 trabalhavam em regime de contrato temporário para suprir as demandas de pessoal, necessárias para atender o aumento do movimento na alta estação de turismo. A totalidade dos sujeitos foi do sexo feminino e trabalhavam com atendimento direto ao público ocupando as funções de vendedoras.

2.1.1. Características da cidade

A cidade ocupa uma área de 50 quilômetros quadrados, localizada no litoral, suas praias são o principal atrativo turístico, especialmente, no período de verão. Sua população ascende a 73.266 habitantes, tendo uma densidade demográfica de 1.465,32 habitantes por quilômetro quadrado. A cidade tem uma alta concentração habitacional, 32.910 habitantes estão concentrados no centro da cidade. Na alta temporada turística, a população supera, em média, os 500.000 habitantes. A atividade comercial e de serviços corresponde a 99,2% do total da economia do município. É considerado o oitavo município brasileiro que mais recebe turistas estrangeiros..

2.2 Situação e ambiente

Na alta temporada turística, todas as entrevistas foram realizadas no local de

trabalho dos sujeitos, em 11 estabelecimentos comerciais diferentes. Esses estabelecimentos ficavam localizados, na sua totalidade, no centro da cidade onde está concentrada a maior parte da atividade comercial. O ambiente específico onde ocorreram as entrevistas foi designado pelo proprietário de cada loja ou pelos sujeitos. Em geral, as entrevistas ocorreram próximo aos balcões de atendimento, em um espaço mais reservado ou em salas destinadas ao estoque de mercadorias das lojas. Considerando que as entrevistas foram realizadas durante a jornada de trabalho dos sujeitos e que esses não podiam deixar de atender aos clientes, ocasionalmente, ocorreram interrupções durante o processo de coleta de dados. Outra característica presente no ambiente, durante a aplicação do instrumento, foi o ruído provocado por conversas de outros funcionários das lojas ou clientes e pela sonorização musical interna. Na baixa temporada, as entrevistas dos trabalhadores com regime permanente, foram realizadas no mesmo ambiente que na alta temporada. Porém, em função da diminuição do ritmo de trabalho, as interrupções e ruídos aconteceram com menor intensidade.

Na baixa temporada turística, sete dos sujeitos que trabalhavam em regime temporário, não renovaram seus contratos. Assim, as entrevistas com seis desses sujeitos foram realizadas em suas residências, na sala de visitas. Ruídos e interrupções quase não ocorreram. Um dos sujeitos, não foi localizado na cidade, perdendo-se dessa forma, uma fonte de informação.

2.3 Equipamento e material

Para a obtenção de dados referentes às condições de vida, trabalho e saúde dos trabalhadores de comércio foram realizadas entrevistas orientadas por um roteiro de entrevistas semi-estruturado (Anexo 1), elaborado especialmente para a realização das mesmas. Os materiais utilizados para o registro das entrevistas foram: canetas e folhas de papel ofício com as perguntas e possibilidades de respostas ou grau de respostas, organizadas em blocos individuais para cada sujeito.

2.4 Procedimento

2.4.1 Escolha dos sujeitos

A escolha dos sujeitos da pesquisa foi dada após a escolha dos estabelecimentos comerciais. Foram escolhidos trabalhadores de comércio que ocupavam a função de vendedores e que eram do sexo feminino. Foram sujeitos todas as trabalhadoras, menos duas que se recusaram a participar da pesquisa, dos 11 estabelecimentos comerciais. Faziam parte do quadro permanente e temporário das empresas. As trabalhadoras ocupavam a função de vendedoras com atendimento direto ao público, visto que, gerentes ou caixas, muitas vezes, ao ocuparem um cargo de chefia ou de confiança, podiam representar os interesses do proprietário da empresa, tomando decisões ou mandando executar tarefas. Os sujeitos foram escolhidos a partir das informações dadas pelos proprietários das lojas.

2.4.2 Escolha dos estabelecimentos comerciais

Foram contatados pessoalmente 15 estabelecimentos comerciais para explicar os objetivos da pesquisa e a forma de realização das entrevistas. Esses estabelecimentos eram do comércio varejista do ramo de confecções gerais, atuavam nessa atividade há pelo menos cinco anos e estavam localizadas no centro da cidade onde está concentrada a maior parte da atividade comercial. Do total das 15 lojas, 11 autorizaram a realização das entrevistas, permitindo o contato direto com os sujeitos. As lojas eram micro e medianas empresas e tinham um movimento comercial que retratava as oscilações sazonais da alta e baixa temporada.

2.5 Elaboração do roteiro de entrevista

O roteiro de entrevistas foi elaborado com o intuito de obter informações que permitam responder à pergunta de pesquisa. Para isso, foi feito um estudo exploratório, definindo as diferentes variáveis constituintes do fenômeno a ser investigado. Identificar as

variáveis que compõem um fenômeno permite ter maior controle e visibilidade sobre ele. Isso não significa que o exame de variáveis permita abranger todo o conhecimento sobre o fenômeno investigado, já que isso implicaria na realização de várias investigações ou o desenvolvimento de um programa de pesquisas. Uma única pesquisa permite conhecer algumas variáveis que fazem parte do fenômeno, mas ao mesmo tempo, permite ao pesquisador determinar a extensão, o alcance e o grau de generalidade de seu estudo.

A análise de variáveis partiu da decomposição de quatro aspectos. Perfil dos trabalhadores, condições de vida, condições de trabalho e condições de saúde. Cada um desses aspectos foi decomposto até obter a menor unidade de decomposição que atendesse à necessidade de resposta à pergunta de pesquisa. Dessa forma, o nível de decomposição foi determinado pela pesquisadora. Assim, foram obtidos conjuntos e sub-conjuntos de variáveis, variáveis e valores de variáveis (ver anexo 2).

Após ser concluída a análise de variáveis foi dado início ao processo de construção das perguntas que fariam parte do roteiro de entrevista. As entrevistas visavam: caracterizar o perfil das trabalhadoras de comércio: idade, estado civil, naturalidade, escolaridade e nível sócio-econômico; conhecer as condições de trabalho das funcionárias de comércio como: nível salarial, horas de trabalho diário, dias de descanso, exigências, tempo de serviço, relacionamento interpessoal, entre outros; avaliar as condições de saúde das trabalhadoras de comércio, por meio de dados sobre sua alimentação, sono, atividade física, sintomas ou doenças existentes. As condições de vida também foram alvo da investigação como: relacionamento familiar, condições de moradia, renda familiar e individual (ver anexo 1).

2.6 Contato com os sujeitos

A pesquisadora foi até os estabelecimentos, contatou os proprietários das lojas, a fim de solicitar autorização para a realização das entrevistas e marcar horários. Nesse primeiro contato, a pesquisadora se identificou, informou a instituição à qual estava filiada e apresentou o projeto que pretendia realizar. Obtendo resposta positiva, solicitou

permissão para entrar em contato com os sujeitos da pesquisa e agendar um próximo encontro para dar início às entrevistas.

Tendo identificado por meio das informações do proprietário da empresa o sujeito a ser pesquisado, foi feito o primeiro contato, no qual a pesquisadora utilizou o mesmo procedimento de apresentação que com os proprietários. Foi explicado em que consistia a participação que lhes foi solicitada, quais os propósitos da entrevista, o tipo de pergunta existente e a duração aproximada da mesma. Foram informados também, de que nenhum dado seria identificado, não constando nem o nome do entrevistado nem o nome da loja à que pertenciam e que não seriam repassados dados aos responsáveis das lojas, mantendo assim, sigilo absoluto quanto à autoria de cada entrevista. Assim sendo, foi solicitada a concordância das trabalhadoras para fornecerem as informações de interesse, duas trabalhadoras não aceitaram participar da pesquisa.

No caso das trabalhadoras temporárias, foi necessário também, solicitar o endereço particular e telefone de contato para poder reencontrá-las na baixa temporada, já que existia o risco de perda do sujeito da pesquisa, em função de que essas não permaneceriam trabalhando no mesmo local nesse período.

2.7 Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada em dois momentos diferentes: na alta e na baixa temporadas de uma cidade turística, pois o grande fluxo de turistas concentrado nos meses entre dezembro e março, modifica o ritmo de vida da cidade e muitas de suas características quando comparadas aos demais meses do ano.

As entrevistas foram feitas em um único encontro com os sujeitos, em cada estação turística. Na alta temporada, a coleta de dados das trabalhadoras permanentes e temporárias foi realizada durante os meses de janeiro e fevereiro no local de trabalho e foi utilizado o mesmo roteiro de entrevistas. Os horários foram pré-determinados, de forma a ficarem distribuídos nos períodos de menor movimentação de clientes nas lojas. Os roteiros semi-estruturados foram utilizados para orientar as entrevistas e a duração média de cada

uma foi de 50 minutos. Na baixa temporada, do total das trabalhadoras com regime temporário (N=12), oito não continuaram vinculadas à loja. Das oito, uma delas estava trabalhando em outro estabelecimento, onde ocorreu a entrevista. Outra foi localizada e não se prontificou a participar e os restantes, seis sujeitos, foram entrevistados em suas residências seguindo os mesmos procedimentos, porém com um novo roteiro de entrevista (Anexo 2), a fim de obter dados que traduzam sua nova condição, seja ela de desempregada, estudante, trabalhadora informal ou outra.

Antes de realizar as entrevistas, os roteiros foram submetidos a testes, a fim de corrigir, suprimir, reformular ou aperfeiçoar perguntas dos roteiros, já que é comum perceber nesse tipo de instrumentos possibilidades de indução de respostas, problemas de interpretação ou mesmo repetição de perguntas. As re-elaborações das questões que ofereceram alguma dificuldade ajudaram a tornar mais preciso, claro e simples os roteiros.

2.8 Registro dos dados

Todos os dados foram registrados pelo pesquisador no próprio roteiro de entrevista, em blocos individuais, no momento em que as respostas estavam sendo dadas. Foi respeitada a seqüência das perguntas constantes do roteiro.

2.9 Procedimento de análise dos dados

Ao concluir a coleta de dados, as informações foram reunidas em quatro aspectos: características gerais dos trabalhadores de comércio, por regime de trabalho, na alta e baixa temporada turística; características das condições de vida dos trabalhadores de comércio, por regime de trabalho, na alta e baixa temporada turística; características das condições de trabalho dos trabalhadores de comércio, por regime de trabalho, na alta e baixa temporada turística; e características das condições de saúde dos trabalhadores de comércio, por regime de trabalho, na alta e baixa temporada turística. Cada um desses aspectos foi dividido com base nos conjuntos de variáveis identificados no quadro apresentado em

anexo (Anexo 2). A partir desses agrupamentos, foram registradas em forma de tabelas, as frequências de cada resposta. Logo a seguir, foram construídas tabelas que permitiram notar as distribuições das quantidades de sujeitos e percentagens, por regime de trabalho e os valores de cada uma das variáveis analisadas, na alta e baixa temporada turística. Os dados organizados dessa forma, facilitaram a descrição e interpretação comparativa das informações coletadas, servindo de recurso para a discussão e conclusão da pesquisa.

CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS TRABALHADORES DE COMÉRCIO EM RELAÇÃO À SAZONALIDADE TURÍSTICA

O comércio é uma das atividades mais representativas do setor de serviços, que vem crescendo em quantidade e importância. Essa importância deriva da significativa produção de riquezas e da absorção de força de trabalho. Para Pires (1998) esse tipo de atividade faz parte da totalidade social e contribui para modificar os processos de trabalho dentro da própria dinâmica social, inclusive provocando o aumento ou diminuição da produção industrial. Como todos os setores, o comércio, vem passando por reestruturações para adequar-se às novas exigências de mercado. A modernização na gestão das empresas comerciais, já é uma realidade. A informatização, os controles de estoques, os treinamentos, entre outros, fazem parte da rotina diária de muitos estabelecimentos.

Ao considerar os aspectos que fazem parte das características próprias da atividade comercial, no início do século XXI, é necessário conhecer as características dos sujeitos que estabelecem relações de trabalho nesse contexto. A análise das características dessa população pode fornecer informações importantes sobre as relações estabelecidas entre as condições de trabalho e de saúde. Ao mesmo tempo, é possível estabelecer os nexos entre as condições de vida e as necessidades decorrentes das características gerais desses trabalhadores.

Neste capítulo serão descritos e analisados aspectos gerais que caracterizam os sujeitos pesquisados. Serão apresentados dados referentes às variáveis, idade, escolaridade, estado civil, local de origem e tempo de residência na cidade onde trabalham. Por meio desses dados é possível compreender as relações estabelecidas entre as diferentes variáveis investigadas.

3.1. Características da faixa etária, escolaridade, estado civil, origem e tempo de residência

Na Tabela 3.1 estão apresentados dados sobre a faixa etária dos trabalhadores de comércio. A maioria dos sujeitos (62,5%) está distribuída numa faixa etária que vai dos 18 aos 26 anos. Entre os sujeitos com vínculo de trabalho permanente, 33,3% tem entre 18 a 21 anos e 25,0% tem entre 25 e 26 anos. Já, entre os que têm 33 anos ou mais estão 25,0% dos sujeitos permanentes e 16,7% tem entre 29 a 30 anos. Entre os sujeitos com regime de trabalho temporário, 33,3% tem entre 18 e 20 anos e quase a mesma quantidade, (33,4%) tem de 21 a 24 anos. Na faixa dos 33 anos ou mais, encontram-se os outros 33,3%.

TABELA 3.1

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS,
POR REGIME DE TRABALHO E FAIXA ETÁRIA

Regime de trab.	PERMANENTES		TEMPORÁRIOS		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
18 – 20	3	25,0	4	33,3	7	29,2
21 – 22	1	8,3	2	16,7	3	12,5
23 – 24	0	0	2	16,7	2	8,3
25 – 26	3	25,0	0	0	3	12,5
27 – 28	0	0	0	0	0	0
29 – 30	2	16,7	0	0	2	8,3
31 – 32	0	0	0	0	0	0
33 ou mais	3	25,0	4	33,3	7	29,2
TOTAL	12	100,0	12	100,0	24	100,0

A distribuição das características da escolaridade, relatada pelos sujeitos em cada regime de trabalho, está apresentada na Tabela 3.2. Do total dos sujeitos, 37,5% possuem 2º grau completo e 33,3% possuem 3º grau incompleto. Da totalidade de sujeitos, 58,3 % parou de estudar e 41,7% continua estudando. Entre os que trabalham em regime permanente, 75,0% não estudam e 25,0% continuam estudando, sendo que, entre os que

trabalham em regime temporário, 58,3% continuam com essa atividade e 41,7% pararam de estudar.

TABELA 3.2

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO, NÍVEL DE ESCOLARIDADE E CONTINUIDADE DOS ESTUDOS

Regime de trabalho Quantidade	PERMANENTES		TEMPORÁRIOS		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
Escolaridade						
1º grau compl.	3	25,0	1	8,3	4	16,7
2º grau incom.	1	8,4	1	8,3	2	8,3
2º grau compl.	4	33,3	5	41,7	9	37,5
3º grau incom.	4	33,3	4	33,4	8	33,3
3º grau compl.	0	0	1	8,3	1	4,2
TOTAL	12	100,0	12	100,0	24	100,0
Continúa estudan.	3	25,0	7	58,3	10	41,7
Parou de estudar	9	75,0	5	41,7	14	58,3
TOTAL	12	100,0	12	100,0	24	100,0

Na Tabela 3.3 estão apresentadas as distribuições das quantidades de sujeitos e das percentagens de indicações do estado civil dos mesmos, por regime de trabalho. Do total de sujeitos, a maioria (62,5%) é solteira. Dentre os trabalhadores que trabalham de forma permanente 75,0% são solteiros, 16,7% casados e o restante 8,3% são separados. Entre os que trabalham em regime temporário 50,0% são solteiros, 25% casados, 16,7% moram junto com o companheiro e 8,3% são separados.

TABELA 3.3
DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR
REGIME DE TRABALHO E ESTADO CIVIL

Regime de trabalho Quantidade	PERMANENTES		TEMPORÁRIOS		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
Casado	2	16,7	3	25,0	5	20,9
Solteiro	9	75,0	6	50,0	15	62,5
Separado	1	8,3	1	8,3	2	8,3
Viúvo	0	0	0	0	0	0
Coabitando	0	0	2	16,7	2	8,3
TOTAL	12	100,0	12	100,0	24	100,0

A Tabela 3.4 permite ver a distribuição das quantidades de sujeitos pelos estados de origem, nos diferentes regimes de trabalho. A indicação de Santa Catarina como local de origem foi feita por 79,1% do total de sujeitos, seguida por Rio Grande do Sul que foi indicado por 8,3% dos sujeitos. 75,1% dos que tem regime permanente são de origem catarinense. Entre os que trabalham com regime temporário, 83,4% tem a mesma origem.

TABELA 3.4
DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR
REGIME DE TRABALHO E ESTADO DE ORIGEM

Regime de trabalho Quantidade	PERMANENTES		TEMPORÁRIOS		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
Santa Catarina	9	75,1	10	83,4	19	79,1
Rio Gde. do Sul	1	8,3	1	8,3	2	8,3
Paraná	1	8,3	0	0	1	4,2
São Paulo	1	8,3	0	0	1	4,2
Rio de Janeiro	0	0	1	8,3	1	4,2
TOTAL	12	100,0	12	100,0	24	100,0

A Tabela 3.5 mostra a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e tempo de residência na cidade onde trabalham. Do total de sujeitos, 50,0% relata residir, na cidade onde trabalham, há mais de 10 anos. Dentre os sujeitos que trabalham em regime permanente, 58,3%, também, residem há mais de 10 anos, enquanto, os que trabalham em regime temporário, 58,3% residem na cidade local de trabalho há menos de 10 anos.

TABELA 3.5

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E TEMPO DE RESIDÊNCIA NA CIDADE ONDE TRABALHAM

Regime de trabalho Quantidade Tempo de residência	PERMANENTES		TEMPORÁRIOS		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
De 1 a 5 anos	3	25,0	4	33,3	7	29,2
De 5 a 10 anos	2	16,7	3	25,0	5	20,8
Mais de 10 anos	7	58,3	5	41,7	12	50,0
TOTAL	12	100,0	12	100,0	24	100,0

3.2. Os trabalhadores de comércio são jovens e possuem um elevado nível de escolaridade

O comércio possui uma força de trabalho jovem e com bom nível de estudo. Por meio dos dados coletados é possível verificar que a maioria dos sujeitos pesquisados é jovem, com idades que variam de 18 a 26 anos. Esse dado coincide com outros estudos, como o apresentado por Almeida (1997) onde constatou que a faixa de idade que concentra maior número de trabalhadores do comércio é de 18 a 24 anos. Isso confirma o fato de que muitos jovens que ingressam no mercado de trabalho, encontram no comércio sua primeira chance de emprego. Nesse local, as exigências técnicas e de experiências são, por enquanto, menos solicitadas que em outros setores. Respeito à escolaridade é notado um elevado nível de escolarização. Mais de um terço dos sujeitos possuem 3º grau incompleto, sendo que

41,7% continuam estudando. Outro dado que merece ser destacado é que a totalidade dos sujeitos tem o 1º grau completo. Esses dados corroboram a tendência de que o comércio, cada vez mais, demanda por pessoal qualificado. Leite (1995) indica que a nova ótica empresarial exige que o trabalhador não somente deve ser tecnicamente competente, mas precisa ter um desenvolvimento pessoal que lhe permita ser cooperativo, ter iniciativa, liderança e envolvimento. Os dados relativos ao estado civil mostram que a maioria é solteira. Isso, certamente, está associado à juventude e ao início da vida laboral. Os jovens estão mais preocupados com projetos profissionais que permitam mais tarde estabelecer relações conjugais. Respeito à origem é possível verificar que a grande maioria pertence ao estado onde trabalha, entretanto, 20,7% do total provém de outras cidades do estado. Esse dado mostra o movimento migratório de indivíduos que buscam destinos turísticos, à procura de empregos. A metade dos sujeitos pesquisados reside na cidade onde trabalha há mais de dez anos, a outra metade mora há menos tempo. Isso mostra que os sujeitos, mesmo tendo como origem o estado onde trabalham, migram de outras cidades do interior, provavelmente também, à procura de emprego em cidades que vivem do turismo. Assim, os dados sobre a origem coincidem com as informações do DIEESE (1999), que afirma que os trabalhadores de comércio são de procedência urbana.

Em síntese: o comércio em cidades turísticas tem uma força de trabalho jovem e preparada intelectualmente. O conjunto de dados examinados mostra que além de possuir esses atributos, os trabalhadores de comércio são na sua maioria solteiros e de procedência urbana. Sendo assim, é possível concluir que o comércio com características sazonais possui um conjunto de trabalhadores com características gerais favoráveis.

CONDIÇÕES DE VIDA DOS TRABALHADORES DE COMÉRCIO, EM RELAÇÃO À SAZONALIDADE TURÍSTICA

Investigar as condições de vida de uma população pressupõe, de certo modo, a análise das variáveis que determinam a qualidade de vida da mesma. O conceito de qualidade de vida é amplamente discutido por estudiosos e pesquisadores dessa área e as divergências são consideráveis. Entretanto, parece útil considerar algumas conceituações. Lipp (2001) partindo das diretrizes do “World Health Organization” que indica que “qualidade de vida não é simplesmente a ausência de doença”, propõe outro conceito onde mostra que a qualidade de vida adequada envolve um estado de bem estar profissional, social, emocional e físico. A autora considera que o elemento crítico é o estresse emocional. Esse se relaciona com vários eventos que prejudicam a qualidade de vida, como a pobreza, as perdas, as dificuldades econômicas e interpessoais, entre muitos outros. Já para Stepke (1998) o conceito de qualidade de vida inclui quatro características que o definem: O caráter subjetivo, onde o valorativo e o individual permitem que só as pessoas possam dizer se sua vida é boa ou má. O caráter multidimensional, que configura uma rede de aspectos ou variáveis que vão além da saúde do indivíduo, incluem as relações com outras pessoas, a intimidade, as crenças, os estilos de vida, entre outros. O caráter complexo, dado pela busca constante do equilíbrio entre as diferentes variáveis. E, finalmente, o caráter dinâmico, quarta característica do conceito de qualidade de vida, pois as referências variam tanto com as pessoas com o passar do tempo, como com as mudanças de locais. A educação, por exemplo, introduz exigências e esperanças novas na vida. Nesses dois conceitos é possível verificar algumas variáveis que foram investigadas na caracterização das condições de vida, trabalho e saúde dos trabalhadores de comércio em relação à sazonalidade. Nesse sentido, apesar de não ser a qualidade de vida o objeto central de estudo, as análises e relações feitas entre os dados coletados, podem oferecer base para iniciar uma discussão sobre a mesma.

As informações a respeito das condições de vida dos trabalhadores de comércio em uma cidade turística permitem ampliar o entendimento do que acontece com a vida cotidiana desses trabalhadores em contingências diferentes, na alta e na baixa temporadas

turísticas. Os dados coletados permitem estabelecer relações entre as diferentes variáveis, tanto daquelas que fazem parte das condições de vida, como de outras incluídas nas condições de trabalho e de saúde. Na primeira parte são apresentados dados sobre as características do tempo e da convivência familiar. Na segunda parte são apresentadas as características da renda individual e familiar. Na terceira, são apresentados dados sobre as características do trabalho, moradia e suporte social. As características da realização de objetivos pessoais, profissionais e familiares são apresentadas ao final do capítulo.

4.1. Características da administração do tempo e convivência com a família

A Tabela 4.1 apresenta a distribuição das quantidades de sujeitos e percentagens, por regime de trabalho e quantidade de pessoas com quem moram, na alta e na baixa temporadas turísticas. Dos que trabalham em regime permanente durante a alta temporada, 41,7% moram com mais uma pessoa e 33,3% com mais duas pessoas. Na baixa temporada 35,3% moram com mais uma, 11,8% com mais duas, 17,% com mais quatro e 17,6%

TABELA 4.1

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E QUANTIDADE DE PESSOAS COM QUEM MORAM, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada Quantidade Pessoas com quem mora	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
	Só	0	0	3	17,6	2	16,7	1	16,6	2	8,3	4
Mais 1	5	41,7	6	35,3	0	0	1	16,7	5	20,9	7	30,5
Mais 2	4	33,3	2	11,8	4	33,4	3	50,0	8	33,3	5	21,7
Mais 3	0	0	1	5,9	1	8,3	1	16,7	1	4,2	2	8,7
Mais 4	2	16,7	3	17,6	4	33,3	0	0	6	25,0	3	13,1
Mais 5	1	8,3	1	5,9	1	8,3	0	0	2	8,3	1	4,3
Mais 6	0	0	1	5,9	0	0	0	0	0	0	1	4,3
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

moram sozinhas. Entre os que trabalham temporariamente, na alta temporada, 33,4% moram com mais duas pessoas, a mesma quantidade, 33,3% moram com mais quatro pessoas e 16,7% moram sozinhas. Na baixa temporada, 50% moram com mais duas pessoas. Do total de sujeitos, na alta temporada 83,4% moram com uma, duas, três ou quatro pessoas. Na baixa temporada 74,0% moram com a mesma quantidade de pessoas e 17,4% moram sozinhas.

A Tabela 4.2 permite ver a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e quantidade de horas da jornada de trabalho, na alta e na baixa temporadas turísticas. Dos sujeitos que trabalham em regime permanente, a maioria, 58,3% o fazem de 10 a 14 horas diárias. Na baixa temporada 88,2% trabalham de seis a oito horas, 11,8% trabalham nove horas diárias e ninguém trabalha 10 horas ou mais. Entre os sujeitos que trabalham temporariamente, 75% o fazem de seis a oito horas diárias, 16,7% trabalham 12 horas e 8,3% trabalham durante 10 horas por dia.

TABELA 4.2

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E QUANTIDADE DE HORAS DE JORNADA DE TRABALHO, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada Quantidade Horas de jornada de trabalho	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS ***		TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		ALTA		BAIXA	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
6	0	0	4	23,5	2	16,7	2	8,3	4	23,5
7	2	16,7	4	23,5	1	8,3	3	12,5	4	23,5
8	2	16,7	7	41,2	6	50,0	8	33,3	7	41,2
9	1	8,3	2	11,8	0	0	1	4,2	2	11,8
10	1	8,3	0	0	1	8,3	2	8,3	0	0
11	1	8,3	0	0	0	0	1	4,2	0	0
12	2	16,7	0	0	2	16,7	4	16,7	0	0
13	2	16,7	0	0	0	0	2	8,3	0	0
14	1	8,3	0	0	0	0	1	4,2	0	0
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	24	100,0	17	100,0

*** Não há trabalhadores temporários em situação de emprego na baixa temporada.

A distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e quantidade de dias de folga por mês, na alta e na baixa temporadas turísticas está apresentada na Tabela 4.3. Dos sujeitos que trabalham permanentemente, na alta temporada, 33,3% dizem não ter dia de folga algum por mês durante esse período; 25,0% têm dois dias de folga mensais; 16,7% têm um dia e outros 16,7% têm quatro dias de folga por mês durante esse período. Na baixa temporada, 47,1% dizem ter quatro dias para a mesma finalidade; 23,5% dizem ter três dias de folga mensais e 23,5% tem dois dias. Entre os trabalhadores com regime de trabalho temporário, na alta temporada, 58,3% dizem ter quatro dias de folga; 16,7% têm dois dias e outros 16,7% não têm dias de folga algum.

TABELA 4.3

DISTRIBUIÇÃO DA QUANTIDADE DE SUJEITOS E AS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E QUANTIDADE DE DIAS DE FOLGA NO MÊS, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada Quantidade Dias de folga no mês	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS		TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		ALTA		BAIXA	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
	Nenhum	4	33,3	0	0	2	16,7	6	25,0	0
1	2	16,7	1	5,9	0	0	2	8,3	1	5,9
2	3	25,0	4	23,5	2	16,7	5	20,9	4	23,5
3	1	2,3	4	23,5	1	8,3	2	8,3	4	23,5
4	2	16,7	8	47,1	7	58,3	9	37,5	8	47,1
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	24	100,0	17	100,0

Na Tabela 4.4 é possível notar a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e quantidade de horas dedicadas ao lazer na última semana, na alta e na baixa temporadas turísticas. Entre os trabalhadores com vínculo empregatício permanente, 25,0% dizem ter dedicado três a quatro horas de lazer na última semana; 25,0% dizem ter dedicado nove a dez horas e outros 25,0% relatam ter dedicado mais de dez horas ao lazer na última semana. Na baixa temporada, 41,2% dizem ter dedicado nada de horas ao lazer; 17,6% relatam ter dedicado três a quatro horas e outros

17,6% dizem ter dedicado nove a dez horas ao lazer na última semana. Entre os trabalhadores vinculados temporariamente ao trabalho, na alta temporada, 41,7% dizem ter dedicado nada de tempo ao lazer na última semana; 16,7% relatam que dedicaram uma a duas horas e outros 16,7% manifestam que dedicaram nove a dez horas para a mesma finalidade. Na baixa temporada, 49,9% dizem ter dedicado mais de 10 horas ao lazer na última semana; 16,7% relatam que dedicaram sete a oito horas; 16,7% dizem ter dedicado cinco a seis horas e outros 16,7% manifestam que dedicaram sete a oito horas.

TABELA 4.4

DISTRIBUIÇÃO DA QUANTIDADE DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E QUANTIDADE DE HORAS DEDICADAS AO LAZER NA ÚLTIMA SEMANA, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
Temporada												
Quantidade												
Horas dedicadas ao lazer na última semana	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
0	2	16,7	7	41,2	5	41,7	1	16,7	7	29,2	8	34,8
1 - 2	0	0	2	11,8	2	16,7	0	0	2	8,3	2	8,7
3 - 4	3	25,0	3	17,6	1	8,3	0	0	4	16,7	3	13,1
5 - 6	1	8,3	0	0	1	8,3	1	16,7	2	8,3	1	4,3
7 - 8	0	0	0	0	0	0	1	16,7	0	0	1	4,3
9 - 10	3	25,0	2	11,8	2	16,7	0	0	5	20,8	2	8,7
Mais de 10	3	25,0	3	17,6	1	8,3	3	49,9	4	16,7	6	26,1
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

A Tabela 4.5 apresenta a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e quantidade de horas diárias compartilhadas com a família, na alta e na baixa temporadas turísticas. 50,0% dos sujeitos que trabalham com regime permanente, na alta temporada, compartilham menos de quatro horas diárias com a família, 8,3% mais de oito horas. Na baixa temporada, 35,3% compartilham com a família mais de oito horas e 23,5% menos de quatro horas. Entre os que trabalham

temporariamente, na alta temporada, 50% compartilham de quatro a oito horas diárias com a família e 33,3% compartilham mais de oito horas. Na baixa temporada 100,0% compartilham mais de 8 horas.

TABELA 4.5

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E QUANTIDADES DE HORAS DIÁRIAS COMPARTILHADAS COM A FAMÍLIA, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
Temporada												
Quantidade												
Horas diárias junto com a família	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Nenhuma	0	0	1	5,9	0	0	0	0	0	0	1	4,3
Menos de 4 horas	6	50,0	4	23,5	2	16,7	0	0	8	33,3	4	17,4
De 4 a 8 horas	5	41,7	6	35,3	6	50,0	0	0	11	45,8	6	26,1
Mais de 8 horas	1	8,3	6	35,3	4	33,3	6	100,0	5	20,9	12	52,2
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

Na Tabela 4.6 estão apresentados os dados sobre a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e ocasiões que costumam compartilhar com a família, na alta e na baixa temporadas turísticas. Os trabalhadores permanentes, na alta temporada, indicam os finais de semana com 41,7% das respostas como a ocasião onde mais compartilham com a família; 16,7% dizem compartilhar mais tempo com a família, no final do expediente e outros, 16,7% o fazem durante as refeições. Na baixa temporada a maior proporção de respostas (41,2%) indica que a convivência ocorre durante as refeições; 35,3% indica que o fazem no final do expediente e 29,4% somente o fazem nos finais de semana. Entre os trabalhadores com regime temporário, na alta temporada, 33,3% dizem que é no final do expediente quando mais compartilham com a família, 25,0% nos finais de semana e outros 25% durante as refeições. Na baixa temporada, 50,0% indicou que compartilham o dia todo com a família.

TABELA 4.6

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E OCASIÕES QUE COSTUMAM COMPARTILHAR COM A FAMÍLIA, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
Temporada												
Quantidade												
Ocasões que compartilha com a família	N	%	N**	%	N	%	N	%	N	%	N**	%
Nenhuma	0	0	1	5,9	0	0	0	0	0	0	1	4,3
Antes do expediente	1	8,3	1	5,9	0	0	0	0	1	4,2	1	4,3
Final do expediente	2	16,7	6	35,3	4	33,3	1	16,7	6	25,0	7	30,4
Final de semana	5	41,7	5	29,4	3	25,0	2	33,3	8	33,3	7	30,4
Folgas	1	8,3	0	0	0	0	0	0	1	4,2	0	0
Durante refeições	2	16,7	7	41,2	3	25,0	0	0	5	20,8	7	30,4
O dia todo	0	0	0	0	0	0	3	50,0	0	0	3	13,0
Outros	1	8,3	0	0	2	16,7	0	0	3	12,5	0	0
TOTAL	12	100,0	17	*117,7	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	*112,8

* O percentual registrado é superior a 100%, pois há mais de uma resposta por sujeito pesquisado.

** Neste caso observa-se que em N há mais de uma resposta por sujeito pesquisado. O total de N representa o total de sujeitos pesquisados.

Na Tabela 4.7 estão apresentados dados sobre a distribuição das quantidades de sujeitos e percentagens, por regime de trabalho e a frequência (em graus que variam de 0=nunca a 10=sempre) com que os sujeitos pesquisados realizam atividades conjuntas com suas famílias, na alta e na baixa temporadas turísticas. É possível notar que dos que trabalham com regime permanente, na alta temporada, 25,0% indicam uma frequência entre três a quatro (poucas vezes); 41,7% indicam de cinco a seis (algumas vezes); 25,0% indicam os graus sete a oito (muitas vezes). Na baixa temporada, maior proporção, 53,0% indicam uma frequência mais baixa de atividades com a família (de três a quatro = poucas vezes) e o restante, 17,6% indicam uma frequência maior de cinco a seis (algumas vezes); e outros 17,6% indicam os graus nove a dez (sempre). Entre os que trabalham com regime temporário, na alta temporada, 41,7% indicam que realizam atividades conjuntas com a família numa frequência maior que varia de sete a oito (muitas vezes); 25,0% indicam uma

freqüência menor, de cinco a seis (algumas vezes); e 16,7% indicam graus de nove a dez (sempre). Na baixa temporada, a porção maior de sujeitos, 33,3% indica uma freqüência de três a quatro (poucas vezes); 33,3% indicam cinco a seis (algumas vezes); 16,7% indicam os graus sete a oito (muitas vezes); e a mesma quantidade 16,7% indicam a freqüência de nove a dez (sempre) de atividades conjuntas com a família.

TABELA 4.7

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E FREQUÊNCIA (0=NADA E 10 = MUITO) DAS ATIVIDADES CONJUNTAS COM A FAMÍLIA, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada Quantidade Freqüência das atividades com a família	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1 - 2	0	0	0	0	1	8,3	0	0	1	4,2	0	0
3 - 4	3	25,0	9	53,0	1	8,3	2	33,3	4	16,7	11	47,9
5 - 6	5	41,7	3	17,6	3	25,0	2	33,3	8	33,3	5	21,8
7 - 8	3	25,0	2	11,8	5	41,7	1	16,7	8	33,3	3	13,0
9 - 10	1	8,3	3	17,6	2	16,7	1	16,7	3	12,5	4	17,3
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

Na Tabela 4.8 é possível notar a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e ocasiões em que realizam atividades conjuntas com a família, na alta e na baixa temporadas turísticas. Os sujeitos que trabalham com regime permanente, na alta temporada, indicaram os finais de semana e feriados ou folgas como as ocasiões onde mais realizam atividades com a família, somando 91,7% das respostas. Na baixa temporada, a categoria, outros, aparece com 29,4% das respostas dadas e os finais de semana e feriados ou folgas somam 58,8%, um percentual menor que no período anterior. Entre os que trabalham em regime temporário, na alta temporada, 66,7% das respostas correspondem aos finais de semana, feriados e folgas como as ocasiões que realizam atividades conjuntas com a família e 50% de respostas indicam outras ocasiões. Na baixa

temporada, todas as respostas concentram-se nos finais de semana, feriados e folgas como as ocasiões que realizam atividades com a família.

TABELA 4.8

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E OCASIÕES EM QUE REALIZAM ATIVIDADES CONJUNTAS COM A FAMÍLIA, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
Temporada												
Quantidade												
Ocasiões que realiza atividades com a família	N *	%	N *	%	N *	%	N *	%	N *	%	N *	%
Final de semana	6	50,0	7	41,2	6	50,0	5	83,3	12	50,0	12	52,2
Feriado -folga	5	41,7	3	17,6	2	16,7	3	50,0	7	29,2	6	26,1
Férias	4	33,3	2	11,8	0	0	0	0	4	16,7	2	8,7
Todo dia	0	0	1	5,9	0	0	0	0	0	0	1	4,3
Outros	1	8,3	5	29,4	6	50,0	0	0	7	29,2	5	21,7
TOTAL **	12	133,3	17	105,9	12	116,7	6	133,3	24	125,1	23	113,0

* Neste caso observa-se que em N há mais de uma resposta por sujeito pesquisado, por isso, o total é inferior à soma dos valores parciais.

** O total de N corresponde ao total de sujeitos pesquisados e não a quantidade de respostas dadas. O total de percentagens supera os 100%, pois há mais respostas que sujeitos.

A Tabela 4.9 apresenta a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e duração das atividades conjuntas com a família, na alta e na baixa temporadas turísticas. Entre os trabalhadores em regime permanente, na alta temporada, a maioria, 58,3% indicam meio dia a duração das atividades com a família e 41,7% menos de meio dia. Na baixa temporada, 70,6% indicam meio dia, 17,6%, uma proporção menor que no período anterior, indicam menos de meio dia e 11,8% indicam o dia todo. Entre os que trabalham em regime temporário, na alta temporada, 41,7% indicam meio dia a duração das atividades com a família e 25% o dia todo. Na baixa temporada, 50% indicam que passam o dia todo e 33,3% dizem passar meio dia com a família em atividades conjuntas.

TABELA 4.9

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E DURAÇÃO DAS ATIVIDADES CONJUNTAS COM A FAMÍLIA NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
Temporada												
Quantidade												
Duração das atividades com a família	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Menos de 1 dia	5	41,7	3	17,6	2	16,7	1	16,7	7	29,1	4	17,4
1 dia	7	58,3	12	70,6	5	41,7	2	33,3	12	50,0	14	60,9
O dia todo	0	0	2	11,8	3	25,0	3	50,0	3	12,5	5	21,7
Não tem	0	0	0	0	1	8,3	0	0	1	4,2	0	0
Não sabe	0	0	0	0	1	8,3	0	0	1	4,2	0	0
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

4.2. O tempo e a convivência familiar são prejudicados pela sazonalidade do turismo

Em geral, os sujeitos pesquisados fazem parte de famílias pequenas. A maioria vive com mais uma ou duas pessoas. Pelo fato da maioria ser jovem, muitos deles moram com o pai e a mãe. Outros moram com os namorados e é comum também, que alguns compartilhem o apartamento com amigos. Outra característica que a Tabela 4.1 permite notar é que existe uma variabilidade da quantidade de pessoas que convivem na alta e na baixa temporadas turísticas. Os dados parecem retratar algo comum em uma cidade turística. Na alta temporada, alguns trabalhadores alugam seus apartamentos ou casas para turistas, para obter uma renda extra. Isso os obriga a morar temporariamente na casa de parentes ou amigos. Já, na baixa temporada, alguns trabalhadores temporários saem da cidade para estudar em outras, onde moram sozinhos. Essa mudança de ambiente pode trazer como consequência o aumento da ansiedade e, em muitos casos também, o aumento da quantidade de pessoas no convívio diário pode ser um elemento produtor de estresse. A cada temporada, os sujeitos são obrigados a mudar de hábitos, costumes, adaptar-se a novos ambientes e pessoas.

Os dados revelam que as horas da jornada de trabalho mudam de uma temporada para outra. Durante a alta temporada, a maioria dos trabalhadores com regime permanente trabalha de 10 a 14 horas diárias, enquanto na baixa temporada, trabalham menos que nove horas por dia. O comércio de cidades turísticas aumenta o horário de atendimento na alta temporada, já que há uma demanda maior em função do número de turistas. Os trabalhadores se submetem a essa jornada com o objetivo de conseguir um incremento na renda, mesmo que isso signifique um alto nível de desgaste da saúde. A maioria dos trabalhadores com contratos temporários, na alta temporada, tem uma jornada de trabalho de seis a oito horas. Por meio desse dado é possível notar que a força de trabalho temporária serve, sobretudo, às necessidades imediatas das empresas. Enquanto os trabalhadores contratados permanentes trabalham mais tempo para aproveitar ganhos extras, os contratados temporariamente só têm oportunidade de trabalhar as horas de maior movimento, dividindo a possibilidade de ganhos extras com os outros. Além de contar com pouca segurança no emprego, os trabalhadores temporários têm menos chances de alcançar uma renda maior, que lhes permita suprir suas necessidades na baixa temporada. Essas informações coincidem com as apreciações que Rifkin (1995) faz sobre o trabalho temporário.

As folgas são consideradas tempo livre, social e fisiologicamente necessárias. Como Sel (2001) indica, têm por objetivo a restituição da capacidade de trabalho que pode estar afetada pela fadiga e o planejamento da vida privada do trabalhador. Os trabalhadores de comércio, sobretudo os que possuem vínculo permanente de trabalho, relatam que durante a alta temporada, as folgas são reduzidas ou suspensas. 33,3% desses sujeitos trabalham todo o período de alta temporada (dezembro a março) sem folga alguma. É necessário considerar que esses trabalhadores são os mesmos que, nesses períodos, trabalham jornadas que alcançam 14 horas diárias. Isso permite deduzir que esses sujeitos têm poucas oportunidades de restituição da capacidade de trabalho, como também, que isso tem influência direta na sua saúde. O tempo fora do trabalho no período de alta temporada é, dessa forma, muito restrito e as oportunidades para compartilhar com a família, também sofrem prejuízos. Os trabalhadores com vínculo temporário de trabalho são menos afetados, a maioria diz que possuem quatro folgas mensais. Mesmo assim, há uma quantidade importante (41,7%) que não tem assegurado o direito de quatro folgas mensais. Esses dados

confirmam também, a tendência indicada por Antunes (1999), de precarização das relações de trabalho.

O lazer é uma das variáveis importantes para a qualidade de vida das pessoas. Ao examinar os dados relacionados ao tempo dedicado ao lazer, é possível constatar (ver Tabela 4.4) que, ao contrário do que é de esperar, os trabalhadores com regime permanente de trabalho, dedicam mais tempo ao lazer durante a alta temporada. Os sujeitos que trabalham temporariamente, dizem que é durante a baixa temporada que dedicam mais tempo a essa atividade. Esses dados, a princípio podem parecer contraditórios, sobretudo dos trabalhadores permanentes, mas, fazendo um exame mais amplo, é possível deduzir que na alta temporada turística o ambiente configurado é mais propício para o lazer. Outra variável que pode estar influenciando é o salário, maior no período de alta temporada, permitindo aos trabalhadores o acesso a esse tipo de atividades. Da mesma forma, os dados permitem pensar, no caso dos sujeitos com vinculação permanente no trabalho, que a baixa temporada representa um período de retração econômica que impede ou dificulta os trabalhadores de realizar atividades de lazer nesse período. Os trabalhadores com regime temporário mostram um comportamento diferente, provavelmente devido à própria insegurança de continuar com o emprego. Os ganhos durante a alta temporada servem como reserva econômica para enfrentar o período de baixa temporada. Os dados permitem notar então, que o tempo dos trabalhadores, dedicado ao lazer, também sofre variações provocadas pela sazonalidade turística.

As horas compartilhadas com a família estão relacionadas com o horário da jornada de trabalho e as folgas. Assim, metade dos trabalhadores com regime permanente, na alta temporada, relatam que compartilham com suas famílias menos de quatro horas diárias. Considerando que alguns dos sujeitos trabalham 14 horas diárias, é possível deduzir que o tempo disponível para as tarefas domésticas, higiene pessoal, entre outros, é exíguo. No caso das mulheres, sobretudo as casadas ou com filhos, esse fato constitui um aspecto que preocupa. O acúmulo de papéis e de jornadas de trabalho constitui um dos elementos que, provavelmente, aumentam os níveis de ansiedade e estresse. Essas constatações são compatíveis com o exame que Brito (2000) faz sobre a precarização do trabalho e suas conseqüências para a saúde das mulheres trabalhadoras. Os sujeitos com regime de trabalho temporário possuem mais tempo para compartilhar com a família. São poucos os que

trabalham mais de oito horas diárias, na alta temporada. Em ambos os casos, trabalhadores temporários e permanentes, compartilham mais tempo com a família nos finais de expediente, nos finais de semana e durante as refeições. Entre os que trabalham de forma permanente, as ocasiões que compartilham mais com a família sofrem mudanças entre a alta e a baixa temporadas turísticas. Na baixa temporada, esses trabalhadores dedicam maior tempo à família, após a jornada de trabalho e durante as refeições. Certamente, a diminuição de horas de trabalho diária, permite a esses trabalhadores um convívio maior com suas famílias. No caso dos sujeitos que trabalham temporariamente é nítida a mudança de comportamento na baixa temporada. Metade dos mesmos compartilham o dia todo com suas famílias, já que não estão envolvidos em outras atividades. Algumas mulheres que trabalhavam temporariamente, na alta temporada, voltam a ser donas de casa, na baixa temporada, dedicando todo seu tempo às tarefas domésticas e ao cuidado dos filhos.

Respeito à frequência com que realizam atividades conjuntas com a família, é possível notar que, apesar dos trabalhadores com vínculo permanente, na baixa temporada, terem mais tempo para realizar atividades conjuntas com a família, não o fazem. Esse fato pode ser atribuído a um padrão de comportamento aprendido. Tanto a família quanto o trabalhador aprendem a serem mais independentes e autônomos, na medida em que, durante a alta temporada, não existe outra possibilidade, cada um deve cuidar de si, pois todos estão ocupados em seus trabalhos. No caso dos trabalhadores com regime de trabalho temporário, na alta temporada, um maior número manifesta realizar atividades conjuntas com a família, muitas vezes ou sempre. Muitos desses trabalhadores são estudantes, que aproveitam o período da alta temporada para trabalhar. Como o horário da jornada de trabalho, nesses casos é menor, permite a esses trabalhadores aproveitar o período de verão para realizar passeios com a família, ir à praia ou outras atividades.

Esse fato é corroborado também com os dados apresentados na Tabela 4.7, onde pode ser observado que, na baixa temporada, esses mesmos trabalhadores realizam com menos frequência atividades com a família. Provavelmente, isso acontece em função dos estudos que muitos deles continuam a desenvolver. Desses trabalhadores, um terço diz realizar com muita frequência atividades com a família. É o caso das trabalhadoras que voltam a ser donas de casa, durante a baixa temporada. Em todos os casos, respeito ao vínculo empregatício ou período turístico, os sujeitos realizam atividades conjuntas com a

família, principalmente nos finais de semana. Na alta temporada, entre os sujeitos que trabalham permanentemente, é possível perceber que os feriados ou folgas são também as ocasiões em que realizam mais atividades conjuntas com a família. Essa informação está relacionada ao fato de que, nesse período, os dias de descanso não coincidem, necessariamente, com os finais de semana. A folga pode ocorrer durante o período de segunda a sexta feira. Nesses casos, há dificuldades para compartilhar e realizar atividades conjuntas com a família, já que os outros membros do grupo familiar, podem não ter os mesmos dias destinados ao descanso.

Entre os trabalhadores com regime de trabalho temporário, na alta temporada, é notório que muitos deles indicam a categoria, “outras ocasiões”, para realizar atividades com a família. Talvez isso aconteça em função do menor tempo dedicado ao trabalho, o que oferece maior flexibilidade para exercer atividades distintas, em ocasiões diferentes às convencionadas. Na baixa temporada, esse mesmo grupo de trabalhadores, apesar de não permanecerem empregados, indicam além dos finais de semana, os feriados e as folgas, como as ocasiões em que mais realizam atividades com a família. Isso mostra que muitos dependem do dia de descanso dos outros membros da família para realizar atividades conjuntas. A duração das atividades conjuntas com a família, também mostra um tempo maior, sobretudo na baixa temporada, onde metade diz que as atividades duram o dia todo, provavelmente pelas mesmas razões, quanto à disponibilidade de tempo.

A alta temporada é sinônimo, para os trabalhadores de comércio em cidades turísticas, de muito trabalho e falta de tempo para a família. Excesso de horas de trabalho e ausência ou insuficiência de folgas. Na alta temporada, especialmente, no caso dos trabalhadores com vínculo permanente, prejudicam o convívio com a família. No caso dos sujeitos contratados temporariamente, os prejuízos parecem ser menores. Sendo assim, os dados permitem notar que a sazonalidade do turismo prejudica o tempo livre e a convivência familiar.

4.3. Características da renda pessoal e familiar

A distribuição das quantidades de sujeitos e percentagens, por regime de trabalho e valor do salário fixo mensal, na alta e na baixa temporadas turísticas, está apresentado na Tabela 4.10. Em relação aos sujeitos que trabalham em regime permanente, na alta temporada, 8,3% têm ausência de salário fixo mensal e a mesma quantidade, 8,3% ganham de quatro a seis salários fixos, o restante, 83,4% ganham de um a quatro salários fixos. Na baixa temporada, 17,6% possuem ausência de salário fixo mensal, ninguém ganha mais de quatro salários fixos. Entre os que trabalham com regime temporário, na alta temporada, 16,6% têm ausência de salário fixo, ninguém ganha mais de quatro salários fixos por mês e 83,4% ganham entre um a quatro salários fixos. Na baixa temporada, 83,3% têm ausência de salário fixo mensal e 16,7% ganham de um a dois salários.

TABELA 4.10

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E VALOR DO SALÁRIO FIXO MENSAL, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada Quantidade Salário mensal fixo	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
	Não têm	1	8,3	3	17,6	2	16,6	5	83,3	3	12,5	8
1 a 2 salários	5	41,7	7	41,2	5	41,7	1	16,7	10	41,7	8	34,8
2 a 4 salários	5	41,7	7	41,2	5	41,7	0	0	10	41,7	7	30,4
4 a 6 salários	1	8,3	0	0	0	0	0	0	1	4,1	0	0
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

Na Tabela 4.11 são apresentados dados sobre a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e valor das comissões do último mês, na alta e na baixa temporadas turísticas. 66,6% dos que trabalham em regime permanente, na

alta temporada, ganham de um a quatro salários mínimos referente a comissões; 25,0% ganham de quatro a seis salários em comissões e 8,4% têm só salário fixo. Na baixa temporada, a proporção menor (17,7%) ganha de dois a quatro salários por comissões; 23,5% ganham menos de um salário e 23,5% dizem não receber comissões sobre as vendas. Entre os que trabalham em regime temporário, na alta temporada, 66,6% ganham de um a quatro salários referente a comissões sobre as vendas, 25,0% não recebem comissões pelas vendas e 8,4% ganham comissões no valor de quatro a seis salários mínimos.

TABELA 4.11

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E VALOR DAS COMISSÕES DO ÚLTIMO MÊS, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS		TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		ALTA		BAIXA	
Temporada										
Quantidade										
Valor das comissões no último mês	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Não têm	1	8,4	4	23,5	3	25,0	4	16,7	4	23,5
Menos de 1 salário	0	0	4	23,5	0	0	0	0	4	23,5
De 1 a 2 salários	4	33,3	6	35,3	4	33,3	8	33,3	6	35,3
De 2 a 4 salários	4	33,3	3	17,7	4	33,3	8	33,3	3	17,7
De 4 a 6 salários	3	25,0	0	0	1	8,4	4	16,7	0	0
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	24	100,0	17	100,0

A distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e valor do salário do último mês, na alta e na baixa temporadas turísticas, está apresentada na Tabela 4.12. A maior proporção (83,4%) dos que trabalham em regime permanente, na alta temporada, ganham entre dois a seis salários mínimos. Na baixa temporada, 5,9% recebem de quatro a seis salários e 70,0% recebem de dois a quatro salários mensais. Entre os trabalhadores em condição temporária, na alta temporada, 41,7% recebem de dois a quatro salários e 33,3% recebem de quatro a seis. Na baixa temporada,

33,3% recebem menos de um salário mínimo mensal e outros 33,3% recebem de um a dois salários e 16,7% não têm ingressos próprios.

TABELA 4.12

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS,
POR REGIME DE TRABALHO E VALOR DO SALÁRIO DO ÚLTIMO MÊS,
NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada Quantidade Valor do Salário do último mês	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
	Nada	0	0	0	0	0	0	1	16,7	0	0	1
Menos de 1	0	0	0	0	0	0	2	33,3	0	0	2	8,7
De 1 a 2	0	0	4	23,5	3	25,0	2	33,3	3	12,5	6	26,1
De 2 a 4	5	41,7	12	70,6	5	41,7	1	16,7	10	41,7	13	56,6
De 4 a 6	5	41,7	1	5,9	4	33,3	0	0	9	37,5	1	4,3
De 6 a 8	2	16,6	0	0	0	0	0	0	2	8,3	0	0
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

A Tabela 4.13 permite ver a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e valor da renda familiar do último mês, na alta e na baixa temporadas turísticas. A proporção maior (66,7%), dos que trabalham em regime permanente, na alta temporada, indicam possuir uma renda familiar de quatro a oito salários mínimos mensais; 25,0% dizem possuir de 10 a 15 salários mínimos. Na baixa temporada, a mesma faixa de renda familiar (de quatro a oito salários mínimos), foi indicada por uma proporção menor de pessoas (41,2%), a faixa de um a quatro salários foi indicado por 40,9%. Entre os que trabalham em condição temporária, 50,0% têm uma renda familiar entre quatro a oito salários mínimos; 25,0% têm de dois a quatro salários mínimos e outros 25% têm de oito a 15 salários mínimos como renda familiar. Na baixa temporada 50,0% têm de quatro a seis salários mínimos e 33,3% têm de um a dois salários mínimos como renda familiar.

TABELA 4.13

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E VALOR DA RENDA FAMILIAR NO ÚLTIMO MÊS, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada Quantidade Renda familiar do último mês	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
1 a 2	0	0	2	11,8	0	0	2	33,3	0	0	4	17,4
2 a 4	1	8,3	5	29,4	3	25,0	0	0	4	16,7	5	21,7
4 a 6	3	25,0	1	5,9	3	25,0	3	50,0	6	25,0	4	17,4
6 a 8	5	41,7	6	35,3	3	25,0	1	16,7	8	33,3	7	30,5
8 a 10	0	0	2	11,8	1	8,3	0	0	1	4,2	2	8,7
10 a 15	3	25,0	0	0	2	16,7	0	0	5	20,8	0	0
Mais de 15	0	0	1	5,8	0	0	0	0	0	0	1	4,3
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

Na Tabela 4.14 estão apresentados os dados sobre a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e proporção do salário que inclui na renda familiar, na alta e na baixa temporadas turísticas. 25,0% dos que trabalham em regime permanente, na alta temporada, participam com a totalidade do seu salário para a renda familiar; outros 25,0% participam com 50% a 70% do salário e 16,7% não precisam contribuir com a família. Na baixa temporada, 52,9% contribuem com 100,0% do salário para o mesmo fim. Dos que trabalham em regime temporário, na alta temporada, a maioria (33,4%) participa com a totalidade do salário e 25,0% não participam. Na baixa temporada 50,0% não participam com salários na renda familiar e 33,3 o faz com a totalidade do que recebe.

TABELA 4.14

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E PERCENTUAL DO SALÁRIO QUE INCLUI NA RENDA FAMILIAR, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada Quantidade Percentual do salário na renda familiar	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
	0	2	16,7	2	11,8	3	25,0	3	50,0	5	20,8	5
10	3	25,0	3	17,6	1	8,3	0	0	4	16,6	3	13,0
20	0	0	0	0	3	25,0	0	0	3	12,5	0	0
30	1	8,3	1	5,9	0	0	0	0	1	4,2	1	4,3
40	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
50	1	8,3	0	0	0	0	0	0	1	4,2	0	0
60	1	8,4	0	0	1	8,3	0	0	2	8,4	0	0
70	1	8,3	0	0	0	0	0	0	1	4,2	0	0
80	0	0	2	11,8	0	0	1	16,7	0	0	3	13,0
90	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
100	3	25,0	9	52,9	4	33,4	2	33,3	7	29,1	11	47,9
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

A Tabela 4.15 apresenta a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e do número de pessoas que participam com ingressos na renda familiar, na alta e na baixa temporadas turísticas. Dos trabalhadores em regime permanente, na alta temporada, 75,0% indicam que duas pessoas da família participam com ingressos na renda familiar. Na baixa temporada, uma proporção menor (58,8%) indica a mesma quantidade, duas pessoas da família, contribuintes na renda familiar. Dos que trabalham com regime temporário, na alta temporada, 50,0% indicam que duas pessoas participam da renda e 25,0% indicam três pessoas como contribuintes. Na baixa temporada, 50% indicam que, apenas uma pessoa da família contribui com ingressos na renda familiar.

TABELA 4.15

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E QUANTIDADE DE PESSOAS QUE PARTICIPAM COM INGRESSOS NA RENDA FAMILIAR, NA ALTA E BAIXA TEMPORADA TURÍSTICA

Regime de trabalho	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
Temporada												
Quantidade												
Pessoas que participam com ingressos	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Uma	1	8,3	5	29,4	3	25,0	3	50,0	4	16,7	8	34,8
Duas	9	75,0	10	58,8	6	50,0	3	50,0	15	62,5	13	56,5
Três	2	16,7	2	11,8	3	25,0	0	0	5	20,8	2	8,7
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

4.4. Os ganhos extras na alta temporada não são suficientes para ter estabilidade econômica na baixa temporada

Por meio dos dados coletados é possível estabelecer o nível salarial que os trabalhadores de comércio de uma cidade turística têm, assim como, verificar se esses níveis sofrem variações que possam prejudicar as condições de vida dos mesmos. Os dados obtidos permitem notar que a maioria recebe entre um a quatro salários mínimos fixos por mês, independente da temporada ou vínculo laboral. Chama a atenção, sobretudo no caso dos trabalhadores com regime de trabalho permanente, a ausência do aumento do salário fixo mensal, na alta temporada, já que, nesse período, os trabalhadores têm uma carga horária maior de trabalho por dia, chegando quase ao dobro das horas trabalhadas na baixa temporada. Ainda, outro dado que aparece, é dos trabalhadores que não têm salário fixo mensal, obtendo rendimentos por meio das comissões pagas pelo volume de vendas. Essa parece ser uma prática comum em muitos estabelecimentos comerciais. Por outro lado, como era de esperar, os trabalhadores com vínculo temporário de trabalho, perdem o rendimento fixo, na baixa temporada. Dessa forma, o componente de insegurança da renda indicado por Mattoso (1998) aparece com bastante nitidez. A variabilidade, a instabilidade

e a perda de ganhos fixos fazem parte das características da renda desses trabalhadores. O valor das comissões, como pode ser notado na Tabela 4.11, sofre variações significativas entre a alta e baixa temporada turística. Essas comissões, também não superam os seis salários mínimos, mesmo na alta temporada, sendo que a maioria recebe entre um a quatro salários em forma de comissões. É possível observar também, que um quarto dos trabalhadores contratados temporariamente não recebe comissões pelas vendas efetuadas, durante a alta temporada. Isso denota que esse grupo de trabalhadores mantém relações de trabalho bastante injustas, já que o salário fixo é baixo e o tempo de contrato dificilmente ultrapassa os noventa dias. Quando se observam os dados sobre o valor de um mês de salário, na alta e na baixa temporadas turísticas, fica evidente a diminuição dos valores, que incluem o salário fixo mais as comissões, durante a baixa temporada. Dos trabalhadores com contratos permanentes, na alta temporada, trabalhando até 14 horas diárias e somando salário fixo mais comissões, apenas 16,6% recebem até oito salários. No caso dos trabalhadores com vínculo temporário de trabalho, os rendimentos obtidos na baixa temporada são provenientes de seguro desemprego, trabalhos eventuais, ou comissões por vendas de produtos em forma domiciliar. Esses rendimentos ficam para a maioria, entre menos de um salário a dois salários mínimos e sofrem constantes oscilações. Essas características da renda dos trabalhadores de comércio permitem notar a dificuldade que os mesmos devem ter para realizar planejamentos a médio e longo prazo. Além de o nível salarial ser baixo, as oscilações a que estão expostos não permitem estabelecer, com certeza, o valor com que podem contar ao final de um período.

A renda familiar dos trabalhadores de comércio de uma cidade turística segue quase o mesmo padrão que a renda individual. Durante a baixa temporada turística, tanto os trabalhadores com vínculo permanente de trabalho como os que têm contratos temporários, percebem que a renda familiar diminui sensivelmente nesse período. São poucos os casos em que a renda familiar supera os dez salários mínimos, mesmo durante a alta temporada. É importante destacar, conforme os dados obtidos, que muitos dos trabalhadores são os únicos a participar com ingressos na renda familiar. Chama a atenção que durante a baixa temporada, mais da metade dos trabalhadores com vínculo de trabalho permanente, apótem 100,0% do seu salário para a renda familiar. Isso poderia resultar do fato de outros integrantes do grupo familiar perderem seus empregos, nesse período, visto que durante a alta temporada, a proporção de trabalhadores que contribuem com 100,0% do seu salário é

menor. Somente 25,0% participam na renda familiar com 100,0% dos seus salários. Entre os trabalhadores com contratos temporários, mais de 50,0% participam com nada ou somente até com 20,0% dos seus salários, durante a alta temporada. Provavelmente, isso acontece em função de muitos desses trabalhadores serem dependentes de suas famílias, como os estudantes ou mulheres casadas, que têm nessa forma de ocupação, somente uma possibilidade de ganhos extras. Entretanto, também, chama a atenção que 50,0% dos mesmos, durante a baixa temporada, continuam aportando entre 80,0% a 100,0% dos seus salários, mesmo reduzidos a níveis mínimos. Informações como essas, denotam que muitos trabalhadores passam por dificuldades econômicas durante o período de baixo movimento turístico. O número de pessoas que participam com ingressos na renda familiar é pequeno. Entre uma ou no máximo três pessoas participam com ingressos, durante a alta temporada, em ambos os grupos de trabalhadores. Na baixa temporada, a participação de pessoas diminui, mostrando que não há dúvidas a respeito da perda de renda, nesse período, tanto na quantidade de pessoas que contribuem, quanto no valor da contribuição, já que os salários diminuem também, nesse mesmo período.

4.5. Características da moradia e do suporte social

Na Tabela 4.16, pode ser notada a distribuição das quantidades de sujeitos e percentagens, por regime de trabalho e tipo do imóvel onde moram, na alta e na baixa temporadas turísticas. Dos sujeitos que trabalham em regime permanente, na alta temporada, 58,3% moram em apartamento, o restante, 41,7% moram em casa. Na baixa temporada, os índices continuam similares, sendo que, 52,9% dizem morar em apartamento e 41,2% moram em casa. Dos que trabalham temporariamente, na alta temporada, a maioria mora em casa ou apartamento. Chama a atenção que, 8,3% moram em quarto de pensão, outros 8,3% moram em salas comerciais e 16,7% em kitinetes. Na baixa temporada, a maioria (88,3%) indica morar em casa ou apartamento; 16,7% moram em kitinetes. Outras formas de moradia não têm indicações.

TABELA 4.16

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS,
POR REGIME DE TRABALHO E TIPO DE IMÓVEL QUE MORAM, NA
ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
Quantidade Tipo do imóvel que mora	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Casa	5	41,7	7	41,2	5	41,7	3	50,0	10	41,7	10	43,5
Apartamento	7	58,3	9	52,9	3	25,0	2	33,3	10	41,7	11	47,8
Kitinete	0	0	1	5,9	2	16,7	1	16,7	2	8,2	2	8,7
Quarto de pensão	0	0	0	0	1	8,3	0	0	1	4,2	0	0
Sala comercial	0	0	0	0	1	8,3	0	0	1	4,2	0	0
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

Na Tabela 4.17 é possível notar a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e a relação com o imóvel onde moram, na alta e na baixa temporadas turísticas. 66,6% dos que trabalham em regime permanente, na alta

TABELA 4.17

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS,
POR REGIME DE TRABALHO E RELAÇÃO COM O IMÓVEL ONDE MORA,
NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
Relação com o imóvel onde mora	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Próprio	8	66,6	7	41,2	5	41,7	3	50,0	13	54,2	10	43,5
Aluguel	2	16,7	5	29,4	4	33,3	3	50,0	6	25,0	8	34,8
Emprestado	0	0	1	5,9	0	0	0	0	0	0	1	4,3
Dos pais	2	16,7	4	23,5	3	25,0	0	0	5	20,8	4	17,4
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

temporada, moram em imóveis de sua propriedade. Na baixa temporada, 41,2% indicam possuir imóvel próprio e 29,4% moram em imóveis alugados. Entre os que trabalham em regime temporário, na alta temporada, 41,7% dizem morar em imóvel próprio e 33,3% moram em imóveis alugados. Na baixa temporada, 50,0% dizem morar em imóveis próprios e a mesma quantidade 50,0% moram em imóveis alugados.

Na Tabela 4.18 estão apresentados dados sobre a distribuição das quantidades dos sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e quantidade de cômodos do imóvel onde moram, na alta e na baixa temporadas turísticas. 75,1% dos sujeitos que trabalham permanentemente, na alta temporada, têm de seis a oito cômodos no imóvel onde moram. Na baixa temporada, 58,7% possuem a mesma quantidade de cômodos (de seis a oito). Entre os que trabalham com regime temporário, na alta temporada, 25,0% têm três cômodos, outros 25% possuem sete cômodos e ainda outros 25,0% têm de um a três cômodos no imóvel onde moram. Na baixa temporada, 50,0% têm sete cômodos, 33,3% têm cinco cômodos e 16,7% possuem dois cômodos.

TABELA 4.18

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E QUANTIDADE DE CÔMODOS DO IMÓVEL ONDE MORAM, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada Quantidade Cômodos do imóvel onde moram	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
	Um	0	0	0	0	1	8,3	0	0	1	4,2	0
Dois	0	0	1	5,9	0	0	1	16,7	0	0	2	8,7
Três	0	0	1	5,9	2	16,7	0	0	2	8,3	1	4,3
Quatro	1	8,3	2	11,8	1	8,3	0	0	2	8,3	2	8,7
Cinco	1	8,3	2	11,8	3	25,0	2	33,3	4	16,7	4	17,4
Seis	2	16,7	3	17,6	1	8,3	0	0	3	12,5	3	13,1
Sete	4	33,4	3	17,6	3	25,0	3	50,0	7	29,2	6	26,1
Oito	3	25,0	4	23,5	0	0	0	0	3	12,5	4	17,4
Mais de oito	1	8,3	1	5,9	1	8,4	0	0	2	8,3	1	4,3
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

A distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e a distância em que moram do local de trabalho, na alta e na baixa temporadas turísticas, está apresentada na Tabela 4.19. Entre os que trabalham com regime permanente, na alta temporada, 50,1% moram a um quilômetro ou menos de um quilômetro de distância do local de trabalho. Na baixa temporada, a proporção dos que moram a um quilômetro ou menos, se mantém similar com 52,9% das indicações. Entre os que trabalham temporariamente, na alta temporada, 16,7% moram a um quilômetro do local de trabalho, ninguém mora numa distância menor que essa, e 41,6% moram a quatro quilômetros, ou mais, de distância do local de trabalho.

TABELA 4.19

DISTRIBUIÇÃO DA QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E DISTÂNCIA QUE MORA DO LOCAL DE TRABALHO, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS ***		TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		ALTA		BAIXA	
Temporada										
Quantidade										
Distância que mora do local de trabalho	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
	Menos de 1 km	4	33,4	4	23,5	0	0	4	16,7	4
1 km	2	16,7	5	29,4	2	16,7	4	16,7	5	29,4
2 km	1	8,3	0	0	2	16,7	3	12,5	0	0
3 km	1	8,3	1	5,9	3	25,0	4	16,7	1	5,9
4 km	1	8,3	2	11,8	4	33,3	5	20,7	2	11,8
Mais de 4 km	3	25,0	5	29,4	1	8,3	4	16,7	5	29,4
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	24	100,0	17	100,0

*** Não há trabalhadores temporários em situação de emprego, na baixa temporada

A Tabela 4.20 apresenta a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e tempo de residência na cidade onde trabalham, na alta e na baixa temporadas turísticas. Dos trabalhadores em regime permanente, na alta temporada, 83,4% residem na cidade onde trabalham há mais de três anos. Na baixa temporada, 70,6% residem há mais de três anos e 23,5% residem na cidade entre seis meses

a um ano. Entre os trabalhadores em regime temporário, na alta temporada, 75,0% indicam residir na cidade há mais de três anos e 25,0% residem há menos de seis meses. Na baixa temporada, 83,3% indicam morar há mais de três anos.

TABELA 4.20

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS,
POR REGIME DE TRABALHO E TEMPO DE RESIDÊNCIA NA CIDADE,
NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
Temporada												
Quantidade												
Tempo de residência na cidade	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Menos de 6 meses	1	8,3	0	0	3	25,0	0	0	4	16,7	0	0
De 6 m. a 1 ano	0	0	4	23,5	0	0	0	0	0	0	4	17,4
De 1 ano a 3 anos	1	8,3	1	5,9	0	0	1	16,7	1	4,2	2	8,7
Mais de 3 anos	10	83,4	12	70,6	9	75,0	5	83,3	19	79,1	17	73,9
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

Na Tabela 4.21 estão apresentados os dados sobre a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e tipo de suporte que recebem das pessoas que os cercam, na alta e na baixa temporadas turísticas. Dos sujeitos que trabalham permanentemente, na alta temporada, o suporte emocional aparece com a proporção maior (66,7%) de respostas, e o suporte econômico têm 16,7% das respostas. Na baixa temporada, também o suporte emocional é indicado com maior percentual (58,8%) das respostas; o suporte econômico têm 23,5% das respostas e a categoria, nenhum tipo de suporte, aparece com outros 23,5% das respostas dadas. Entre os que trabalham em regime temporário, na alta temporada, o suporte emocional aparece com 58,3% das indicações; o suporte instrumental com 41,7% das respostas; 33,3% das indicações correspondem à categoria, suporte social e, nenhum tipo de suporte, têm 25,0% das respostas. Na baixa temporada, o

suporte emocional é indicado pela totalidade dos sujeitos (100,0%), seguido do suporte instrumental e social com 33,3% das indicações cada um.

TABELA 4.21

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E TIPO DE SUPORTE QUE RECEBE DAS PESSOAS QUE OS CERCAM, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
Temporada												
Quantidade												
Tipo de suporte que recebe	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Nenhum	1	8,3	4	23,5	3	25,0	0	0	4	16,7	4	17,4
Instrumental	4	33,3	3	17,6	5	41,7	2	33,3	9	37,5	5	21,7
Social	4	33,3	3	17,6	4	33,3	2	33,3	8	33,3	5	21,7
Emocional	8	66,7	10	58,8	7	58,3	6	100,0	15	62,5	16	69,6
Econômico	2	16,7	4	23,5	2	16,7	1	16,7	4	16,7	5	21,7
TOTAL **	12	158,3	17	141,0	12	175,0	6	183,3	24	166,7	23	152,1

* Neste caso observa-se que em N há mais de uma resposta por sujeito pesquisado, por isso o total é inferior à soma dos valores parciais.

** O total de N corresponde ao total de sujeitos pesquisados e não a quantidade de respostas dadas. O total de percentagens supera os 100%, pois há mais respostas que sujeitos.

4.6. As características da moradia e do suporte social sofrem mudanças em relação à sazonalidade turística

Por meio dos dados obtidos é possível notar que os trabalhadores de comércio de uma cidade turística, quase na sua totalidade, moram em casas ou apartamentos. São poucos, e desses, a maioria tem vínculo de trabalho temporário, os que moram em kitinete, quarto de pensão ou mesmo em vivendas improvisadas, como salas comerciais. Isso acontece, geralmente, no período de alta temporada, quando esses trabalhadores chegam na cidade à procura de emprego e se vêem obrigados a aceitar condições de moradia mais precárias. Na baixa temporada, quando alguns deles ficam efetivos nos seus empregos, passam a alugar

apartamentos ou casas. Uma proporção significativa (66,6%) dos trabalhadores com vínculo permanente de trabalho, durante a alta temporada, possuem casa própria. Na baixa temporada, esse percentual diminui, (41,2%) em função de que esse grupo apresenta uma configuração diferente. Alguns dos trabalhadores que tinham vínculo de trabalho temporário, na alta temporada, são considerados com regime permanente, na baixa temporada, pois conseguiram contratos fixos. O aluguel é outra forma de vinculação com o imóvel, em maior proporção utilizado pelos sujeitos que trabalham temporariamente. Isso mostra, que esse grupo de trabalhadores têm condições mais precárias que os trabalhadores com regime permanente.

A qualidade do conforto da moradia pode ser expressa por meio de informações como a quantidade de cômodos do imóvel. Na Tabela 4.18 é possível notar esse aspecto. Precisamente 75,1% dos trabalhadores com regime permanente de trabalho, na alta temporada, habitam imóveis que possuem de seis a oito cômodos. Na baixa temporada, essa mesma característica passa para 58,7%. Ao considerar o número pequeno de integrantes do grupo familiar, é válido afirmar que esses trabalhadores possuem boas condições de moradia. No caso dos trabalhadores com vinculação temporária no trabalho, na alta temporada, é possível notar que apenas 25,0% possuem imóveis com sete cômodos, sendo que a mesma quantidade possui somente de um a três cômodos. Isso permite pensar que as condições de moradia, dos trabalhadores com regime de trabalho temporário, na alta temporada, são menos confortáveis.

A respeito da distância que os trabalhadores moram do local de trabalho, os dados permitem indicar que, os trabalhadores vinculados permanentemente aos seus trabalhos, moram mais perto do local de trabalho. Aproximadamente metade deles moram a um quilômetro de distância, enquanto apenas 16,7% dos trabalhadores com regime temporário de trabalho moram na mesma distância e 41,6% moram a quatro quilômetros ou mais de distância do local de trabalho. Essas informações reforçam a idéia de que esses trabalhadores possuem condições mais adversas que os trabalhadores com contratos permanentes.

As informações sobre o tempo de residência na cidade podem oferecer base para entender algumas relações que esses trabalhadores estabelecem com o meio social e laboral. Uma grande porção (83,4% na alta temporada e 70,6% na baixa temporada), dos

trabalhadores vinculados ao trabalho permanentemente, reside na cidade há mais de três anos. Já os sujeitos que têm vinculação de trabalho temporário, na alta temporada, 25,0% residem na cidade há menos de seis meses, o que evidencia a migração de outras regiões ou estados para uma cidade turística, à procura de emprego. Entretanto, há um contingente importante (75,0% na alta temporada e 83,3% na baixa temporada) que moram há mais de três anos. Esses podem representar o que Marx chama de exército de reserva. Força de trabalho excedente para suprir eventuais necessidades do capital.

O suporte social, emocional, instrumental e econômico está vinculado ao bem estar dos indivíduos. Dessa forma, a investigação dessas variáveis oferece contribuições importantes para ampliar a compreensão das condições de vida dos trabalhadores de comércio, na alta e na baixa temporadas turísticas. O suporte emocional é o mais citado por todos os trabalhadores em ambas as situações, alta e baixa temporadas. O suporte instrumental, aquele que se refere a ajudas concretas no dia a dia, como ajudar no cuidado dos filhos ou da casa, é indicado numa proporção maior na alta temporada. Isso provavelmente ocorre porque os trabalhadores precisam da colaboração de amigos, parentes ou de outras pessoas, já que nesse período, o tempo dedicado ao trabalho ocupa a maior parte do dia. O suporte econômico é indicado por 16,7% de todos os trabalhadores na alta temporada. Na baixa temporada, esse aspecto é indicado por 23,5% dos trabalhadores com vinculação de trabalho permanente. Isso mostra que as dificuldades enfrentadas nesse período requerem mais esse tipo de suporte. Entre os sujeitos que trabalham com regime de trabalho temporário, na baixa temporada, não aumentam as indicações do suporte econômico. Isso aumenta a probabilidade de que esses trabalhadores tenham condições mais precárias e adversas durante esse período. A falta de suporte econômico pode ser relacionado a vários fatores como, maior número de trabalhadores com menos tempo de residência na cidade, o que impede de criar laços de confiança com os outros; integrar grupos sociais menos favorecidos economicamente, ou, simplesmente, a ideologia individualista que não favorece a solidariedade.

A moradia e distintos tipos de suporte são variáveis que facilitam as condições de vida dos trabalhadores de comércio em relação à sazonalidade turística. A maioria desses trabalhadores possui casa própria e recebem ajuda dos amigos ou parentes. Sendo assim, é

possível afirmar que a moradia e o suporte social dos trabalhadores de comércio em relação à sazonalidade sofre mudanças que pouco afetam negativamente as condições de vida.

4.7. Características da realização de objetivos pessoais, profissionais e familiares

A distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e desenvolvimento ou não de atividades para alcançar objetivos profissionais, na alta e na baixa temporadas turísticas, está apresentada na Tabela 4.22. Dos trabalhadores com regime permanente, na alta temporada, 50% dizem ter objetivos profissionais definidos, os outros 50,0% dizem não possuir esse tipo de objetivos. Na baixa temporada, 52,9% afirmaram ter objetivos profissionais. Entre os trabalhadores com regime temporário, na alta temporada, a maioria (66,7%) indica não possuir objetivos dessa natureza. Na baixa temporada, 50,0%, dizem ter objetivos profissionais, os outros 50,0% manifestam não tê-los.

TABELA 4.22

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E DESENVOLVIMENTO OU NÃO DE ATIVIDADES PARA ALCANÇAR OBJETIVOS PROFISSIONAIS, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
Temporada												
Quantidade												
Desenvolve atividades para alcançar objetivos profissionais	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Sim	6	50,0	9	52,9	4	33,3	3	50,0	10	41,7	12	52,2
Não	6	50,0	8	47,1	8	66,7	3	50,0	14	58,3	11	47,8
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

A Tabela 4.23 apresenta a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e o tempo para alcançar objetivos profissionais, na alta e na baixa temporadas turísticas. Dentre os que trabalham permanentemente, na alta temporada, 50,0% não sabem quanto tempo levarão para alcançar os objetivos. Na baixa

temporada, 64,6% indicam não saber quando alcançarão seus objetivos. Dos trabalhadores em regime temporário, na alta temporada, 50,0% não sabem o tempo que levarão para alcançar seus objetivos. Na baixa temporada, 33,3% dizem não saber quando alcançarão seus objetivos profissionais.

TABELA 4.23

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E TEMPO PARA ALCANÇAR OBJETIVOS PROFISSIONAIS, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
Temporada												
Quantidade												
Tempo para alcançar objetivos profissionais	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Não sabem	6	50,0	11	64,6	6	50,0	2	33,3	12	50,0	13	56,6
Menos de 6 meses	1	8,3	0	0	1	8,3	1	16,7	2	8,3	1	4,3
De 6 m. a 1 ano	2	16,7	2	11,8	1	8,3	0	0	3	12,5	2	8,7
2 anos	1	8,3	2	11,8	2	16,7	0	0	3	12,5	2	8,7
3 anos	0	0	0	0	0	0	1	16,7	0	0	1	4,3
4 anos ou mais	2	16,7	2	11,8	2	16,7	2	33,3	4	16,7	4	17,4
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

A distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e o desenvolvimento ou não de atividades para alcançar objetivos pessoais, na alta e na baixa temporadas turísticas, é apresentada pela Tabela 4.24. Dos sujeitos que trabalham com regime permanente, na alta temporada, 58,3% indicam não desenvolver atividades para alcançar objetivos pessoais. Na baixa temporada, 76,5% dizem desenvolver atividades com essa finalidade. Dos que trabalham temporariamente, na alta temporada, 66,7% afirmam desenvolver atividades para alcançar objetivos pessoais. Na baixa temporada, 50,0% indicam desenvolver atividades perseguindo seus objetivos pessoais.

TABELA 4.24

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E DESENVOLVIMENTO OU NÃO DE ATIVIDADES PARA ALCANÇAR OBJETIVOS PESSOAIS, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
Quantidade	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Desenvolve atividades para alcançar objetivos pessoais												
Sim	5	41,7	13	76,5	8	66,7	3	50,0	13	54,2	16	69,6
Não	7	58,3	4	23,5	4	33,3	3	50,0	11	45,8	7	30,4
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

A Tabela 4.25 apresenta a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e o tempo para alcançar os objetivos pessoais, na alta e na baixa temporadas turísticas. Dos sujeitos que trabalham de forma permanente, na alta

TABELA 4.25

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E TEMPO PARA ALCANÇAR OS OBJETIVOS PESSOAIS, NAS ALTA E BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
Quantidade	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Tempo para alcançar objetivos pessoais												
Não sabe	8	66,7	10	58,8	4	33,4	4	66,6	12	50,0	14	60,9
Menos de 6 meses	2	16,7	2	11,8	4	33,3	1	16,7	6	25,0	3	13,0
1 ano	1	8,3	4	23,5	4	33,3	1	16,7	5	20,8	5	21,7
2 anos	1	8,3	1	5,9	0	0	0	0	1	4,2	1	4,4
3 anos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
4 anos ou mais	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

temporada, 66,7% indicam não saber quando alcançarão seus objetivos pessoais; 25,0% dizem que os alcançarão no período de menos de seis meses a um ano. Na baixa temporada, 58,8% indicam que não sabem quando conseguirão alcançar os objetivos pessoais e 45,3% o farão no período de menos de seis meses a um ano. Entre os que trabalham com regime temporário, na alta temporada 33,4% indicam não saber quando alcançarão seus objetivos, já o período, menos de seis meses a um ano, foi indicado para alcançar objetivos pessoais por 66,6% desses sujeitos. Na baixa temporada, 66,6% dizem não saber o tempo que levarão para alcançar esses objetivos.

4.8. É difícil planejar objetivos para o futuro num ambiente incerto

Por meio das informações coletadas foi possível verificar que metade dos trabalhadores com regime de trabalho permanente, diz realizar atividades para alcançar objetivos profissionais. Porém, a mesma quantidade, não sabe dizer quando pretende realizar seus objetivos profissionais. Os que definem um tempo (33,3%), o fazem em prazos curtos que variam de menos de seis meses a dois anos. Apenas 16,7% dizem ter objetivos profissionais para realizar em quatro anos ou mais. É importante notar que, na baixa temporada, aumenta a quantidade de sujeitos que dizem não saber quando alcançarão esses objetivos. É possível pensar, a partir desses dados, que os trabalhadores têm dificuldades para projetar suas vidas, já que metade manifesta não realizar atividades em busca de objetivos profissionais. Quando o fazem, estipulam um período de realização de médio e curto prazo, provavelmente, devido à incerteza gerada pela sazonalidade turística, sobretudo no que se refere aos salários. Isso não permitiria iniciar uma carreira profissional, por exemplo, que significa assumir despesas mensais fixas ou incompatíveis com seus níveis salariais. Entre os trabalhadores com vínculo de trabalho temporário, esses indicadores se repetem. Somente na baixa temporada é possível notar um aumento de sujeitos que dizem ter objetivos profissionais para atingir em três, quatro ou mais de quatro anos. Isso pode ser relacionado aos estudantes que nesse período dedicam-se exclusivamente a seus estudos.

Quanto aos objetivos pessoais é possível notar que, na baixa temporada turística, dos trabalhadores com vinculação permanente no trabalho, a maioria manifesta desenvolver atividades para alcançar objetivos pessoais, como arrumar a casa, fazer uma cirurgia plástica, ou ter filhos. Porém, a maioria também, não sabe dizer quando realizará esses objetivos. Entre os sujeitos que se arriscam a estipular um tempo, o fazem a prazos curtos que variam de menos de seis meses a dois anos. Na alta temporada, com o mesmo grupo de trabalhadores, a relação é invertida, a maioria diz não desenvolver atividades para alcançar objetivos pessoais. Para quem realiza alguma atividade com a finalidade de concretizar objetivos pessoais, nesse período, os prazos também ou são curtos ou não são definidos. É importante perceber que durante a alta temporada, muitos desses trabalhadores têm jornadas de trabalho que chegam a 14 horas diárias, com o que, não têm tempo de desenvolver nenhuma outra atividade. É durante a baixa temporada, que o tempo disponível fora do trabalho permite realizar outras ações, como os cuidados pessoais, da casa, entre outros. Já, entre os sujeitos com regime de trabalho temporário, na alta temporada, a maioria manifesta desenvolver atividades para alcançar objetivos pessoais. Nesses casos o próprio trabalho no comércio constitui a atividade-meio para atingir os objetivos pessoais.

4.9. A sazonalidade do trabalho em uma cidade turística afeta as condições de vida dos trabalhadores de comércio

O conjunto de variáveis analisado permite formar uma visão ampla do que acontece com os trabalhadores de comércio em relação à sazonalidade turística, respeito ao tempo e convivência familiar, renda, moradia, suporte social e projetos profissionais e pessoais. As informações permitem notar que esses trabalhadores são, na sua maioria, jovens e solteiros. Fazem parte de pequenos grupos familiares. Os trabalhadores com vínculo empregatício permanente trabalham mais horas diárias durante a alta temporada, chegando a 13 ou 14 horas. Essa jornada impede que esses trabalhadores compartilhem a vida com suas famílias, apenas, durante algumas refeições ou após o expediente é que essa oportunidade existe. A realização de atividades conjuntas também se vê prejudicada. Esse fato se repete na baixa temporada, apesar de dispor de mais tempo fora do trabalho. Só os finais de semana ou dias de folgas são reservados para atividades com a família, sendo que a duração das mesmas

difícilmente ultrapassa meio dia. No caso dos trabalhadores com regime temporário, as mudanças nas relações familiares e na administração do tempo são notórias, porém diferentes das que acontecem com os sujeitos que trabalham permanentemente. Os trabalhadores contratados temporariamente trabalham menos horas durante a alta temporada, geralmente, entre seis a oito horas diárias. Isso permite uma convivência maior com a família, realizando atividades com mais frequência. As ocasiões são mais diversificadas e o tempo de duração das atividades com a família também mostra ser maior, sobretudo na baixa temporada, em função de alguns desses trabalhadores não manterem vínculo empregatício. Com tudo isso, é possível dizer que a sazonalidade turística modifica o ritmo e a dinâmica familiar, provocando mudanças comportamentais significativas nos trabalhadores de comércio de uma cidade turística.

A renda individual e familiar sofre variações na alta e na baixa temporadas turísticas. Ao analisar as diferentes variáveis que fazem parte da renda individual e familiar dos trabalhadores de comércio em relação à sazonalidade turística, é possível constatar muitas das características que fazem parte da realidade do mercado de trabalho e que são indicadas por Antunes (1999). Os baixos salários, combinados com o aumento de horas diárias de trabalho, fazem parte da realidade do trabalho de comércio em relação à sazonalidade turística. A variabilidade, a instabilidade e as perdas de rendimentos entre a alta e baixa temporada, também ficam explícitas. A perda de ingressos na renda familiar, durante a baixa temporada, mostra que o trabalho no comércio em cidades que vivem do turismo, não oferece segurança quanto a esse item, aumentando a imprevisibilidade sobre o futuro da vida dos trabalhadores. É importante destacar também, que o período de baixa temporada turística é significativamente maior que o da alta temporada. Enquanto esse último compreende os meses de dezembro a fevereiro, a baixa temporada se estende desde março a novembro. Sendo assim, o período de perda de ingressos e a instabilidade dos ganhos são, também, significativamente maior. É possível afirmar então, que a sazonalidade do turismo afeta diretamente a renda dos trabalhadores, aumentando o nível de insegurança.

Os trabalhadores de comércio de uma cidade turística possuem boas condições de moradia, tanto nas acomodações quanto no fato de serem proprietários dos mesmos. Mas, existem poucas possibilidades de que esses trabalhadores possuam boas condições de moradia como consequência direta do nível salarial. É possível pensar que o acesso à casa

própria está mais relacionado à juventude, muitos moram com os pais e consideram as residências como próprias. Outra possibilidade é relacionar a casa própria às características da região, onde os valores dos imóveis são mais baixos se comparados a outras regiões do país como São Paulo, Rio Grande do Sul, Paraná ou Rio de Janeiro, possibilitando às pessoas oriundas dessas regiões adquirirem imóveis com maior facilidade. É necessário dizer então, que a sazonalidade afeta com menos intensidade as condições de moradia. Outra característica importante é que a maioria dos trabalhadores é amparada por meio dos suportes emocionais, instrumentais e, ainda que em menor proporção, o econômico.

Fazer projetos para o futuro pode ser considerado uma variável importante para a motivação pessoal. Uma porção importante de trabalhadores não faz planos profissionais nem pessoais. Esse fato deve ser considerado com cuidado, já que a falta de esperança e de projetos na vida de um indivíduo pode estar associada a características depressivas ou às conseqüências provocadas pela situação de desamparo. Para Seligman (1977) a diminuição de comportamentos intencionais para a obtenção de resultados esperados é uma das conseqüências do desamparo aprendido. Essas informações podem também indicar que muitos dos trabalhadores de comércio acreditam que suas ações não têm relação com os resultados obtidos, levando-os ao imobilismo, à apatia, ou a ter baixa auto-estima.

A sazonalidade do trabalho em uma cidade turística afeta as condições de vida dos trabalhadores de comércio. Na alta temporada, o aumento das horas de trabalho diárias prejudicam o tempo que os trabalhadores têm para compartilhar com suas famílias. Há diferenças notórias na dinâmica familiar entre os trabalhadores com vínculo permanente e os que têm vinculação temporária, mas nos dois casos, há mudanças. A renda individual e familiar pode ser caracterizada como variável e instável, aumentando a situação de insegurança para os trabalhadores. A moradia é menos afetada pela sazonalidade, talvez porque os trabalhadores de comércio possuem boas condições nesse aspecto. Outra característica importante de destacar é que esses trabalhadores são amparados por meio dos suportes sociais, instrumentais, emocionais e, em menor intensidade, econômicos. Sendo assim, os dados coletados permitem afirmar que as características das condições de vida dos trabalhadores de comércio sofrem mudanças relacionadas à sazonalidade turística.

CONDIÇÕES DE TRABALHO DOS TRABALHADORES DE COMÉRCIO, DE CIDADES TURÍSTICAS, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS

O trabalho constitui uma atividade complexa que pode ser entendida, como indica Cruz (2001), uma forma de organização social e como determinante do modo de ser de indivíduos e sociedade. Nesse sentido, entender o trabalho ou as condições que o caracterizam contribui para a compreensão dos comportamentos humanos. As condições de trabalho são configuradas a partir de um conjunto de variáveis que se relacionam em graus e arranjos diferentes. Nas cidades que vivem do turismo essas condições variam conforme a sazonalidade turística. A análise de como se configuram as condições de trabalho nas duas situações (alta e baixa temporada) exige o estabelecimento de múltiplas relações que revelem as formas, as influências, as conseqüências dessas relações para a vida e saúde dos trabalhadores.

Neste capítulo serão apresentados dados que ampliem a compreensão das características das condições de trabalho dos trabalhadores de comércio em uma cidade turística, na alta e na baixa temporadas. Assim serão observadas informações relativas às características gerais do trabalho; das exigências que fazem parte do mesmo; das condições ambientais oferecidas no local de trabalho; das características das relações inter-pessoais; do período de preferência para trabalhar; e, por último, dos aspectos do trabalho dos sujeitos sem vínculo empregatício, na baixa temporada turística. Esse conjunto de informações permite estabelecer relações entre essas condições e as condições de vida e saúde nas duas contingências que se apresentam, alta e baixa temporada turística.

5.1. Características gerais do trabalho

Dados sobre a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e tempo que trabalham na loja, na alta e na baixa temporadas turísticas,

estão apresentados na Tabela 5.1. Entre os sujeitos que trabalham com regime permanente, na alta temporada, 50,0% trabalham na loja de três a quatro anos; 16,7% dizem ter de dois a três anos de serviço e outros 16,7% estão trabalhando há menos de seis meses. Na baixa temporada, 41,2% têm de três a quatro anos de serviço; 35,3% dizem ter de um a dois anos e 11,7% estão trabalhando há menos de seis meses. Dos trabalhadores com vínculo empregatício temporário, na alta temporada, a totalidade (100,0%) tem menos de seis meses de serviço.

TABELA 5.1

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E TEMPO QUE TRABALHAM NA LOJA, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada Quantidade Tempo que trabalha na loja	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS		TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		ALTA		BAIXA	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Menos de 6 meses	2	16,7	2	11,7	12	100,0	14	58,3	2	11,7
De 1 a 2 anos	1	8,3	6	35,3	0	0	1	4,2	6	35,3
De 2 a 3 anos	2	16,7	1	5,9	0	0	2	8,3	1	5,9
De 3 a 4 anos	6	50,0	7	41,2	0	0	6	25,0	7	41,2
De 5 anos a mais	1	8,3	1	5,9	0	0	1	4,2	1	5,9
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	24	100,0	17	100,0

A Tabela 5.2 apresenta a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e tempo de pausa durante a jornada de trabalho, na alta e na baixa temporadas turísticas. Entre os trabalhadores com regime de trabalho permanente, na alta temporada, 41,7% dizem ter de sessenta a noventa minutos de pausa no trabalho; 25,0% relatam que não têm tempo de pausa; e 16,7% têm de dez a quinze minutos de intervalo. Na baixa temporada, 29,5% dizem não ter pausa durante a jornada de trabalho; 23,5% dizem ter de sessenta a noventa minutos; e outros 23,5% relatam ter duas horas ou

mais. Dos sujeitos com vínculo de trabalho temporário, na alta temporada, 41,7% dizem ter um tempo de intervalo de sessenta a noventa minutos; 33,3% têm de vinte a trinta minutos; e 16,7% relatam que têm de dez a quinze minutos.

TABELA 5.2

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E TEMPO DE PAUSA DURANTE A JORNADA DE TRABALHO, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS		TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		ALTA		BAIXA	
Temporada										
Quantidade										
Tempo de pausa durante jornada de trabalho	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Nenhuma	3	25,0	5	29,5	1	8,3	4	16,7	5	29,5
De 10 a 15 minutos	2	16,7	3	17,6	2	16,7	4	16,7	3	17,6
De 20 a 30 minutos	1	8,3	1	5,9	4	33,3	5	20,7	1	5,9
De 60 a 90 minutos	5	41,7	4	23,5	5	41,7	10	41,7	4	23,5
2 horas ou mais	1	8,3	4	23,5	0	0	1	4,2	4	23,5
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	24	100,0	17	100,0

Na Tabela 5.3 são apresentados dados sobre a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e remuneração das horas extras, na alta e na baixa temporadas turísticas. Dos trabalhadores com vínculo empregatício permanente, na alta temporada, a maioria (75,0%) diz não receber remuneração pelas horas extras; o restante (25,0%) recebe o pagamento das horas extras trabalhadas. Na baixa temporada, 58,8% não recebem remuneração por horas extras; 17,6% dizem não trabalhar horas extras; e 23,6% dizem que as horas extras que eles trabalham são remuneradas. Entre os sujeitos que têm contratos temporários, na alta temporada, 75,0% não recebem o pagamento pelas horas extras trabalhadas; e 25,0% dizem que recebem a remuneração por horas extras.

TABELA 5.3

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E REMUNERAÇÃO DAS HORAS EXTRAS, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS		TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		ALTA		BAIXA	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Remuneração horas extras										
Sim	3	25,0	4	23,6	3	25,0	6	25,0	4	23,6
Não	9	75,0	10	58,8	9	75,0	18	75,0	10	58,8
Não tem	0	0	3	17,6	0	0	0	0	3	17,6
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	24	100,0	17	100,0

A distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e pontualidade no salário, na alta e na baixa temporadas turísticas, está apresentada na Tabela 5.4. Dos sujeitos com regime de trabalho permanente, na alta temporada, 33,3%

TABELA 5.4

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E PONTUALIDADE NO SALÁRIO, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS ***		TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		ALTA		BAIXA	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Pontualidade no salário										
Sim	8	66,7	10	58,8	7	58,3	15	62,5	10	58,8
Não	4	33,3	7	41,2	5	41,7	9	37,5	7	41,2
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	24	100,0	17	100,0

*** Não há trabalhadores temporários em situação de emprego na baixa temporada.

dizem que não recebem os salários com pontualidade. Na baixa temporada, 41,2% manifestam que não há pontualidade no pagamento dos salários. Entre os trabalhadores com vínculo empregatício temporário, na alta temporada, 41,7% dizem não receber os salários pontualmente.

A distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e registro na carteira de trabalho, na alta e na baixa temporadas turísticas, está apresentada na Tabela 5.5. Entre os trabalhadores com regime permanente, na alta temporada, a maioria (75,0%) é registrada na carteira de trabalho; 25,0% trabalham sem registro. Na baixa temporada, 82,4% são registrados; e 17,6% não têm o registro na carteira. Entre os sujeitos com vínculo de trabalho temporário, na alta temporada, a maioria (75,0%) trabalha sem registro na carteira de trabalho; 25,0% são registrados.

TABELA 5.5

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E REGISTRO NA CARTEIRA DE TRABALHO, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada Quantidade Registro na carteira	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS ***		TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		ALTA		BAIXA	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Sim	9	75,0	14	82,4	3	25,0	12	50,0	14	82,4
Não	3	25,0	3	17,6	9	75,0	12	50,0	3	17,6
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	24	100,0	17	100,0

*** Não há trabalhadores temporários em situação de emprego na baixa temporada.

Na Tabela 5.6 é possível notar a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e benefícios sociais recebidos, na alta e na baixa

temporadas turísticas. Entre os sujeitos que trabalham permanentemente, na alta temporada, a maioria (75,0%) não recebe benefício social algum; 16,7% recebem vale alimentação; e 8,3% têm vale transporte. Na baixa temporada, 88,2% não recebem benefício algum; 5,9% recebem vale transporte; e a mesma quantidade (5,9%) diz receber vale alimentação. Entre os trabalhadores que têm regime de trabalho temporário, na alta temporada, a totalidade (100,0%) diz não receber benefício algum.

TABELA 5.6
DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E BENEFÍCIOS SOCIAIS, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS ***		TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		ALTA		BAIXA	
Benefícios sociais	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Nenhum	9	75,0	15	88,2	12	100,0	21	87,5	15	88,2
Vale transporte	1	8,3	1	5,9	0	0	1	4,2	1	5,9
Vale Alimentação	2	16,7	1	5,9	0	0	2	8,3	1	5,9
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	24	100,0	17	100,0

*** Não há trabalhadores temporários em situação de emprego na baixa temporada.

Na Tabela 5.7 está apresentada a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e expectativas com o trabalho, na alta e na baixa temporadas turísticas. Entre os sujeitos que trabalham com regime de trabalho permanente, na alta temporada, 33,3% dizem que não têm expectativa alguma; a mesma quantidade (33,3%) diz que espera melhorar e 16,8% manifestam que querem sair do emprego. Na baixa temporada, 41,7% esperam melhorar; 29,4% não têm expectativa alguma e 11,8% só querem poder pagar a faculdade. Entre os sujeitos com vínculo de trabalho temporário, na alta temporada, 33,3% manifestam não ter expectativa alguma; 25,0% esperam continuar

estáveis e 16,8% querem trabalhar só a temporada; 8,3% dizem que a expectativa é de insegurança e outros 8,3% querem sair do emprego.

TABELA 5.7
DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E EXPECTATIVAS COM O TRABALHO, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS ***		TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		ALTA		BAIXA	
Temporada										
Quantidade										
Expectativa com o trabalho	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Melhorar	4	33,3	8	47,0	1	8,3	5	20,8	8	47,0
Continuar estável	1	8,3	0	0	3	25,0	4	16,7	0	0
Pagar faculdade	1	8,3	2	11,8	0	0	1	4,2	2	11,8
Tr. só temporada	0	0	1	5,9	2	16,8	2	8,3	1	5,9
Reconhecimento	0	0	1	5,9	0	0	0	0	1	5,9
Insegurança	0	0	0	0	1	8,3	1	4,2	0	0
Sair do emprego	2	16,8	0	0	1	8,3	3	12,5	0	0
Nenhuma	4	33,3	5	29,4	4	33,3	8	33,3	5	29,4
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	24	100,0	17	100,0

*** Não há trabalhadores temporários em situação de emprego na baixa temporada.

5.2. Há características do trabalho que mudam pela sazonalidade do turismo.

As informações obtidas por meio da coleta de dados permitem notar que a metade dos trabalhadores com vínculo de trabalho permanente, na alta temporada, trabalham no mesmo local entre três a quatro anos, poucos ultrapassam esse tempo de serviço. Esse dado confirma as informações do DIEESE (1999) sobre a alta rotatividade que caracteriza o trabalho no comércio. Ao considerar o tempo de serviço na empresa, dos trabalhadores com

vínculo temporário, obviamente e como é de se esperar, a totalidade tem menos de seis meses no emprego. Isso aumenta, ainda mais, os índices de rotatividade.

As pausas durante a jornada de trabalho sofrem variações importantes entre a alta e a baixa temporadas turísticas. Na alta temporada, prevalecem pausas de 60 a 90 minutos, enquanto, na baixa temporada, o que aparece em maior quantidade é a ausência de pausas no trabalho. A pausa no trabalho, segundo Sel (1999) é uma interrupção do trabalho durante a jornada, com o objetivo de permitir alimentação e recuperação e a restituição da capacidade de trabalho comprometida pela fadiga. Assim, é possível notar que durante a alta temporada turística, onde a jornada de trabalho no comércio chega a 14 horas diárias, as pausas de 60 a 90 minutos parecem adequadas a primeira vista. Entretanto é necessário considerar como Sel (1999) indica que é mais adequado ter diversas pausas curtas, que poucas pausas longas, pois os resultados na recuperação ou na diminuição do processo de fadiga são mais eficazes. Sendo assim, é possível concluir que tanto na alta temporada, quanto na baixa temporada turística, as pausas são, para a maioria, inadequadas ou insuficientes.

Pode ser notado também, que a maioria dos trabalhadores, na alta ou na baixa temporada turística, não recebem remuneração pelas horas extras trabalhadas. É importante destacar que durante a alta temporada, os trabalhadores com vinculação permanente, chegam a trabalhar o dobro de horas que na baixa temporada. Alguns dos sujeitos que trabalham temporariamente, também realizam horas extras durante a alta temporada. Quanto à pontualidade com que recebem seus rendimentos, a maioria diz receber seus salários com pontualidade. Porém, um contingente importante de trabalhadores, sobretudo os que têm vínculo temporário e os que têm vínculo permanente, na baixa temporada, relatam que não recebem seus salários pontualmente. Outra informação importante diz respeito ao registro em carteira. Embora haja trabalhadores com regime permanente sem ter registro na carteira, a maioria deles é registrado. No entanto, não é possível dizer o mesmo quando são avaliados os trabalhadores com vínculo de trabalho temporário. São poucos os que têm registro de trabalho na carteira. A maioria, além de não ter registro na carteira, não recebem benefícios sociais. Apenas os trabalhadores com regime de trabalho

permanente, em poucos casos, recebem vale transporte e vale alimentação. Nenhum trabalhador com vinculação laboral temporária, recebe benefícios sociais.

O descumprimento do pagamento de horas extras, a falta de pausas no trabalho, a imp pontualidade no pagamento dos salários, a falta de registro na carteira e de benefícios sociais, fazem parte da realidade do trabalho no comércio em relação à sazonalidade turística. Confirmam os aspectos destacados por Antunes (1999) a precarização das relações laborais a que esses trabalhadores estão expostos, além de contribuir para o desgaste da saúde dos trabalhadores, aumenta o nível de insegurança na vida dos mesmos. No caso dos trabalhadores com regime de trabalho temporário, a situação é ainda mais grave, quase todos os indicadores aparecem piores que nos trabalhadores com regime permanente. Esse parecer é corroborado ao observar os dados sobre as expectativas que esses sujeitos têm com o trabalho. Um terço do total de trabalhadores diz não ter expectativa alguma com o trabalho. Essa quantidade ganha um peso maior ao considerar que nas cidades que vivem do turismo, o comércio é para os trabalhadores uma das poucas alternativas de trabalho remunerado.

5.3. Características das exigências no trabalho

A distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e a existência ou não de procedimentos no atendimento ao cliente, na alta e na baixa temporadas turísticas, está apresentada na Tabela 5.8. Entre os sujeitos que trabalham de forma permanente, na alta temporada, 58,4% não seguem procedimentos no atendimento; 33,3% dizem seguir procedimentos específicos de atendimento. Na baixa temporada, 58,8% relatam que não seguem esse tipo de procedimento; 41,2% afirmam que fazem isso. Entre os sujeitos com vínculo de trabalho temporário, na alta temporada, a maioria (83,3%) diz não seguir procedimento algum.

TABELA 5.8

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E PROCEDIMENTO NO ATENDIMENTO AO CLIENTE, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS ***		TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		ALTA		BAIXA	
Temporada										
Quantidade										
Procedimento no atendimento ao cliente	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Sim	4	33,3	7	41,2	2	16,7	6	25,0	7	41,2
Não	7	58,4	10	58,8	10	83,3	17	70,8	10	58,8
Mais ou menos	1	8,3	0	0	0	0	1	4,2	0	0
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	24	100,0	17	100,0

*** Não há trabalhadores temporários em situação de emprego na baixa temporada.

A distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e tipo de procedimento no atendimento ao cliente, na alta e na baixa temporadas turísticas, está apresentada na Tabela 5.9. Entre os trabalhadores com regime de trabalho permanente, na alta temporada, 50,0% dizem não seguir procedimento algum no atendimento ao cliente; 33,3% relatam que tratar bem é o procedimento adotado; 8,3% dizem que têm que falar espanhol. Na baixa temporada, 41,7% não seguem procedimentos específicos e a mesma quantidade (41,7%) diz que tem que atender bem; 17,6% relatam que seguem atendimento padrão. Entre os sujeitos que trabalham com vínculo temporário, na alta temporada, 41,7% não seguem procedimentos padrão; 33,3% relatam que têm que atender bem; 16,7% seguem padrão específico de atendimento e 8,3% têm que falar espanhol.

TABELA 5.9

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E TIPO DE PROCEDIMENTO NO ATENDIMENTO AO CLIENTE, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS ***		TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		ALTA		BAIXA	
Quantidade Tipo de procedimento no atendimento	N *	%	N *	%	N	%	N *	%	N *	%
Nenhum	6	50,0	7	41,2	5	41,7	12	50,0	7	41,2
Tratar bem	4	33,3	7	41,2	4	33,3	8	33,3	7	41,2
Falar espanhol	1	8,3	0	0	1	8,3	2	8,3	0	0
Simpatia	1	8,3	0	0	0	0	1	4,2	0	0
Falar do produto	1	8,3	2	11,8	0	0	1	4,2	2	11,8
Padrão	1	8,3	3	17,6	2	16,7	3	12,5	3	17,6
TOTAL * *	12	116,5	17	111,8	12	100,0	24	112,5	17	111,8

* Neste caso observa-se que em N há mais de uma resposta por sujeito pesquisado, por isso o total é inferior à soma dos valores parciais.

** O total de N corresponde ao total de sujeitos pesquisados e não a quantidade de respostas dadas. Em alguns casos o total de percentagens supera os 100%, pois há mais respostas que sujeitos.

*** Não há trabalhadores temporários em situação de emprego na baixa temporada.

A Tabela 5.10 apresenta a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e intensidade do controle no trabalho, na alta e na baixa temporadas turísticas. Entre os trabalhadores com contratos permanentes, na alta temporada, 41,7% indicam o grau zero (nada) quando se referem à intensidade do controle no trabalho; 25,0% indicam os grau sete a oito (muito controle); 16,7% indicam os graus cinco a seis (controle médio). Na baixa temporada, 11,8% indicam o grau zero (nada); o restante (88,2%) diz sentir controle em diferentes intensidades. Entre os sujeitos com vínculo empregatício temporário, na alta temporada, ninguém (0%) indica grau zero (nada)

de controle; 33,4% indicam os graus nove a dez (demais); 16,6% indicam os graus sete a oito (muito controle) e 33,4% indicam os graus cinco a seis (controle médio).

TABELA 5.10

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E INTENSIDADE (0=NADA E 10=DEMAIS) DO CONTROLE NO TRABALHO, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS ***		TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		ALTA		BAIXA	
Temporada										
Quantidade										
Intensidade controle no trabalho	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
0	5	41,7	2	11,8	0	0	5	20,8	2	11,8
1 - 2	1	8,3	4	23,5	2	16,6	3	12,5	4	23,5
3 - 4	0	0	4	23,5	0	0	0	0	4	23,5
5 - 6	2	16,7	2	11,8	4	33,4	6	25,0	2	11,8
7 - 8	3	25,0	2	11,8	2	16,6	5	20,8	2	11,8
9 - 10	1	8,3	3	17,6	4	33,4	5	20,9	3	17,6
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	24	100,0	17	100,0

*** Não há trabalhadores temporários em situação de emprego na baixa temporada.

A Tabela 5.11 apresenta a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e procedimentos adotados na ausência de clientes, na alta e na baixa temporadas turísticas. Entre os trabalhadores com regime permanente, na alta temporada, a maioria (66,7%) diz que organizam a loja; 16,7% dizem que não podem ficar sem fazer alguma coisa; outros 16,7% dizem não seguir procedimento algum. Na baixa temporada, também a maioria (58,8%) diz que tem que organizar a loja enquanto não há clientes para atender; 23,6% não seguem procedimentos e 17,6% dizem que não podem ficar parados. Entre os sujeitos que trabalham com vínculo empregatício temporário, na alta temporada, 58,3% dizem que organizam a loja quando não há clientes; 25,0% não seguem procedimentos e 16,7% não podem ficar sem fazer algo.

TABELA 5.11
DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE
TRABALHO E PROCEDIMENTOS ADOTADOS NA AUSÊNCIA DE CLIENTES, NA ALTA E NA BAIXA
TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS ***		TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		ALTA		BAIXA	
Temporada										
Quantidade										
Procedimento ausência do cliente	N	% *	N	%	N	%	N	% *	N	%
Nenhum	2	16,7	4	23,6	3	25,0	5	20,8	4	23,6
Organizar loja	8	66,7	10	58,8	7	58,3	15	62,5	10	58,8
Ligar para cliente	1	8,3	0	0	0	0	1	4,2	0	0
Levar merc. casas	1	8,3	0	0	0	0	1	4,2	0	0
Não ficar parada	2	16,7	3	17,6	2	16,7	4	16,7	3	17,6
TOTAL * *	12	116,7	17	100,0	12	100,0	24	108,4	17	100,0

* Neste caso observa-se que em N há mais de uma resposta por sujeito pesquisado, por isso o total é inferior à soma dos valores parciais.

** O total de N corresponde ao total de sujeitos pesquisados e não a quantidade de respostas dadas. Em alguns casos o total de percentagens supera os 100%, pois há mais respostas que sujeitos.

*** Não há trabalhadores temporários em situação de emprego na baixa temporada.

Dados sobre a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e intensidade (0=nada e 10=demais) do controle no trabalho na ausência de clientes, na alta e na baixa temporadas turísticas, estão apresentados na Tabela 5.12. Entre os trabalhadores com regime permanente, na alta temporada, 41,7% indicam o grau zero (nada de controle); 25,0% indicam graus cinco a seis (controle médio); 16,7% fazem o mesmo com os graus sete a oito (muito controle) e 8,3% indicam os graus nove a dez (controle demais). Na baixa temporada, 41,1% dizem que o controle no trabalho, na ausência de clientes, pode ser representado pelo grau zero (nada); 23,5% indicam os graus nove a dez (controle demais). Entre os sujeitos com vínculo de trabalho temporário, na alta

temporada, ninguém (0%) indica o grau zero (nada de controle); 33,2% indicam os graus um a dois (quase nada); o restante indica graus que variam de três a dez (de pouco a demais)

TABELA 5.12

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E INTENSIDADE (0=NADA E 10=DEMAIS) DO CONTROLE NO TRABALHO NA AUSÊNCIA DE CLIENTES, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada Quantidade Intensidade controle ausência cliente	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS ***		TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		ALTA		BAIXA	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
0	5	41,7	7	41,1	0	0	5	20,8	7	41,1
1 – 2	0	0	2	11,8	4	33,2	4	16,7	2	11,8
3 – 4	1	8,3	1	5,9	2	16,7	3	12,5	1	5,9
5 – 6	3	25,0	2	11,8	2	16,7	5	20,8	2	11,8
7 – 8	2	16,7	1	5,9	2	16,7	4	16,7	1	5,9
9 – 10	1	8,3	4	23,5	2	16,7	3	12,5	4	23,5
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	24	100,0	17	100,0

*** Não há trabalhadores temporários em situação de emprego na baixa temporada.

Na Tabela 5.13 é possível notar a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e apresentação pessoal no trabalho, na alta e na baixa temporadas turísticas. Entre os trabalhadores com regime permanente, na alta temporada, a maioria (83,4%) tem liberdade na apresentação pessoal; 8,3% têm uniformes e outros 8,3% têm flexibilidade para a apresentação pessoal. Na baixa temporada, 52,9% são livres na apresentação; 17,7% têm que usar roupas da loja; outros 17,7% têm flexibilidade e 11,7% usam uniformes. Dos sujeitos com vínculo de trabalho temporário, na alta temporada, 58,3% usam uniformes; 25,0% têm liberdade na apresentação e 16,7% têm flexibilidade na forma de se apresentarem.

TABELA 5.13

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E APRESENTAÇÃO PESSOAL NO TRABALHO, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS ***		TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		ALTA		BAIXA	
Temporada										
Quantidade										
Apresentação pessoal no trabalho	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Livre	10	83,4	9	52,9	3	25,0	13	54,2	9	52,9
Uniforme	1	8,3	2	11,7	7	58,3	8	33,3	2	11,7
Flexível	1	8,3	3	17,7	2	16,7	3	12,5	3	17,7
Roupa da loja	0	0	3	17,7	0	0	0	0	3	17,7
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	24	100,0	17	100,0

*** Não há trabalhadores temporários em situação de emprego na baixa temporada.

A distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e intensidade do controle da apresentação pessoal, na alta e na baixa temporadas turísticas, está apresentada na Tabela 5.14. Entre os sujeitos que trabalham com regime permanente, na alta temporada, 50,2% indicam grau zero (nada) quando se referem ao controle sobre sua apresentação pessoal; o restante (49,8%) indica uma intensidade do controle que vai dos graus três a oito (pouco a muito). Na baixa temporada, 47,0% indicam grau zero (nada); 29,4% indicam graus sete a oito (muito controle) e 11,8% indicam graus nove a dez (controle demais). Entre os trabalhadores com regime temporário, na alta temporada, 16,7% indicam grau zero (nada) ao relacioná-lo com o controle da apresentação pessoal; 25,0% indicam graus nove a dez (controle demais); 25,0% indicam graus um a dois (quase nada); 16,6% fazem o mesmo com os graus sete a oito (muito controle) e outros 16,7% indicam os graus três a quatro (pouco controle).

TABELA 5.14

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E INTENSIDADE (0=NADA E 10=DEMAIS) DO CONTROLE DA APRESENTAÇÃO PESSOAL, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada Quantidade Intensidade do controle da apresentação pessoal	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS ***		TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		ALTA		BAIXA	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
0	6	50,2	8	47,0	2	16,7	8	33,3	8	47,0
1 – 2	0	0	1	5,9	3	25,0	3	12,5	1	5,9
3 – 4	2	16,6	1	5,9	2	16,7	4	16,7	1	5,9
5 – 6	2	16,6	0	0	0	0	2	8,3	0	0
7 – 8	2	16,6	5	29,4	2	16,6	4	16,7	5	29,4
9 – 10	0	0	2	11,8	3	25,0	3	12,5	2	11,8
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	24	100,0	17	100,0

*** Não há trabalhadores temporários em situação de emprego na baixa temporada.

Na Tabela 5.15 estão apresentados dados sobre a distribuição de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e suporte recebido para a apresentação pessoal, na alta e na baixa temporadas turísticas. Entre os trabalhadores com vínculo de trabalho permanente, na alta temporada, 50,0% dizem não receber suporte algum; 16,6% relatam receber aconselhamento; 16,7% usam uniformes e outros 16,7% recebem descontos na compra das roupas da loja. Na baixa temporada, a maioria (58,8%) diz não receber suporte algum; 17,6% recebem desconto no valor dos produtos da loja; 11,8% usam uniformes; 11,8% recebem aconselhamento. Entre os sujeitos que trabalham com regime temporário, na alta temporada, a maioria (58,3%) usa uniforme; 41,7% dizem que recebem aconselhamento.

TABELA 5.15

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E SUPORTE PARA A APRESENTAÇÃO PESSOAL, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada Quantidade Suporte apresentação pessoal	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS ***		TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		ALTA		BAIXA	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
	Aconselhamento	2	16,6	2	11,8	5	41,7	7	29,2	2
Uniforme	2	16,7	2	11,8	7	58,3	9	37,5	2	11,8
Desconto produto	2	16,7	3	17,6	0	0	2	8,3	3	17,6
Nada	6	50,0	10	58,8	0	0	6	25,0	10	58,8
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	24	100,0	17	100,0

*** Não há trabalhadores temporários em situação de emprego na baixa temporada.

Na Tabela 5,16 é possível notar a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e intensidade do esforço físico no trabalho, na alta e na baixa temporadas turísticas. Entre os sujeitos que trabalham com regime permanente, na alta temporada, 33,4% indicam os graus três a quatro (pouco esforço); 25,0% indicam os graus sete a oito (muito esforço) e 16,7% indicam os graus um a dois (quase nada de esforço). Na baixa temporada, 41,2% indicam os graus um a dois (quase nada de esforço); 29,4% indicam os graus sete a oito (muito esforço) e 17,6% indicam os graus três a quatro (pouco esforço). Entre os trabalhadores com vínculo empregatício temporário, na alta temporada, 33,3% indicam os graus sete a oito (muito esforço); 25,0% indicam os graus cinco a seis (esforço médio).

TABELA 5.16

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E INTENSIDADE (0=NADA E 10=DEMAIS) DO ESFORÇO FÍSICO NO TRABALHO, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada Quantidade Intensidade esforço físico	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS ***		TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		ALTA		BAIXA	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
0	1	8,3	0	0	0	0	1	4,2	0	0
1 - 2	2	16,7	7	41,2	1	8,3	3	12,5	7	41,2
3 - 4	4	33,4	3	17,6	2	16,7	6	25,0	3	17,6
5 - 6	1	8,3	2	11,8	3	25,0	4	16,6	2	11,8
7 - 8	3	25,0	5	29,4	4	33,3	7	29,2	5	29,4
9 - 10	1	8,3	0	0	2	16,7	3	12,5	0	0
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	24	100,0	17	100,0

*** Não há trabalhadores temporários em situação de emprego na baixa temporada.

A Tabela 5.17 apresenta a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e tipo de esforço físico no trabalho, na alta e na baixa temporadas turísticas. Entre os trabalhadores com regime permanente, na alta temporada, 41,7% indicam ficar em pé como o principal esforço físico no trabalho; 25,0% dizem que o trabalho não exige esforço físico algum; 25,0% indicam o esforço de subir escadas e outros 25,0% relatam que o esforço físico é geral. Na baixa temporada, 29,4% indicam ficar em pé; a mesma quantidade (29,4%) diz que carregar peso é considerado o maior esforço físico no trabalho; 17,6% indicam a limpeza; outros 17,6% dizem que o esforço é geral e, ainda, outros 16,7% relatam que não realizam esforços físicos algum. Entre os sujeitos com vínculo de trabalho temporário, na alta temporada, a maioria (75,0%) diz que ficar em pé é o maior esforço; 25,0% indicam subir escadas e 16,7% dizem que não realizam esforço físico no trabalho.

TABELA 5.17

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E TIPO DE ESFORÇO FÍSICO NO TRABALHO, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS ***		TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		ALTA		BAIXA	
Temporada										
Quantidade										
Tipo de esforço	N *	%	N *	%	N *	%	N *	%	N *	%
Ficar em pé	5	41,7	5	29,4	9	75,0	14	58,3	5	29,4
Geral	3	25,0	3	17,6	1	8,3	4	16,7	3	17,6
Limpar	1	8,3	3	17,6	1	8,3	2	8,3	3	17,6
Subir escadas	3	25,0	1	5,9	3	25,0	6	25,0	1	5,9
Nenhum	3	25,0	3	17,6	2	16,7	5	20,8	3	17,6
Carregar peso	1	8,3	5	29,4	0	0	1	4,2	5	29,4
Mental	0	0	0	0	3	25,0	3	12,5	0	0
TOTAL **	12	133,3	17	117,5	12	158,3	24	145,8	17	117,5

* Neste caso observa-se que em N há mais de uma resposta por sujeito pesquisado, por isso o total é inferior à soma dos valores parciais.

** O total de N corresponde ao total de sujeitos pesquisados e não a quantidade de respostas dadas. O total de percentagens supera os 100%, pois há mais respostas que sujeitos.

*** Não há trabalhadores temporários em situação de emprego na baixa temporada.

5.4. As exigências no trabalho de comércio em uma cidade turística não são tão simples quanto parecem ser

O trabalho no comércio, sobretudo aquele que se refere ao atendimento direto ao público está sofrendo transformações que exigem maior profissionalização. Os dados coletados permitem notar que, ainda, a maioria dos sujeitos não segue procedimentos específicos no atendimento ao cliente. Entre os trabalhadores com regime de trabalho temporário, a quantidade de sujeitos que não seguem procedimentos no atendimento ao

público é maior. Esse dado pode estar revelando que não existe interesse em investir na profissionalização desses trabalhadores. Os trabalhadores temporários parecem constituir um grupo de “segunda classe” dentro da categoria de comerciários. Por outro lado, a quantidade de sujeitos que trabalham permanentemente e que seguem procedimentos no atendimento ao público é significativa (33,3% na alta temporada e 41,2% na baixa temporada). Esses dados confirmam o movimento de reestruturação na área de serviços que está obrigando muitas empresas a investirem em treinamento e capacitação de seus funcionários. Entre os procedimentos utilizados no atendimento ao público no comércio, em relação à sazonalidade turística: a maioria do total de trabalhadores em ambas as temporadas (alta e baixa) manifestam que “tratar bem” o cliente é o procedimento principal no atendimento. A categoria “tratar bem” inclui uma série de comportamentos como ser simpático, perguntar o nome do cliente, chamá-lo por seu nome, responder a todas as suas solicitações, explicações, mostrar os diversos produtos, caracterizar os produtos, entre outros. Além disso, as cidades turísticas recebem um contingente importante de turistas estrangeiros que falam outro idioma, por exemplo, o espanhol. Nesses casos, os trabalhadores são solicitados a falar essa língua. Com todas essas variáveis envolvidas, fica evidente que o atendimento direto ao público é uma atividade complexa, pois como indicam Ferreira, e Mendes (2001) “coloca em cena diferentes interlocutores, cuja interação social é mediada por distintas necessidades, podendo ser facilitada ou dificultada em função das condições (físicas, materiais, instrumentais, organizacionais) disponibilizadas pela organização”. Não se pode ignorar o fato de que também há uma quantidade considerável de trabalhadores (quase 50,0%) que manifestam não seguir nenhum procedimento. Isso não torna a atividade menos complexa, ao contrário, existe a possibilidade de que as relações interpessoais estabelecidas entre os clientes e os trabalhadores sejam, nesses casos, produtoras de tensão e estresse.

O foco de controle sofre mudanças na alta e baixa temporada turística. As informações obtidas pela coleta de dados possibilita notar que há variabilidade na intensidade do mesmo, de acordo com a temporada e o tipo de trabalhador. Na alta temporada, a maioria dos trabalhadores com vínculo de trabalho permanente, diz sofrer alguma intensidade de controle. Esse varia, sobretudo, de controle “médio” a “demasiado” controle. No entanto, 41,7% desses trabalhadores dizem não sentir controle algum. Na

baixa temporada esse percentual diminui consideravelmente (11,8), denotando que o controle nesse período se acentua. Esses dados podem estar demonstrando um aumento da tensão, durante a baixa temporada, produzido pela diminuição da atividade comercial e a conseqüente diminuição dos rendimentos. No caso dos sujeitos que trabalham temporariamente, a totalidade relata sentir alguma intensidade de controle. Metade desses trabalhadores diz que sente “muito” ou “demasiado” controle. Essa informação leva a pensar que a confiança nesses trabalhadores é menor, em função da condição de eventualidade ou da falta de capacitação técnica, que parecem ter. Outra hipótese é que o foco de controle, na alta temporada, muda dos sujeitos que trabalham permanentemente para aqueles que trabalham temporariamente. Na baixa temporada, o foco de controle volta para os trabalhadores com regime permanente, mostrando que há mecanismos constantes de controle no trabalho. A intensidade do controle na ausência de clientes segue quase o mesmo padrão que na presença dos mesmos. Há, entretanto, uma diminuição da intensidade do controle sobre os trabalhadores com vinculação temporária, na ausência do cliente. Isso poderia indicar que o foco de controle no caso dos trabalhadores temporários, é dirigido a atividade de atendimento direto ao cliente. Esse fato indica que a desconfiança sobre a eficácia do desempenho aumenta o nível de controle sobre a tarefa. Sendo assim, o controle é uma das características das condições de trabalho sujeito a mudanças provocadas pela sazonalidade turística.

A exigência sobre a apresentação pessoal varia em tipo e intensidade. Nesse aspecto é possível perceber que os trabalhadores com vínculo permanente, na alta temporada, têm mais liberdade. A exigência sobre a apresentação pessoal aumenta para esses trabalhadores na baixa temporada, quando alguns deles são obrigados a vestir as roupas vendidas na loja. Com os trabalhadores com regime de trabalho temporário, a exigência da aparência pessoal é mais notória. A maioria tem que usar uniforme, só um quarto da totalidade desses trabalhadores tem liberdade para a escolha da sua aparência pessoal. Com respeito ao suporte recebido pelas empresas comerciais para atender esse tipo de exigência, metade dos trabalhadores com regime permanente, na alta temporada, diz não ter suporte algum. A outra metade diz receber aconselhamento, uniforme ou descontos nos produtos da loja. Na baixa temporada, há um aumento dos que não recebem suporte algum. Entre os sujeitos que trabalham temporariamente, mais da metade recebe uniformes e o restante diz receber,

apenas, aconselhamento. A interpretação dessas informações respondem a mesma análise feita sobre o controle da atividade. Existe, portanto, variabilidade na exigência sobre a aparência pessoal, tanto na alta e baixa temporadas turísticas, quanto entre tipos de trabalhadores.

O esforço físico no trabalho é uma variável estudada para determinar o nível de carga de trabalho e o desgaste que pode causar à saúde do trabalhador. A Tabela 5.16 permite notar a mudança dos níveis de intensidade de esforço físico entre a alta e a baixa temporadas turísticas. Na alta temporada, a maioria de ambos os tipos de trabalhadores indicam intensidades de esforço físico que variam de esforço médio a muito esforço. É importante destacar que entre os trabalhadores com vínculo de trabalho temporário há um percentual maior de sujeitos que têm uma percepção de esforço físico maior. Isso pode estar relacionado ao fato de serem trabalhadores eventuais, não estando adaptados ao ritmo, postura ou gestos que fazem parte das características da atividade no comércio. Os contratos temporários são efetuados no limite das necessidades dos estabelecimentos. Esse fato demanda desses trabalhadores um esforço maior para que aconteça uma adaptação rápida às exigências da atividade, o que traz como consequência um desgaste maior da saúde dos mesmos. Na baixa temporada, a intensidade diminui consideravelmente. A maioria dos trabalhadores consideram que a intensidade de esforço físico varia de “quase nada” a “pouco”. Na alta temporada, o esforço físico mais indicado pelos trabalhadores é o de “ficar em pé”, seguido por “subir escadas”. É importante lembrar que, durante esse período, alguns trabalhadores têm jornadas de trabalho que chegam a 14 horas diárias. Isso, sem dúvida, configura um tipo de esforço físico importante. Sel (1999) indica que as variáveis determinantes da fadiga são o tempo de duração do trabalho e a intensidade do trabalho. Essa por sua vez, depende da força relativa a aplicar e a frequência de aplicação dessa mesma força.

As informações analisadas permitem dizer que o trabalho no comércio em cidades turísticas, não é tão simples quanto parece ser. Esse tipo de trabalho requer dos indivíduos uma série de habilidades que ultrapassam os limites da técnica, além disso, requer habilidades de relacionamento inter-pessoal, conhecimentos intelectuais, esforço físico e uma exigência de ordem estética, por meio da aparência pessoal. Além desse conjunto de

exigências, o trabalho no comércio em cidades turísticas, requer do trabalhador, um constante ajuste às mudanças provocadas pela sazonalidade do turismo. O trabalhador deve responder conforme a situação que se apresenta, o que exige dele também, ter um amplo repertório de respostas.

5.5. Condições ambientais do trabalho

A distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e temperatura do ambiente de trabalho, na alta e na baixa temporadas turísticas, está apresentada na Tabela 5.18. Dos trabalhadores com regime permanente, na alta temporada, a maioria (83,4%) diz que a temperatura é agradável. Na baixa temporada, 70,6% também dizem que é agradável. Dos sujeitos que trabalham temporariamente, na alta temporada, 75,0% consideram agradável a temperatura ambiente no trabalho.

TABELA 5.18

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E TEMPERATURA DO AMBIENTE DE TRABALHO, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS ***		TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		ALTA		BAIXA	
Temporada										
Quantidade										
Temperatura ambiente trabalho	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Agradável	10	83,4	12	70,6	9	75,0	19	79,2	12	70,6
Frio	1	8,3	3	17,6	2	16,7	3	12,5	3	17,6
Caloroso	1	8,3	2	11,8	1	8,3	2	8,3	2	11,8
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	24	100,0	17	100,0

*** Não há trabalhadores temporários em situação de emprego na baixa temporada.

Na Tabela 5.19 é possível notar a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e variações bruscas de temperatura, na alta e na baixa temporadas turísticas. Entre os trabalhadores com regime permanente, na alta temporada, 33,3% indicam que sim, que sofrem variações de temperatura. Na baixa temporada, 23,5% afirmam que estão expostos a esse fenômeno. Dos sujeitos com vínculo temporário, na alta temporada, 41,7% também dizem sofrer com variações bruscas de temperatura.

TABELA 5.19

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E VARIAÇÕES BRUSCAS DE TEMPERATURA, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS ***		TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		ALTA		BAIXA	
Temporada										
Quantidade										
Variações bruscas de temperatura	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
	Sim	4	33,3	4	23,5	5	41,7	9	37,5	4
Não	8	66,7	13	76,5	7	58,3	15	62,5	13	76,5
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	24	100,0	17	100,0

*** Não há trabalhadores temporários em situação de emprego na baixa temporada.

A distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e tipo de iluminação no ambiente de trabalho, na alta e na baixa temporadas turísticas, está apresentada na Tabela 5.20. Dos que trabalham permanentemente, na alta temporada, 50,0% dizem que a iluminação é artificial e 50,0% dizem que o tipo de iluminação é mista. Na baixa temporada, 52,9% indicam que é artificial; o restante (47,1%)

diz que a iluminação é mista. Dos sujeitos que trabalham temporariamente, na alta temporada, 50,0% dizem que a iluminação é artificial e 50,0% dizem que é mista.

TABELA 5.20

A DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E TIPO DE ILUMINAÇÃO NO AMBIENTE DE TRABALHO, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS ***		TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		ALTA		BAIXA	
Temporada										
Quantidade										
Tipo de iluminação	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Artificial	6	50,0	9	52,9	6	50,0	12	50,0	9	52,9
Mista	6	50,0	8	47,1	6	50,0	12	50,0	8	47,1
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	24	100,0	17	100,0

*** Não há trabalhadores temporários em situação de emprego na baixa temporada.

A Tabela 5.21 apresenta a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e intensidade (0=nada e 10=demais) da iluminação do ambiente de trabalho, na alta e na baixa temporadas turísticas. Dos sujeitos que trabalham com regime permanente, na alta temporada, 58,3% indicam os graus sete a oito (muita iluminação); 25,0% indicam os graus nove a dez (iluminação demais). Na baixa temporada, 41,2% indicam os graus nove a dez (iluminação demais); 41,2% fazem o mesmo com os graus sete a oito (muita iluminação). Entre os trabalhadores com vínculo empregatício temporário, na alta temporada, 41,7% indicam os graus nove a dez (iluminação demais); 33,3% indicam os graus cinco a seis (iluminação média) e 25,0% indicam os graus sete a oito (muita iluminação).

TABELA 5.21

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E INTENSIDADE (0=NADA E 10=DEMAIS) DA ILUMINAÇÃO DO AMBIENTE DE TRABALHO, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada Quantidade Intensidade iluminação	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS ***		TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		ALTA		BAIXA	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1 - 2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
3 - 4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
5 - 6	2	16,7	3	17,6	4	33,3	6	25,0	3	17,6
7 - 8	7	58,3	7	41,2	3	25,0	10	41,7	7	41,2
9 - 10	3	25,0	7	41,2	5	41,7	8	33,3	7	41,2
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	24	100,0	17	100,0

*** Não há trabalhadores temporários em situação de emprego na baixa temporada.

A Tabela 5.22 apresenta dados sobre a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e tipo de ruído no ambiente de trabalho, na alta e na baixa temporadas turísticas. Entre os sujeitos que trabalham permanentemente, na alta temporada, 50,0% dizem que o ruído é contínuo; 33,3% dizem que é flutuante e 16,7% relatam que o ruído é intermitente. Na baixa temporada, 52,9% dizem que o ruído é flutuante; 35,3% dizem que o mesmo é contínuo. Dos trabalhadores com vínculo empregatício temporário, na alta temporada, 58,3% dizem que o ruído é contínuo, 25,0% dizem que é flutuante.

TABELA 5.22

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E TIPO DE RUÍDO NO AMBIENTE DE TRABALHO, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada Quantidade Tipo de ruído	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS ***		TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		ALTA		BAIXA	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Contínuo	6	50,0	6	35,3	7	58,3	13	54,1	6	35,3
Intermitente	2	16,7	2	11,8	2	16,7	4	16,7	2	11,8
Flutuante	4	33,3	9	52,9	3	25,0	7	29,2	9	52,9
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	24	100,0	17	100,0

*** Não há trabalhadores temporários em situação de emprego na baixa temporada.

Na Tabela 5.23 está apresentada a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e intensidade do ruído no ambiente de trabalho, na alta e na baixa temporadas turísticas. Entre os trabalhadores com regime permanente, na alta temporada, 50,0% indicam os graus cinco a seis (iluminação média); 25,0% indicam os graus três a quatro (pouca iluminação) e 16,7% indicam os graus sete a oito (muita iluminação). Na baixa temporada, a maioria (52,9%) indica os graus três a quatro (pouca iluminação); 29,4% indicam os graus cinco a seis (iluminação média) e 11,8% indicam os graus nove a dez (iluminação demais). Entre os sujeitos com vínculo de trabalho temporário, na alta temporada, 41,7% indicam os graus cinco a seis (iluminação média); 25,0% indicam os graus sete a oito (muita iluminação) e 16,7% indicam os graus três a quatro (pouca iluminação).

TABELA 5.23

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E INTENSIDADE (0=NADA E 10=DEMAIS) DO RUÍDO NO AMBIENTE DE TRABALHO, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS ***		TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		ALTA		BAIXA	
Temporada										
Quantidade										
Intensidade do ruído no trabalho	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1 - 2	0	0	0	0	1	8,3	1	4,2	0	0
3 - 4	3	25,0	9	52,9	2	16,7	6	25,0	9	52,9
5 - 6	6	50,0	5	29,4	5	41,7	11	45,8	5	29,4
7 - 8	2	16,7	1	5,9	3	25,0	4	16,7	1	5,9
9 - 10	1	8,3	2	11,8	1	8,3	2	8,3	2	11,8
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	24	100,0	17	100,0

*** Não há trabalhadores temporários em situação de emprego na baixa temporada.

5.6. Há mudanças nas características ambientais do trabalho provocadas pela sazonalidade.

A temperatura ambiente no local de trabalho é uma das variáveis que contribuem para o bem-estar geral e a saúde dos trabalhadores. A maioria dos trabalhadores nas duas situações, alta e baixa temporadas turísticas, diz que a temperatura ambiente no local de trabalho é agradável. A maioria também diz que não sofrem com variações bruscas de temperatura. No entanto, por meio dos dados apresentados na Tabela 5.19, é possível notar que, durante a alta temporada, o percentual de sujeitos que diz sofrer mudanças de temperatura ambiente é maior. É possível pensar que isso ocorre pelo uso de ar condicionado durante o verão. Muitos estabelecimentos comerciais têm um cuidado

especial com o conforto interno, pois é considerado pelos clientes, um diferencial importante na qualidade do atendimento oferecido.

O tipo de iluminação é um elemento que contribui com o bem estar geral no ambiente de trabalho. Metade dos trabalhadores dizem que no ambiente onde trabalham tem iluminação artificial. A outra metade tem iluminação mista. Esses dados indicam que a metade dos trabalhadores permanece em ambientes fechados. Em alguns casos, só conseguem ver a luz do sol quando saem para realizar a pausa no trabalho ou quando vão embora, no final do expediente. A intensidade da iluminação é indicada pela maioria em graus que variam de “muito” a “demais”. Tanto a falta quanto o excesso de iluminação trazem prejuízos para a visão. No caso dos trabalhadores de comércio de cidades turísticas, os dados permitem pensar que a iluminação a que ficam expostos durante a jornada de trabalho, pode contribuir, moderadamente, para a fadiga visual.

O ruído é uma das variáveis que está associada ao aumento do estresse. A maioria dos trabalhadores de comércio de cidades turísticas indicam que, na alta temporada, há um tipo contínuo de ruído, numa intensidade que varia, também para a maioria, de “médio” a “muito”. Na baixa temporada, o tipo de ruído mais indicado é o flutuante, numa intensidade que varia, segundo a maioria, de “pouco” a “médio”. Essa mudança de tipo e intensidade pode ser atribuída ao fato de que, na alta temporada, o fluxo de indivíduos é maior, o trânsito na cidade cresce, entre outros. A música no interior das lojas é somada aos ruídos constantes, pois responde a uma estratégia das lojas comerciais para atrair e alongar a permanência dos clientes.

As informações obtidas por meio da coleta de dados permitem notar que o ambiente de trabalho, dos trabalhadores de comércio em uma cidade turística é bastante positivo, quanto à temperatura, iluminação e ruído. As mudanças que sofrem essas variáveis parecem não afetar significativamente o equilíbrio e o bem-estar geral dos trabalhadores. Entretanto, tem que ser considerado que, quando essas variáveis se somam a outras características e exigências, podem ser elementos que contribuem para um desgaste maior. Um exemplo disso é notar o aumento da intensidade do ruído na alta temporada, junto a uma jornada de 14 horas diárias. Nesse caso, o ruído contribui diretamente para o aumento do desgaste do trabalhador.

5.7. Características das relações de trabalho

Na Tabela 5.24 é possível notar a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e tipo de conversa com o chefe, na alta e na baixa temporadas turísticas. Entre os trabalhadores com regime permanente, na alta temporada, 58,3% indicam uma conversa variada; 41,7% dizem que conversam sobre trabalho. Na baixa temporada, 52,9% mantêm uma conversa variada com o chefe; 41,2% conversam sobre trabalho e 5,9% têm conversas pessoais. Entre os sujeitos que trabalham temporariamente, na alta temporada, a maioria (75,0%) diz que mantém conversas variadas com o chefe, 16,7% conversam sobre trabalho e 8,3% dizem conversar sobre coisas pessoais.

TABELA 5.24

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E TIPO DE CONVERSA COM O CHEFE, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada Quantidade Tipo de conversa com chefe	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS ***		TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		ALTA		BAIXA	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
	Trabalho	5	41,7	7	41,2	2	16,7	7	29,2	7
Pessoal	0	0	1	5,9	1	8,3	1	4,2	1	5,9
Variada	7	58,3	9	52,9	9	75,0	16	66,6	9	52,9
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	24	100,0	17	100,0

*** Não há trabalhadores temporários em situação de emprego na baixa temporada.

A Tabela 5.25 apresenta a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e frequência que conversam com o chefe, na alta e na baixa temporadas turísticas. Entre os sujeitos que trabalham com regime permanente, na alta temporada, 33,3% indicam os graus nove a dez (sempre) quando se referem à frequência das conversas; 25,0% indicam os graus três a quatro (poucas vezes); 16,7% indicam os graus sete a oito (muitas vezes). Na baixa temporada, 35,2% indicam os graus três a quatro (poucas vezes) e 29,4% o fazem nos graus cinco a seis (algumas vezes). Entre os trabalhadores com vínculo empregatício temporário, na alta temporada, 33,3% indicam os graus sete a oito (muitas vezes); 25,0% indicam que conversam com o chefe nos graus de frequência nove a dez (sempre).

TABELA 5.25

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E FREQUÊNCIA (0 = NUNCA E 10 = SEMPRE) QUE CONVERSAM COM O CHEFE, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS ***		TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		ALTA		BAIXA	
Quantidade	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1 – 2	1	8,3	1	5,9	2	16,7	3	12,5	1	5,9
3 – 4	3	25,0	6	35,2	2	16,7	5	20,8	6	35,3
5 – 6	2	16,7	5	29,4	1	8,3	3	12,5	5	29,4
7 – 8	2	16,7	2	11,8	4	33,3	6	25,0	2	11,8
9 – 10	4	33,3	3	17,7	3	25,0	7	29,2	3	17,6
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	24	100,0	17	100,0

*** Não há trabalhadores temporários em situação de emprego, na baixa temporada.

Na Tabela 5.26 está apresentada a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e possibilidade de colocar idéias em prática, na alta e na baixa temporadas turísticas. Entre os sujeitos que trabalham com regime permanente na alta temporada, a maioria (58,3%) diz colocar idéias em prática. Na baixa temporada, a maioria (58,8%) diz que não consegue fazer o mesmo. Entre os trabalhadores com contratos temporários, na alta temporada, também a maioria 75,0% diz não conseguir colocar idéias em prática.

TABELA 5.26

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E A POSSIBILIDADE DE COLOCAR IDÉIAS EM PRÁTICA, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada Quantidade Colocar idéias em prática	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS ***		TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		ALTA		BAIXA	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Sim	7	58,3	7	41,2	3	25,0	10	41,7	7	41,2
Não	5	41,7	10	58,8	9	75,0	14	58,3	10	58,8
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	24	100,0	17	100,0

*** Não há trabalhadores temporários em situação de emprego na baixa temporada.

A distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e frequência (0=nunca e 10=sempre) das advertências que recebem no trabalho, na alta e na baixa temporadas turística, está apresentada na Tabela 5.27. Entre os trabalhadores com vínculo empregatício permanente, na alta temporada, a maioria (58,3%) indica o grau zero (nunca) para representar a frequência com que recebe advertências; 25,0% indicam os graus um a dois (quase nunca). Na baixa temporada, também a maioria (58,8%) indica o grau zero (nunca); 17,6% indica os graus três a quatro (poucas vezes) e

11,8% indicam os graus um a dois (quase nunca). Entre os sujeitos que trabalham temporariamente, na alta temporada, 33,4% indicam o grau zero (nunca) quando se referem à frequência com que recebem advertências; 33,3% indicam os graus um a dois (quase nunca) para a mesma finalidade e outros 33,3% indicam os graus três a quatro (poucas vezes).

TABELA 5.27

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E FREQUÊNCIA (0=NUNCA E 10=SEMPRE) DAS ADVERTÊNCIAS QUE RECEBEM NO TRABALHO, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS ***		TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		ALTA		BAIXA	
Temporada										
Quantidade										
Frequência das advertências	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
0	7	58,3	10	58,8	4	33,4	11	45,8	10	58,8
1 – 2	3	25,0	2	11,8	4	33,3	7	29,2	2	11,8
3 – 4	2	16,7	3	17,6	4	33,3	6	25,0	3	17,6
5 – 6	0	0	1	5,9	0	0	0	0	1	5,9
7 – 8	0	0	1	5,9	0	0	0	0	1	5,9
9 – 10	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	24	100,0	17	100,0

*** Não há trabalhadores temporários em situação de emprego na baixa temporada.

Na Tabela 5.28 está apresentada a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e intensidade (0=nada e 10=demais) das advertências no trabalho, na alta e na baixa temporadas turísticas. Entre os sujeitos que trabalham permanentemente, na alta temporada, 16,7% indicam graus de três a quatro (pouco); 16,7% indicam graus um a dois (quase nada). Na baixa temporada, 17,6% indicam os graus sete a oito (muito); 11,8% indicam os graus cinco a seis (médio) e 11,8% indicam os graus um a dois (quase nada). Entre os trabalhadores com regime de trabalho temporário, na alta

temporada, 25,0% indicam os graus de intensidade das advertências de um a dois (quase nada); a mesma quantidade (25,0%) indica os graus três a quatro (pouco) e 16,7% indicam graus cinco a seis (médio).

TABELA 5.28

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E INTENSIDADE (0=NADA E 10=DEMAIS) DAS ADVERTÊNCIAS NO TRABALHO, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS ***		TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		ALTA		BAIXA	
Temporada										
Quantidade										
Intensidade das advertências	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
0	7	58,3	10	58,8	4	33,3	11	45,9	10	58,8
1 – 2	2	16,7	2	11,8	3	25,0	5	20,8	2	11,8
3 – 4	2	16,7	0	0	3	25,0	5	20,8	0	0
5 – 6	1	8,3	2	11,8	2	16,7	3	12,5	2	11,8
7 – 8	0	0	3	17,6	0	0	0	0	3	17,6
9 – 10	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	24	100,0	17	100,0

*** Não há trabalhadores temporários em situação de emprego na baixa temporada.

A distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e frequência (0=nunca e 10=demais) do reconhecimento no trabalho, na alta e na baixa temporadas turísticas, pode ser notada na Tabela 5.29. Dos sujeitos que trabalham com regime permanente, na alta temporada, 33,3% indicam os graus sete a oito (muitas vezes) quando se referem à frequência que recebem reconhecimento pelo trabalho realizado; 16,7% indicam os graus cinco a seis (algumas vezes); 16,7% indicam os graus três a quatro (poucas vezes) para a mesma finalidade e 8,3% indicam os graus nove a dez (sempre). Na baixa temporada, 29,4% indicam o grau zero (nunca) quando se referem à frequência que recebem reconhecimento; 23,6% indicam os graus três a quatro (poucas

vezes); 17,6% indicam os graus um a dois (quase nunca). Entre os trabalhadores com regime temporário, na alta temporada, 25,0% indicam os graus três a quatro (poucas vezes); e a mesma quantidade (25,0%) indica os graus cinco a seis (algumas vezes) e 16,7% indicam o grau zero (nunca) para dizer quando recebem reconhecimento pelo trabalho realizado.

TABELA 5.29

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E FREQUÊNCIA (0=NUNCA E 10=SEMPRE) DO RECONHECIMENTO NO TRABALHO, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS ***		TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		ALTA		BAIXA	
Temporada										
Quantidade										
Frequência do reconhecimento	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
0	2	16,7	5	29,4	2	16,7	4	16,7	5	29,4
1 – 2	1	8,3	3	17,6	2	16,6	3	12,5	3	17,6
3 – 4	2	16,7	4	23,6	3	25,0	5	20,8	4	23,6
5 – 6	2	16,7	2	11,8	3	25,0	5	20,8	2	11,8
7 – 8	4	33,3	0	0	2	16,7	6	25,0	0	0
9 – 10	1	8,3	3	17,6	0	0	1	4,2	3	17,6
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	24	100,0	17	100,0

*** Não há trabalhadores temporários em situação de emprego na baixa temporada.

Na Tabela 5.30 é possível notar a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e intensidade (0=nada e 10=demais) do reconhecimento que recebem pelo trabalho realizado, na alta e na baixa temporadas turísticas. Entre os sujeitos que trabalham em regime permanente, na alta temporada, 33,3% indicam os graus sete a oito (muito intenso); 25,0% indicam os graus cinco a seis (intensidade média). Na baixa temporada, 35,3% indicam o grau zero (nada) quando se referem ao reconhecimento que recebem; 35,2% indicam os graus cinco a seis (intensidade

média). Dos trabalhadores com contratos temporários, na alta temporada, 33,4% indicam os graus três a quatro (pouca intensidade) de reconhecimento; 25,0% indicam os graus cinco a seis (intensidade média).

TABELA 5.30

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E INTENSIDADE (0=NADA E 10=DEMAIS) DO RECONHECIMENTO PELO TRABALHO, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS ***		TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		ALTA		BAIXA	
Quantidade	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
0	2	16,7	6	35,3	2	16,6	4	16,7	6	35,3
1 – 2	1	8,3	2	11,8	2	16,6	3	12,5	2	11,8
3 – 4	2	16,7	6	35,2	4	33,4	6	25,0	6	35,2
5 – 6	3	25,0	1	5,9	3	25,0	6	25,0	1	5,9
7 – 8	4	33,3	2	11,8	1	8,4	5	20,8	2	11,8
9 – 10	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	24	100,0	17	100,0

*** Não há trabalhadores temporários em situação de emprego na baixa temporada.

Na Tabela 5.31 está apresentada a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e frequência (0=nunca e 10=sempre) que conversam com os colegas de trabalho, na alta e na baixa temporada turísticas. Entre os sujeitos que trabalham permanentemente, na alta temporada, 33,4% indicam os graus nove a dez (sempre) quando se referem às vezes que conversam com seus colegas; 33,4% indicam os graus sete a oito (muitas vezes). Na baixa temporada, 47,0% indicam os graus nove a dez (sempre); 23,5% indicam os graus sete a oito (muito). Entre os sujeitos que têm contratos temporários, na alta temporada, 33,4% indicam os graus nove a dez (sempre) quando se

referem às vezes que conversam com seus colegas; outros 33,4%, para a mesma finalidade, indicam os graus sete a oito (muitas vezes).

TABELA 5.31

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E FREQUÊNCIA (0=NUNCA E 10=SEMPRE) QUE CONVERSA COM OS COLEGAS DE TRABALHO, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS ***		TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		ALTA		BAIXA	
Temporada										
Quantidade										
Frequência da conversa com colegas	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
0	0	0	1	5,9	0	0	0	0	1	5,9
1 – 2	0	0	1	5,9	0	0	0	0	1	5,9
3 – 4	2	16,6	1	5,9	2	16,6	4	16,6	1	5,9
5 – 6	2	16,6	2	11,8	2	16,6	4	16,6	2	11,8
7 – 8	4	33,4	4	23,5	4	33,4	8	33,4	4	23,5
9 – 10	4	33,4	8	47,0	4	33,4	8	33,4	8	47,0
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	24	100,0	17	100,0

*** Não há trabalhadores temporários em situação de emprego na baixa temporada.

A distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e tipo de relação com os colegas de trabalho, na alta e na baixa temporadas turísticas, pode ser notada na Tabela 5.32. Dos sujeitos que trabalham permanentemente, na alta temporada, a maioria (66,7%) diz ter uma relação amistosa; 25% dizem que a relação é competitiva. Na baixa temporada, 88,2% relatam que as relações com os colegas são amistosas; 17,6% dizem que é competitiva. Dos trabalhadores com regime temporário, na alta temporada, 66,7% indicam uma relação amistosa entre os colegas de trabalho; 33,3% dizem que as mesmas são competitivas; 16,7% dizem que essas relações são hostis.

TABELA 5.32

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E TIPO DE RELAÇÃO COM OS COLEGAS DE TRABALHO, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS ***		TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		ALTA		BAIXA	
Quantidade	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Tipo de relação com colegas	*		*		*		*		*	
Amistosa	8	66,7	15	88,2	8	66,7	16	66,7	15	88,2
Competitiva	3	25,0	3	17,6	4	33,3	7	29,2	3	17,6
Indiferente	1	8,3	0	0	0	0	1	4,2	0	0
Hostil	1	8,3	1	5,9	2	16,7	3	12,5	1	5,9
TOTAL * *	12	108,3	17	111,7	12	116,7	24	112,6	17	111,7

* Neste caso observa-se que em N há mais de uma resposta por sujeito pesquisado, por isso o total é inferior à soma dos valores parciais.

** O total de N corresponde ao total de sujeitos pesquisados e não a quantidade de respostas dadas. O total de percentagens supera os 100%, pois há mais respostas que sujeitos.

*** Não há trabalhadores temporários em situação de emprego na baixa temporada.

A Tabela 5.33 apresenta a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e tipo de cooperação entre os colegas de trabalho, na alta e na baixa temporadas turísticas. Entre os sujeitos que trabalham em regime permanente, na alta temporada, 83,3% dizem que há mais cooperação na organização da loja; 66,7% indicam a limpeza; outros 50,0% indicam a venda como atividade onde há mais cooperação. Na baixa temporada, 52,9% dizem que os colegas cooperam em tudo; 35,5% indicam a organização da loja. Dos trabalhadores com contratos temporários, na alta temporada, 91,7% indicam a organização da loja como a atividade onde os colegas cooperam mais; 50,0% indicam a limpeza e 41,7% indicam a venda.

TABELA 5.33

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E TIPO DE COOPERAÇÃO ENTRE OS COLEGAS DE TRABALHO, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS ***		TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		ALTA		BAIXA	
Quantidade	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Tipo de cooperação com colegas	*		*		*		*		*	
Na venda	6	50,0	1	5,9	5	41,7	11	45,8	1	5,9
Limpeza	8	66,7	3	17,6	6	50,0	14	58,3	3	17,6
Organização	10	83,3	6	35,3	11	91,7	21	87,5	6	35,3
Nenhuma	0	0	1	5,9	0	0	0	0	1	5,9
Tudo	0	0	9	52,9	0	0	0	0	9	52,9
TOTAL * *	12	200,0	17	117,6	12	183,4	24	191,6	17	117,6

* Neste caso observa-se que em N há mais de uma resposta por sujeito pesquisado, por isso o total é inferior à soma dos valores parciais.

** O total de N corresponde ao total de sujeitos pesquisados e não a quantidade de respostas dadas. O total de percentagens supera os 100%, pois há mais respostas que sujeitos.

*** Não há trabalhadores temporários em situação de emprego na baixa temporada.

A distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e tipo de tratamento que recebem do cliente, na alta e na baixa temporadas turísticas, está apresentada na Tabela 5.34. Dos sujeitos que trabalham com regime permanente, na alta temporada, 58,3% indicam que recebem um tratamento gentil; 50,0% dizem que é amistoso. Na baixa temporada, 58,8% indicam um tratamento gentil; 41,2% indicam amistoso e 11,8% dizem que o tratamento é agressivo. Dos trabalhadores com vínculo empregatício temporário, na alta temporada, 66,5% dizem que os clientes os tratam de forma gentil; 41,7% dizem que é de forma amistosa.

TABELA 5.34

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E TIPO DE TRATAMENTO QUE RECEBEM DO CLIENTE, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS ***		TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		ALTA		BAIXA	
Quantidade	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Tipo do tratamento do cliente	*		*		*		*		*	
Amistoso	6	50,0	7	41,2	5	41,7	11	45,8	7	41,2
Respeitoso	2	16,7	2	11,8	1	8,3	3	12,5	2	11,8
Gentil	7	58,3	10	58,8	8	66,7	15	62,5	10	58,8
Agressivo	1	8,3	2	11,8	1	8,3	2	8,3	2	11,8
TOTAL **	12	133,3	17	123,6	12	125,0	24	129,1	17	123,6

* Neste caso observa-se que em N há mais de uma resposta por sujeito pesquisado, por isso o total é inferior à soma dos valores parciais.

** O total de N corresponde ao total de sujeitos pesquisados e não a quantidade de respostas dadas. O total de percentagens supera os 100%, pois há mais respostas que sujeitos.

*** Não há trabalhadores temporários em situação de emprego na baixa temporada.

5.8. As relações inter-pessoais no trabalho são alteradas pelas mudanças sazonais.

Entre as importantes relações estabelecidas no âmbito laboral, a relação com o chefe é uma das mais importantes. Quando os trabalhadores de comércio de cidades turísticas conversam com seus chefes, a maioria diz fazê-lo sobre temas variados. Outra quantidade considerável diz que conversa com seus chefes sobre questões ligadas ao trabalho. A frequência com que conversam com seus chefes é maior na alta temporada. Isso foi indicado pela maioria dos trabalhadores. Na baixa temporada, a frequência mais indicada varia de “poucas vezes” a “algumas vezes”. Colocar idéias em prática é importante para o

trabalhador. A possibilidade de transformar, criar ou melhorar a organização do trabalho, faz com que sua atividade tenha um significado maior. É possível verificar, por meio das informações obtidas, que a maioria dos trabalhadores, na alta temporada, diz ter oportunidade de colocar idéias em prática. Não acontece o mesmo na baixa temporada, onde a maioria diz o contrário, não conseguir colocar idéias em prática. Esses dados reafirmam o fato exposto anteriormente, o de aumentar o controle sobre as atividades na baixa temporada. A soma dos dois indicadores podem estar mostrando um aumento da tensão e uma perda de significado do trabalho, nesse período. Fica claro também, que a maioria dos trabalhadores com regime temporário de trabalho, não tem oportunidades de colocar idéias em prática.

Outros dados possíveis de notar, a partir das informações obtidas nas entrevistas, são a frequência e a intensidade das advertências e do reconhecimento pelo trabalho. Sobre as advertências, a maioria dos trabalhadores com vinculação permanente no trabalho, diz “nunca” receber. Entre os que dizem que recebem advertências, há um aumento de frequência na baixa temporada. Dos sujeitos com vinculação temporária, um terço diz “nunca” receber advertências, outro terço diz que recebe “quase nunca” e o terço restante diz que recebe “pouco”. Quanto à intensidade, é nítido o aumento desta na baixa temporada. As advertências, nesse período, alcançam graus de “muita” intensidade. Na alta temporada, a intensidade só alcança o grau “médio”, sendo que a maior concentração de indicações ficam entre os graus “quase nada” e “pouco”. Ao contrário, no caso do reconhecimento, é na alta temporada que a frequência e a intensidade desse aumentam. Esses dados permitem pensar que a maioria dos trabalhadores tem uma boa relação com seus chefes, e que esse relacionamento está ligado aos interesses do trabalho. É na alta temporada que a frequência do relacionamento é maior e que os trabalhadores conseguem colocar suas opiniões em prática. Nesse período parece haver uma melhoria nas relações inter-pessoais, possivelmente isso responde ao clima de euforia provocado pelo aumento de movimentação turística. Enquanto a frequência e intensidade das advertências aumentam na baixa temporada, a frequência e intensidade do reconhecimento aumentam na alta temporada. Esses dados confirmam, mais uma vez, a hipótese de uma melhoria nas relações inter-pessoais entre trabalhadores e patrões.

O relacionamento com os colegas, também é fundamental para o bem-estar no ambiente de trabalho. A maioria dos trabalhadores indica uma frequência de conversas com os colegas que varia de “muito” a “demais”. Na baixa temporada, há uma dispersão maior das respostas que variam de “nunca” a “sempre”. No entanto, a concentração de respostas da maioria indica entre “muito” e “sempre”. Esses dados mostram que os que conversam, o fazem com mais frequência devido à ausência de movimento de clientes na loja. Os que indicam que nunca conversam, respondem ao fato de que, na baixa temporada, muitos estabelecimentos mantêm apenas um funcionário. A cooperação entre colegas, na alta temporada, é mais notada principalmente em atividades como a organização da loja. Em segundo lugar é notado nas atividades de limpeza e em terceiro nas vendas. Na baixa temporada, a maior concentração de respostas se refere a uma cooperação em “tudo”, sendo que aparece um percentual indicando que não há cooperação alguma. Isso pode ser atribuído aos casos em que só há um trabalhador. É possível notar então, que o relacionamento entre os colegas é bom e que existe uma relação de cooperação mútua, sem deixar de haver uma certa competitividade nas vendas, como os dados parecem revelar.

Com respeito ao relacionamento com os clientes, os trabalhadores, na sua maioria, dizem que recebem um tratamento gentil por parte dos clientes. A resposta de tratamento amistoso vem em segundo lugar, indicada por uma quantidade importante de trabalhadores. O tratamento agressivo por parte dos clientes é pouco notado pelos trabalhadores. Entretanto, é importante destacar, que há uma indicação pouco maior na baixa temporada. Isso pode estar sinalizando, novamente, um aumento geral da tensão nesse período.

Os relacionamentos interpessoais no trabalho são afetados pela sazonalidade turística. Ao considerar todos os aspectos de relacionamento apontados, tais como, o relacionamento com chefes, com colegas e com clientes é possível afirmar que os trabalhadores de comércio em cidades turísticas mantêm boas relações inter-pessoais no ambiente de trabalho. A baixa temporada, pelas características de baixa movimentação comercial, cria um clima de tensão prejudicando de alguma forma essas relações. Nesse sentido, é possível notar que a sazonalidade turística influencia os relacionamentos interpessoais no ambiente.

5.9. Período de preferência para trabalhar

Na Tabela 5.35 está apresentada a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e período de preferência para trabalhar, na alta e na baixa temporadas turísticas. Dos trabalhadores com regime permanente, na alta temporada, a maioria (83,3%) diz que prefere trabalhar na alta temporada. Na baixa temporada, 82,4% dizem o mesmo. Dos sujeitos que trabalham com vínculo empregatício temporário, na alta temporada, a maioria (83,3%) diz preferir trabalhar na alta temporada. Da mesma forma, na baixa temporada, a totalidade (100,0%) tem a mesma preferência, trabalhar na alta temporada.

TABELA 5.35

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E PERÍODO DE PREFERÊNCIA PARA TRABALHAR, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS ***				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
Temporada												
Quantidade												
Período de preferência para trabalhar	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Alta temporada	10	83,3	14	82,4	10	83,3	6	100,0	20	83,3	20	87,0
Baixa temporada	2	16,7	3	17,6	2	16,7	0	0	4	16,7	3	13,0
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

*** Não há trabalhadores temporários em situação de emprego na baixa temporada. Na baixa temporada, os sujeitos que aparecem distribuídos na Tabela, não têm vínculo empregatício nesse período.

5.10. A alta temporada é o período de trabalho preferido pelos trabalhadores de comércio

As duas temporadas turísticas (alta e baixa) configuram contingências distintas no que diz respeito ao trabalho. A alta temporada é caracterizada por ter uma jornada de trabalho longa, pausas entre sessenta a noventa minutos, sem pagamento de horas extras, mais pontualidade na hora de receber os salários, menos controle, menos advertências, mais reconhecimento, maior contato direto com os chefes, oportunidades de colocar idéias em prática, mais esforço físico, maior salário, entre outros. Já a baixa temporada é caracterizada por ter uma jornada de trabalho menor que permite maior tempo disponível para a família; sem pausas; impontualidade no pagamento dos salários; mais controle; pouco reconhecimento; mais advertências; pouco contato com a chefia; menor esforço físico; menor salário; menos oportunidades de colocar idéias em prática; perda de alguns benefícios sociais e outros. A pergunta que surge é: em qual dessas circunstâncias os trabalhadores preferem trabalhar e, por quê? Os dados coletados nas entrevistas possibilitam notar que a maioria (superior a 80,0%) do total de trabalhadores, diz preferir a alta temporada para trabalhar. Parece que durante esse período os estímulos positivos são superiores e o clima de estabilidade cria um ambiente favorável no trabalho. Esses dados confirmam que, quando chega a baixa temporada, muitos estímulos são retirados e os trabalhadores sentem-se mais inseguros e insatisfeitos.

5.11. Os trabalhadores sem vínculo empregatício na baixa temporada

Durante a baixa temporada, alguns trabalhadores com vinculação temporária segue caminhos diferentes. Alguns são admitidos em regime permanente, outros retomam as atividades anteriores como estudo, dedicação integral à família ou trabalhos autônomos ou eventuais e outros passam a engrossar as filas de desempregados. As entrevistas realizadas permitem notar o que acontece com os trabalhadores sem vinculação empregatícia, na baixa temporada. Esses dados relacionados a outros aspectos da vida desses sujeitos podem oferecer importantes informações sobre as características que determinam a saúde dos mesmos.

5.12. Características do trabalho dos trabalhadores sem vínculo empregatício na baixa temporada turística

Na Tabela 5.36 é possível notar a distribuição das quantidades de sujeitos sem vínculo empregatício na baixa temporada turística. Desses trabalhadores, na baixa temporada, 2 cuidam da casa; outros 2 estudam; 1 trabalha eventualmente em bancas de revistas e 1 vende cosméticos em forma domiciliar.

TABELA 5.36

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS SEM VÍNCULO EMPREGATÍCIO E TIPO DE ATIVIDADE QUE REALIZAM, NA BAIXA TEMPORADA TURÍSTICA

Regime de trabalho	SUJEITOS SEM VÍNCULO EMPREGATÍCIO BAIXA
Temporada	
Quantidade	
Tipo de atividade que realiza	
	N
Cuidar da casa	2
Estudar	2
Banca de revista	1
Venda cosméticos	1
TOTAL	6

A Tabela 5.37 apresenta a distribuição das quantidades de sujeitos sem vínculo empregatício e as expectativas que têm com o trabalho, na baixa temporada turística. É possível notar, por meio dos dados, que cada resposta foi indicada por um sujeito: 1 tem “nenhuma” expectativa; 1 espera “não ter que trabalhar finais de semana”; 1 quer conseguir

um “trabalho na prefeitura”; 1 quer trabalhar só para “ajudar a família”; 1 espera “ser contratada novamente” e 1 quer que haja “melhoria de clima” no local de trabalho.

TABELA 5.37

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS SEM VÍNCULO EMPREGATÍCIO E AS EXPECTATIVAS QUE TÊM COM O TRABALHO, NA BAIXA TEMPORADA TURÍSTICA

Regime de trabalho Temporada Quantidade Expectativa com o trabalho	SUJEITOS SEM VÍNCULO EMPREGATÍCIO BAIXA N
Nenhuma	1
Não tr. fim semana	1
Tr. na prefeitura	1
Ajudar família	1
Ser contr. novam.	1
Melhoria clima	1
TOTAL	6

A distribuição das quantidades de sujeitos sem vínculo empregatício e os ingressos que receberam no último mês, na baixa temporada turística, está apresentada na Tabela 5.38. 2 desses trabalhadores dizem que não receberam ingresso algum, no último mês; 2 dizem ter recebido menos de um salário e outros 2 manifestam ter recebido de um a dois salários mínimos.

TABELA 5.38

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS SEM VÍNCULO EMPREGATÍCIO E OS INGRESSOS QUE RECEBERAM NO ÚLTIMO MÊS, NA BAIXA TEMPORADA TURÍSTICA.

Regime de trabalho Temporada	SUJEITOS SEM VINCULO EMPREGATÍCIO	
Quantidade		BAIXA
Ingressos último mês		N
Nada	2	
Menos de um sal.	2	
De um a dois sal.	2	
TOTAL	6	

5.13. Os trabalhadores temporários sem vínculo empregatício, na baixa temporada, não são, necessariamente, desempregados

É possível notar que nenhum dos trabalhadores que tinha vinculação temporária na alta temporada, pode ser enquadrado na categoria de desempregado. Nenhum deles está à procura de um novo emprego. No período de baixa temporada, se dedicam exclusivamente aos cuidados do lar, estudam, ou realizam trabalhos eventuais e autônomos por escolha própria. Esses dados indicam que nas cidades turísticas há um contingente de trabalhadores que permanecem na condição de trabalhadores de reserva, como forma de aumentar a renda familiar nos períodos de alta temporada. As expectativas com o trabalho são muito variadas, o que não permite caracterizá-las. Entretanto, é possível deduzir, que isso se deve a que esse contingente de trabalhadores não tem um compromisso estabelecido de trabalhar durante o período de baixa temporada. Dos sujeitos que recebem algum tipo de ingressos, metade recebe menos de um salário mínimo, a outra metade recebe de um a dois salários mínimos. Esses ingressos são resultados de trabalhos eventuais ou venda de produtos a domicílio, ou do pagamento do seguro desemprego que alguns sujeitos recebem por

acúmulo de tempo de serviço temporário. É importante lembrar que no caso específico deste estudo, os sujeitos pesquisados são, na sua totalidade, mulheres. Muitas delas dependem dos pais para se sustentarem economicamente no período de baixa temporada, outras dependem dos maridos. Assim, a sazonalidade do turismo parece oferecer para essas trabalhadoras oportunidades de ganhos extras.

5.14. A sazonalidade turística afeta as condições de trabalho dos trabalhadores de comércio

No trabalho de comércio, em relação à sazonalidade turística, aparecem características da precarização do trabalho. O descumprimento do pagamento de horas extras, a falta de pausas no trabalho, a impontualidade no pagamento dos salários, a falta de registro na carteira e de benefícios sociais, pode ser notada na realidade do trabalho no comércio. Isso confirma os aspectos da precarização, destacados por Antunes (1999), já que são as características das relações laborais a que esses trabalhadores estão expostos. Além de contribuir para o desgaste da saúde dos trabalhadores, aumenta o nível de insegurança na vida dos mesmos. No caso dos trabalhadores com regime de trabalho temporário, a situação é ainda pior, quase todos os indicadores aparecem piores que nos trabalhadores com regime permanente. Esse parecer é corroborado ao observar que um terço do total de trabalhadores diz não ter expectativa alguma com o trabalho.

O trabalho no comércio em cidades turísticas não é tão simples quanto parece ser. Esse tipo de trabalho requer dos indivíduos uma série de habilidades que ultrapassam os limites da técnica, além disso, requer habilidades de relacionamento inter-pessoal, conhecimentos intelectuais, esforço físico e uma exigência de ordem estética, por meio da aparência pessoal. As mudanças constantes provocadas pela sazonalidade do turismo requerem do trabalhador uma rápida adequação às situações que se apresentam. Assim, as mudanças nas condições de trabalho afetam diretamente o próprio trabalhador.

O ambiente físico de trabalho, dos trabalhadores de comércio, em uma cidade turística, é bastante positivo quanto à temperatura, iluminação e ruído. As mudanças que sofrem essas variáveis parecem não afetar significativamente o equilíbrio e o bem-estar

geral dos trabalhadores. Entretanto, tem que ser considerado que, quando essas variáveis são somadas a outras características e exigências, podem ser elementos que contribuam para um desgaste maior. O aumento da intensidade do ruído na alta temporada, junto a uma jornada de 14 horas diárias é um exemplo disso. Sendo assim, é possível dizer que há mudanças ambientais em diferentes graus, que relacionados a outras variáveis podem prejudicar a saúde dos trabalhadores.

Os relacionamentos interpessoais no trabalho mudam em função da sazonalidade turística. O relacionamento com chefes, colegas e clientes é bom, entretanto, a baixa temporada, pelas características de baixa movimentação comercial, cria um clima de tensão que prejudica, de alguma forma, essas relações. Nesse sentido, é possível dizer que a sazonalidade turística influencia de forma negativa os relacionamentos interpessoais no ambiente de trabalho.

Tudo muda no trabalho em relação à temporada e ao tipo de vinculação dos trabalhadores. As condições de trabalho para os trabalhadores temporários, na alta temporada, são piores que para os que têm regime permanente. Por outro lado, na baixa temporada, as condições de trabalho são piores para os trabalhadores com vínculo permanente. As características de precarização podem ser notadas nas diferentes variáveis que compõem as condições de trabalho, entretanto, as exigências parecem ter aumentado. A alta temporada parece configurar um período de muita exigência no trabalho, porém de maior estabilidade. Talvez por isso, a maioria dos trabalhadores prefere trabalhar nesse período. Há que destacar que a sazonalidade turística tem também influências positivas, como a geração de empregos. Isso foi confirmado com a quantidade de trabalhadores temporários contratados de forma permanente, na baixa temporada. Assim, é possível afirmar que a sazonalidade turística afeta as condições de trabalho dos trabalhadores de comércio.

CONDIÇÕES DE SAÚDE DOS TRABALHADORES DE COMÉRCIO EM RELAÇÃO À SAZONALIDADE TURÍSTICA

Para ter uma compreensão ampla das condições de saúde dos trabalhadores de comércio em relação à sazonalidade turística deve ser analisado o conjunto de variáveis que a configuram. Essas variáveis possuem graus diversos que, quando relacionados a outras variáveis em seus diferentes graus, oferecem a possibilidade de compreender como a saúde dos sujeitos varia dentro de um contínuo, dependendo das contingências que o determinam. Assim, não é correto falar em saúde ou doença, como coisas distintas e estanques. É correto falar na probabilidade de determinação, como indicam Rebelato e Botomé (1999), pois a condição de saúde de um organismo depende da forma como se estruturam e se relacionam as diferentes variáveis a constituem.

Para avaliar as condições de saúde dos trabalhadores de comércio em relação à sazonalidade são verificadas as variáveis: sono, alimentação, prática de atividades físicas, algumas doenças, dores, disposição para o trabalho, etc. A partir da caracterização dessas variáveis é possível estabelecer relações. As relações estabelecidas entre si e as estabelecidas com as condições de vida e de trabalho dos sujeitos que trabalham no comércio em uma cidade turística. Isso pode permitir determinar, probabilisticamente, em que grau a saúde dos trabalhadores de comércio, em relação à sazonalidade, é afetada.

6.1 Características do sono, alimentação e da prática de atividades físicas

A Tabela 6.1 apresenta dados sobre a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e quantidade de horas de sono ontem, na alta e na baixa temporadas turísticas. Entre os sujeitos que trabalham em regime permanente, na alta temporada, 50,0% dizem dormir de seis a sete horas; 25% dormem de quatro a cinco horas e outros 25,0% dizem dormir de oito a nove horas. Na baixa temporada, 47,0% dormem de oito a nove horas; 29,4% manifestam dormir de seis a sete horas e 11,8% fazem o mesmo

durante 12 horas ou mais. Dentre os trabalhadores em regime temporário, na alta temporada, 75,0% dizem dormir de oito a nove horas, enquanto 16,7% dormem de seis a sete horas. Na baixa temporada, 50,0% dormem de oito a nove horas; 33,3% fazem o mesmo durante seis a sete horas e 16,7% dormem de 10 a 11 horas.

TABELA 6.1

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E QUANTIDADE DE HORAS DE SONO ONTEM, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada Quantidade Horas de sono de ontem	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
	4 - 5	3	25,0	2	11,8	1	8,3	0	0	4	16,7	2
6 - 7	6	50,0	5	29,4	2	16,7	2	33,3	8	33,3	7	30,5
8 - 9	3	25,0	8	47,0	9	75,0	3	50,	12	50,0	11	47,8
10 - 11	0	0	0	0	0	0	1	16,7	0	0	1	4,3
12 o mais	0	0	2	11,8	0	0	0	0	0	0	2	8,7
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

A distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e qualidade do sono ontem, na alta e na baixa temporadas turísticas, pode ser notada na Tabela 6.2. Dos trabalhadores em regime permanente, na alta temporada, 66,6% dizem ter um sono contínuo. Na baixa temporada, o sono contínuo é relatado por 76,5% dos sujeitos. Dentre os que trabalham em regime temporário, na alta temporada, 91,7% dizem dormir de forma contínua. Na baixa temporada, 66,6% dos sujeitos dizem dormir da mesma forma.

TABELA 6.2

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E QUALIDADE DE SONO ONTEM, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Contínuo	8	66,6	13	76,5	11	91,7	4	66,6	19	79,2	17	73,9
Descontínuo	2	16,7	1	5,9	0	0	1	16,7	2	8,3	2	8,7
Agitado	2	16,7	3	17,6	0	0	1	16,7	2	8,3	4	17,4
Outro	0	0	0	0	1	8,3	0	0	1	4,2	0	0
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

A tabela 6.3 apresenta a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e profundidade do sono ontem, em relação ao dia da entrevista realizada, na alta e na baixa temporadas turísticas. No grupo de sujeitos com regime de trabalho permanente, na alta temporada, 41,6% indicam os graus cinco a seis (medianamente profundo); 25,0% dizem ter dormido ontem numa profundidade de graus sete a oito (profundo). Na baixa temporada, 41,1% indicam os graus nove a dez (muito profundo); 29,4% relatam ter dormido ontem com profundidade de graus sete a oito (profundo). Dentre os trabalhadores com contratos temporários de trabalho, na alta temporada, 41,7% dizem ter tido o sono de ontem numa profundidade de graus nove a dez (muito profundo); 25,0% indicam os graus sete a oito (profundo). Na baixa temporada, 50,0% indicam os graus nove a dez (muito profundo) quando se referem à intensidade do sono e 16,7% indicam os graus três a quatro (pouco profundo) para referir-se à mesma característica.

TABELA 6.3

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E PROFUNDIDADE DO SONO ONTEM, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
Quantidade												
Profundidade do sono de ontem	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1 - 2	0	0	1	5,9	0	0	0	0	0	0	1	4,4
3 - 4	2	16,7	2	11,8	0	0	1	16,7	2	8,3	3	13,0
5 - 9	5	41,6	2	11,8	4	33,3	1	16,7	9	37,5	3	13,0
7 - 8	3	25,0	5	29,4	3	25,0	1	16,6	6	25,0	6	26,1
9 - 10	2	16,7	7	41,1	5	41,7	3	50,0	7	29,2	10	43,5
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

Na Tabela 6.4 está apresentada a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e quantidade de horas de sono antes de ontem, na alta e na baixa temporadas turísticas. 50,0% dos trabalhadores em regime permanente, na alta temporada, dizem dormir de oito a nove horas e 25,0% dizem fazê-lo, durante seis a sete horas. Na baixa temporada, 64,7% dizem dormir de oito a nove horas, e 23,5% dormem de seis a sete horas. Dos sujeitos que trabalham temporariamente, na alta temporada, 58,3% dormem de oito a nove horas; 16,7% dizem fazê-lo durante seis a sete horas e a mesma quantidade (16,7%) dormem de quatro a cinco horas. Na baixa temporada, metade dos sujeitos (50,0%) relata dormir de seis a sete horas, a outra metade (50,0%) o faz de oito a nove horas.

TABELA 6.4

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E QUANTIDADE DE HORAS DE SONO ANTES DE ONTEM, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada Quantidade Horas de sono antes de ontem	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
4 - 5	1	8,3	0	0	2	16,7	0	0	3	12,5	0	0
6 - 7	3	25,0	4	23,5	2	16,7	3	50,0	5	20,8	7	30,4
8 - 9	6	50,0	11	64,7	7	58,3	3	50,0	13	54,2	14	60,9
10 - 11	2	16,7	2	11,8	0	0	0	0	2	8,3	2	8,7
12 ou mais	0	0	0	0	1	8,3	0	0	1	4,2	0	0
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

Dados sobre a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e qualidade do sono de antes de ontem em relação ao dia de realização da pesquisa, na alta e na baixa temporadas turísticas, são apresentados pela Tabela 6.5. Dentre os sujeitos que trabalham em regime permanente, na alta temporada, 91,7% dizem ter um sono contínuo. Na baixa temporada, 70,6% dormem de forma contínua, enquanto 17,6% dizem ter um sono agitado e 11,8% o fazem de forma descontínua. Dos sujeitos com contratos laborais temporários, na alta temporada, 91,7% relatam ter sono contínuo. Na baixa temporada, 33,3% dormem um sono contínuo; 50,0% dizem ter sono agitado e 16,7% dizem ter um sono diferente, referindo-se ao uso de medicamentos.

TABELA 6.5

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E QUALIDADE DO SONO ANTES DE ONTEM, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada Quantidade Qualidade do sono antes de ontem	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Contínuo	11	91,7	12	70,6	11	91,7	2	33,3	22	91,7	14	60,9
Descontínuo	1	8,3	2	11,8	1	8,3	0	0	2	8,3	2	8,7
Agitado	0	0	3	17,6	0	0	3	50,0	0	0	6	26,1
Outro *	0	0	0	0	0	0	1	16,7	0	0	1	4,3
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

* Outro refere-se ao uso de medicamentos

Na Tabela 6.6 estão apresentados dados sobre a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e profundidade do sono (0=nada profundo e 10=muito profundo) antes de ontem, em relação ao dia de realização da coleta de dados, na alta e na baixa temporadas turísticas. Dentre os trabalhadores com regime permanente, na alta temporada, 41,7% manifestam dormir nos graus de profundidade sete a oito (profundo); 33,4% o fazem nos graus de nove a dez (muito profundo). Na baixa temporada, 47,1% indicam os graus nove a dez (muito profundo); 23,5% indicam graus de sete a oito (profundo) e outros 23,5% dizem dormir nos graus três a quatro (pouco profundo). No grupo de trabalhadores com regime temporário, na alta temporada, 41,7% dizem dormir numa profundidade de graus nove a dez (muito profundo); 16,7% o fazem nos graus sete a oito (profundo) e 33,3% indicam os graus cinco a seis (medianamente profundo). Na baixa temporada, 33,3% dizem dormir nos graus nove a dez (muito

profundo) e outros 33.3% indicam os graus cinco a seis (medianamente profundo) para referir-se à profundidade do sono.

TABELA 6.6

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E PROFUNDIDADE (0=NADA E 10=MUITO) DO SONO ANTES DE ONTEM, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada Quantidade Profundidade do sono antes de ontem	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1 - 2	1	8,3	0	0	1	8,3	1	16,7	2	8,3	1	4,3
3 - 4	1	8,3	4	23,5	0	0	1	16,7	1	4,2	5	21,8
5 - 6	1	8,3	1	5,9	4	33,3	2	33,3	5	20,8	3	13,0
7 - 8	5	41,7	4	23,5	2	16,7	0	0	7	29,2	4	17,4
9 - 10	4	33,4	8	47,1	5	41,7	2	33,3	9	37,5	10	43,5
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

Na Tabela 6.7 estão apresentados dados sobre a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e quantidades de horas diárias de sono geralmente, na alta e na baixa temporadas turísticas. Entre os sujeitos com regime de trabalho permanente, na alta temporada, 58,4% dizem dormir oito horas por dia geralmente; 25,0% fazem-no durante sete horas. Na baixa temporada, 58,8% indicam dormir geralmente oito horas diárias; 23,5% dormem sete horas e 11,8% relatam dormir geralmente dez horas. Dentre os trabalhadores que têm contratos temporários de trabalho, na alta temporada, 66,7% dizem dormir oito horas por dia geralmente; 16,7% indicam nove horas de sono. Na baixa temporada, 50,0% dizem dormir diariamente oito horas, e 33,3% fazem o mesmo durante dez horas por dia.

TABELA 6.7

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E HORAS DE SONO GERALMENTE, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada Quantidade Horas de sono geralmente	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
6 - 7	4	33,3	4	23,5	1	8,3	1	16,7	5	20,9	5	21,8
8 - 9	7	58,4	11	64,7	10	83,4	3	50,0	17	70,8	14	60,8
10 - 11	1	8,3	2	11,8	1	8,3	2	33,3	2	8,3	4	17,4
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

A distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e profundidade do sono (0=nada profundo a 10=muito profundo) geralmente, na alta e na baixa temporadas turísticas, está apresentada na Tabela 6.8. Dos sujeitos com regime de trabalho permanente, na alta temporada, 41,7% indicam que, em geral, têm um sono nos graus sete a oito (profundo); 25,0% dizem dormir nos graus de profundidade de nove a dez (muito profundo) e outros 25,0% o fazem nos graus cinco a seis (medianamente profundo). Na baixa temporada, 41,1% têm sono nos graus de profundidade de nove a dez (muito profundo); 29,4% indicam os graus sete a oito (profundo) como característica geral do sono nesse período. Dentre os trabalhadores com regime de trabalho temporário, na alta temporada, 50,0% relatam dormir com graus de profundidade de nove a dez (muito profundo) e 33,4% fazem o mesmo nos graus cinco a seis (medianamente profundo). Na baixa temporada, 66,6% dizem dormir, em geral, muito profundamente, pelo que, indicam os graus nove a dez.

TABELA 6.8

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E PROFUNDIDADE (0=NADA E 10=MUITO) DO SONO GERALMENTE, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada Quantidade Profundidade do sono geralmente	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1 - 2	0	0	1	5,8	1	8,3	0	0	1	4,2	1	4,3
3 - 4	1	8,3	2	11,8	0	0	0	0	1	4,2	2	8,7
5 - 6	3	25,0	2	11,8	4	33,4	1	16,7	7	29,1	3	13,0
7 - 8	5	41,7	5	29,4	1	8,3	1	16,7	6	25,0	6	26,1
9 - 10	3	25,0	7	41,2	6	50,0	4	66,6	9	37,5	11	47,9
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

Na Tabela 6.9 estão apresentados dados sobre a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e tipo de alimento consumido no almoço de ontem, em relação ao dia da entrevista, na alta e na baixa temporadas turísticas. No grupo dos sujeitos com regime de trabalho permanente, na alta temporada, 66,7% dizem ter consumido, no almoço de ontem, comida caseira; 25,0% dizem ter consumido lanches nas mesmas circunstâncias. Na baixa temporada, a maioria (76,4%) consomem comida caseira e, 11,8% dizem ter almoçado nada ontem. Dentre os trabalhadores com contratos de trabalho temporários, na alta temporada, a maioria (83,3%) diz ter consumido comida caseira no almoço de ontem e, 16,7% fazem o mesmo com lanches. Na baixa temporada, também a maioria (66,6%) indicam comida caseira como o almoço de ontem; 16,7% dizem ter comido alimentos vegetarianos na mesma situação e, outros 16,7% o fazem com lanches.

TABELA 6.9

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E TIPO DE ALIMENTO CONSUMIDO NO ALMOÇO DE ONTEM, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
Temporada												
Quantidade												
Tipo de alimentos no almoço de ontem	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Caseira	8	66,7	13	76,4	10	83,3	4	66,6	18	75,0	17	73,9
Vegetariana	1	8,3	1	5,9	0	0	1	16,7	1	4,2	2	8,7
Lanches	3	25,0	1	5,9	2	16,7	1	16,7	5	20,8	2	8,7
Nada	0	0	2	11,8	0	0	0	0	0	0	2	8,7
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

A Tabela 6.10 apresenta a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e tipo de alimentos consumidos no almoço de antes de ontem, em relação ao dia de realização das entrevistas, na alta e na baixa temporadas turísticas. Dos sujeitos que trabalham com regime permanente, na alta temporada, 50,0% relatam ter consumido alimentos caseiros no almoço de antes de ontem e 41,7% dizem ter feito o mesmo com lanches. Na baixa temporada, 70,6% indicam a comida caseira como consumida no almoço de antes de ontem e 17,6% dizem ter consumido lanches na mesma circunstância. Entre os sujeitos que trabalham temporariamente, na alta temporada, a maioria (83,3%) diz ter consumido alimentos caseiros no almoço de antes de ontem e 16,7% indicam que consumiram lanches. Na baixa temporada, a totalidade (100,0%) relata que consumiu alimentos caseiros no almoço de antes de ontem.

TABELA 6.10

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E TIPO DE ALIMENTOS CONSUMIDOS NO ALMOÇO DE ANTES DE ONTEM, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada Quantidade Tipo de alimentos no almoço de antes de ontem	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Caseira	6	50,0	12	70,6	10	83,3	6	100,0	16	66,6	18	78,3
Semi-pronta	1	8,3	0	0	0	0	0	0	1	4,2	0	0
Vegetariana	0	0	1	5,9	0	0	0	0	0	0	1	4,3
Lanches	5	41,7	3	17,6	2	16,7	0	0	7	29,2	3	13,1
Nada	0	0	1	5,9	0	0	0	0	0	0	1	4,3
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

Na tabela 6.11 estão apresentados dados sobre a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e tipo de alimentos consumidos no jantar de ontem, em relação ao dia de realização da entrevista, na alta e na baixa temporadas turísticas. Dos sujeitos que trabalham com contrato permanente, na alta temporada, 33,4% dizem ter consumido alimentos caseiros no jantar de ontem; 33,4% relatam ter consumido lanches na mesma ocasião e 16,6% indicam não ter jantado ontem. Na baixa temporada, 52,9% dizem ter consumido alimentos caseiros; 41,2% indicam ter consumido lanches no jantar de ontem. Entre os trabalhadores com regime temporário, na alta temporada, a maioria (75,0%) diz ter consumido lanches no jantar de ontem; outros 25,0% dizem ter consumido alimentos caseiros. Na baixa temporada, 50,0% relatam ter consumido lanches no jantar de ontem, enquanto 33,3% dizem ter jantado comida caseira.

TABELA 6.11

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E TIPO DE ALIMENTOS CONSUMIDOS NO JANTAR DE ONTEM, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
Temporada												
Quantidade												
Tipo de alimentos no jantar ontem	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Caseira	4	33,4	9	52,9	3	25,0	2	33,3	7	29,1	11	47,8
Semi-pronta	1	8,3	0	0	0	0	0	0	1	4,2	0	0
Vegetariana	1	8,3	1	5,9	0	0	1	16,7	1	4,2	2	8,7
Lanches	4	33,4	7	41,2	9	75,0	3	50,0	13	54,2	10	43,5
Nada	2	16,6	0	0	0	0	0	0	2	8,3	0	0
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

Os dados sobre a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e tipo de alimentos consumidos no jantar de antes de ontem, tendo como referência o dia da entrevista, na alta e na baixa temporadas turísticas, são apresentados na Tabela 6.12. A metade (50,0%) dos sujeitos que trabalham com vínculo permanente, na alta temporada, diz ter consumido lanches no jantar de antes de ontem; 33,3% dizem ter consumido comida caseira e 16,7% indicam não ter consumido alimentos na mesma circunstância. Na baixa temporada, 47,1% relatam ter consumido alimentos caseiros durante o jantar de antes de ontem; 23,5% indicam lanches como opção para a mesma ocasião e 17,6% manifestam não ter consumido alimentos. Entre os trabalhadores com contratos temporários, na alta temporada, 58,3% dizem ter consumido lanches no jantar de antes de ontem e 41,7% relatam ter consumido alimentos caseiros. Na baixa temporada, a maioria (66,7%) diz ter escolhido lanches para o jantar de antes de ontem e 33,3% dizem ter escolhido comida caseira para a mesma ocasião.

TABELA 6.12

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E TIPO DE ALIMENTOS CONSUMIDOS NO JANTAR DE ANTES DE ONTEM, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Caseira	4	33,3	8	47,1	5	41,7	2	33,3	9	37,5	10	43,5
Semi-pronta	0	0	2	11,8	0	0	0	0	0	0	2	8,7
Lanches	6	50,0	4	23,5	7	58,3	4	66,7	13	54,2	8	34,8
Nada	2	16,7	3	17,6	0	0	0	0	2	8,3	3	13,0
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

A Tabela 6.13 permite notar a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e tipo de alimentos consumidos nas refeições geralmente, na alta e na baixa temporadas turísticas. Dos sujeitos que trabalham com vínculo permanente, na alta temporada, 66,7% dizem escolher alimentos caseiros, geralmente; 33,3% escolhem lanches e 16,7% preferem a alimentação vegetariana. Na baixa temporada, 70,6% dizem consumir, geralmente, comidas caseiras e 23,5% indicam os lanches como os preferidos. Entre os trabalhadores com regime temporário, na alta temporada, a maioria (75,0%) relata a preferência por consumir alimentos caseiros e 41,7% dizem consumir lanches, geralmente. Na baixa temporada, a totalidade (100,0%) manifesta que, em geral, consome comida caseira.

TABELA 6.13

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E TIPO DE ALIMENTOS CONSUMIDOS NAS REFEIÇÕES GERALMENTE, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
Temporada												
Quantidade												
Tipo de alimentos nas refeições geralmente	N *	%	N *	%	N *	%	N *	%	N *	%	N *	%
Caseira	8	66,7	12	70,6	9	75,0	6	100,0	17	70,8	18	78,3
Vegetariana	2	16,7	1	5,9	0	0	0	0	2	8,3	1	4,3
Lanches	4	33,3	4	23,5	5	41,7	0	0	9	37,5	4	17,4
Outros	0	0	1	5,9	0	0	0	0	0	0	1	4,3
TOTAL **	12	116,7	17	105,9	12	116,7	6	100,0	24	116,6	23	104,3

* Neste caso observa-se que em N há mais de uma resposta por sujeito pesquisado, por isso o total é inferior à soma dos valores parciais.

** O total de N corresponde ao total de sujeitos pesquisados e não a quantidade de respostas dadas. O total de percentagens supera os 100%, pois há mais respostas que sujeitos.

A distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e tempo de almoço de ontem, em relação ao dia da coleta de dados, na alta e na baixa temporadas turísticas, é apresentada na Tabela 6.14. 50,0% dos sujeitos que trabalham com regime permanente, na alta temporada, dizem que o almoço de ontem teve uma duração de menos de ½hora; 25,0% indicam meia hora para a mesma finalidade. Na baixa temporada, 41,2% dizem ter gastado meia hora no almoço de ontem, 29,4% indicam ter feito o mesmo em mais de meia hora e a mesma proporção (29,4%) diz ter almoçado em menos de meia hora. Dentre os trabalhadores com contratos temporários, na alta temporada, 33,3% dizem ter almoçado ontem em menos de meia hora e 25,0% dizem que fizeram o

mesmo em meia hora. Na baixa temporada, 66,6% relatam ter almoçado ontem em meia hora.

TABELA 6.14

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E TEMPO DO ALMOÇO DE ONTEM, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada Quantidade Tempo do almoço de ontem	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Menos de 1/2 hora	6	50,0	5	29,4	4	33,3	1	16,7	10	41,7	6	26,1
1/2 hora	3	25,0	7	41,2	3	25,0	4	66,6	6	25,0	11	47,8
Mais de 1/2 hora	3	25,0	5	29,4	2	16,7	1	16,7	5	20,8	6	26,1
Mais de 1 hora	0	0	0	0	2	16,7	0	0	2	8,3	0	0
Nada	0	0	0	0	1	8,3	0	0	1	4,2	0	0
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

A Tabela 6.15 apresenta dados sobre a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e tempo dedicado ao almoço de antes de ontem, tendo como referência o dia de realização da entrevista, na alta e na baixa temporadas turísticas. Entre os sujeitos que trabalham com contratos permanentes, na alta temporada, 58,3% dizem ter almoçado antes de ontem em meia hora e 41,7 dizem ter feito o mesmo em menos de meia hora. Na baixa temporada, 35,3% dizem que antes de ontem almoçaram em mais de meia hora; 23,5% dizem ter feito o mesmo em meia hora e outros 23,5% o fazem em menos de meia hora. Entre os trabalhadores com vínculo empregatício temporário, na alta temporada, 33,4% dizem ter gastado mais de meia hora no almoço de antes de ontem;

25,0% relatam ter almoçado em meia hora e outros 25,0% dizem que fizeram o mesmo em menos de meia hora. Na baixa temporada, a maioria, (83,3%) diz ter dedicado meia hora ao almoço de antes de ontem.

TABELA 6.15

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E TEMPO DEDICADO AO ALMOÇO DE ANTES DE ONTEM, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada Quantidade Tempo de almoço de antes de ontem	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Menos de 1/2 hora	5	41,7	4	23,5	3	25,0	1	16,7	8	33,3	5	21,7
1/2 hora	7	58,3	4	23,5	3	25,0	5	83,3	10	41,6	9	39,1
Mais de 1/2 hora	0	0	6	35,3	4	33,4	0	0	4	16,7	6	26,1
Mais de 1 hora	0	0	3	17,7	1	8,3	0	0	1	4,2	3	13,1
Nada	0	0	0	0	1	8,3	0	0	1	4,2	0	0
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

A Tabela 6.16 permite notar a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e tempo do jantar de ontem, em relação ao dia em que a entrevista foi realizada, na alta e na baixa temporadas turísticas. Entre os sujeitos que trabalham com vínculo permanente, na alta temporada, 33,3% dizem ter jantado, ontem, em meia hora; 25,0% manifestam ter feito o mesmo em menos de meia hora. Na baixa temporada, 35,3% dizem ter passado mais de meia hora no jantar de ontem; 29,4% indicam meia hora o tempo ocupado nessa atividade e 11,8% dizem ter passado mais de uma hora. Entre os trabalhadores com regime temporário, na alta temporada, 41,7% indicam ter ocupado menos de meia hora no jantar de ontem; outros 41,7% dizem ter feito o mesmo em

meia hora. Na baixa temporada, 33,3% dizem ter jantado ontem em meia hora e a mesma quantidade (33,3%) diz ter ocupado mais de meia hora para igual finalidade.

TABELA 6.16

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E TEMPO DO JANTAR DE ONTEM, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
Temporada												
Quantidade												
Tempo do jantar de ontem	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Menos de 1/2 hora	3	25,0	4	23,5	5	41,7	1	16,7	8	33,3	5	21,7
1/2 hora	4	33,3	5	29,4	5	41,7	2	33,3	9	37,5	7	30,4
Mais de 1/2 hora	2	16,7	6	35,3	2	16,6	2	33,3	4	16,7	8	34,8
Mais de 1 hora	1	8,3	2	11,8	0	0	1	16,7	1	4,2	3	13,1
Nada	2	16,7	0	0	0	0	0	0	2	8,3	0	0
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

Na Tabela 6.17 é possível notar a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e tempo dedicado ao jantar de antes de ontem, tendo como referência o dia de realização da entrevista, na alta e na baixa temporadas turísticas. Dos sujeitos que trabalham em regime permanente, na alta temporada, 33,3% dizem ter dedicado ao jantar de antes de ontem menos de meia hora; 25,0% indicam meia hora o tempo dessa atividade e outros 25,0% relatam ter jantado em mais de meia hora. Na baixa temporada, 41,2% manifestam ter dedicado ao jantar de antes de ontem menos de meia hora e 29,4% dizem ter feito o mesmo em meia hora. Entre os trabalhadores com vínculo temporário, na alta temporada, 41,7% dizem ter ocupado mais de meia hora no jantar de antes de ontem. Na baixa temporada, 50,0% dizem ter dedicado meia hora a essa ocasião;

16,7% indicam mais de meia hora e outros 16,7% declaram ter dedicado ao jantar de antes de ontem, mais de uma hora.

TABELA 6.17

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E TEMPO DEDICADO AO JANTAR DE ANTES DE ONTEM, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada Quantidade Tempo dedicado ao jantar de antes de ontem	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
	Menos de 1/2 hora	4	33,3	7	41,2	3	25,0	1	16,7	7	29,2	8
1/2 hora	3	25,0	5	29,4	3	25,0	3	50,0	6	25,0	8	34,8
Mais de 1/2 hora	3	25,0	3	17,6	5	41,7	1	16,6	8	33,3	4	17,4
Mais de 1 hora	0	0	0	0	1	8,3	1	16,7	1	4,2	1	4,3
Nada	2	16,7	2	11,8	0	0	0	0	2	8,3	2	8,7
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

Dados sobre a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e tempo dedicado às refeições geralmente, na alta e na baixa temporadas turísticas, estão apresentados na Tabela 6.18. Dos trabalhadores com vínculo permanente, na alta temporada, a maioria (75,0%) diz dedicar, geralmente, meia hora às refeições. Na baixa temporada, 47,1% dizem dedicar meia hora para a mesma finalidade e 23,5% relatam passar mais de meia hora nas refeições. Entre os sujeitos que trabalham com regime temporário, na alta temporada, 50,0% dizem dedicar às refeições meia hora, geralmente. Na baixa temporada, a maioria (83,3%) indica dedicar meia hora às refeições.

TABELA 6.18

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E TEMPO DEDICADO ÀS REFEIÇÕES GERALMENTE, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
Temporada												
Quantidade												
Tempo dedicado às refeições geralmente	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Menos de 1/2 hora	1	8,3	5	29,4	3	25,0	1	16,7	4	16,7	6	26,1
1/2 hora	9	75,0	8	47,1	6	50,0	5	83,3	15	62,5	13	56,5
Mais de 1/2 hora	2	16,7	4	23,5	3	25,0	0	0	5	20,8	4	17,4
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

Na Tabela 6.19 estão apresentados os dados sobre a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e avaliação feita da qualidade (0=péssimo e 10=ótimo) dos alimentos consumidos, na alta e na baixa temporadas turísticas. Dos trabalhadores com regime de trabalho permanente, na alta temporada, 41,7% dizem que a qualidade dos alimentos que consomem tem uma pontuação de cinco a seis (bom); outros 41,7% indicam os graus sete a oito (muito bom) para a qualidade dos mesmos. Na baixa temporada, 23,6% indicam os graus cinco a seis (bom) para igual finalidade; 23,5% dizem localizar a qualidade dos alimentos nos graus sete a oito (muito bom), e a mesma quantidade (23,5%) indicam os graus 9 a 10 (ótimo). Entre os sujeitos com vínculo temporário, na alta temporada, 33,3% dizem que a qualidade dos alimentos que consomem pode ser identificada com os graus cinco a seis (bom); 33,3% indicam os graus sete a oito e 25,0% dizem considerar os graus três a quatro (regular) os mais representativos da qualidade dos alimentos. Na baixa temporada, 50,0% dizem que a qualidade dos alimentos pode ser identificada com os graus nove a dez (ótimo); 37,5%

indicam os graus sete a oito (muito bom) e outros 37,5% dizem identificar a qualidade dos alimentos com os graus cinco a seis (bom).

TABELA 6.19
DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E QUALIDADE (0=PÉSSIMO E 10=ÓTIMO) DOS ALIMENTOS CONSUMIDOS, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
Temporada												
Quantidade												
Qualidade dos alimentos consumidos	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1 - 2	0	0	2	11,8	0	0	0	0	0	0	2	8,7
3 - 4	1	8,3	3	17,7	3	25,0	0	0	4	16,7	3	13,0
5 - 6	5	41,7	4	23,5	4	33,3	2	33,3	9	37,5	6	26,1
7 - 8	5	41,7	4	23,5	4	33,3	1	16,7	9	37,5	5	21,7
9 - 10	1	8,3	4	23,5	1	8,4	3	50,0	2	8,3	7	30,5
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

A Tabela 6.20 apresenta a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e quantidade dos alimentos, na alta e na baixa temporadas turísticas. 50,0% dos sujeitos que trabalham em regime permanente, na alta temporada, indicam os graus cinco a seis (médio) como os representativos da quantidade de alimentos que consomem; 25,0% acreditam comer bastante e indicam os graus sete a oito. Na baixa temporada, 41,2% indicam para a mesma finalidade os graus três a quatro (regular) e 23,5% dizem que os graus cinco a seis (médio) representam a quantidade de alimentos consumidos. Entre os sujeitos que trabalham com contratos temporários, na alta temporada, 50,0% indicam os graus cinco a seis (médio) e 33,4% dizem que a quantidade

dos alimentos pode ser localizada entre os graus três a quatro (regular). Na baixa temporada, a totalidade (100,0%) indica os graus sete a oito para representar a qualidade dos alimentos consumidos.

TABELA 6.20

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E QUANTIDADE (0=NADA E 10=DEMAIS) DOS ALIMENTOS, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
Temporada												
Quantidade												
Quantidade dos alimentos consumidos	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1 - 2	0	0	1	5,9	0	0	0	0	0	0	1	4,3
3 - 4	2	16,7	7	41,2	4	33,4	0	0	6	25,0	7	30,4
5 - 6	6	50,0	4	23,5	6	50,0	0	0	12	50,0	4	17,4
7 - 8	3	25,0	3	17,6	1	8,3	6	100,0	4	16,7	9	39,2
9 - 10	1	8,3	2	11,8	1	8,3	0	0	2	8,3	2	8,7
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

Na Tabela 6.21 é possível notar a distribuição de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e tipo de atividades físicas que realizam, na alta e na baixa temporadas turísticas. Dos sujeitos com regime de trabalho permanente, na alta temporada, a maioria (58,3%) relatam não praticar atividades físicas e 41,7% praticam caminhadas. Na baixa temporada, 47,0% praticam caminhadas; 35,3% relatam que não praticam atividades físicas e 11,8% praticam esportes. Entre os trabalhadores com vínculo empregatício temporário, na alta temporada, 50,0% dizem que praticam caminhadas; 33,3% relatam praticar outros tipos de atividades físicas e 25,0% dizem não praticar essas atividades. Na baixa temporada, a

maioria (66,7%) diz praticar caminhadas; 33,3% praticam esportes e 33,3% indicam que não praticam atividades físicas.

TABELA 6.21

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E TIPO DE ATIVIDADES FÍSICAS QUE REALIZAM, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
Quantidade	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Tipo de atividades físicas	*		*		*		*		*		*	
Caminhadas	5	41,7	8	47,0	6	50,0	4	66,7	11	45,8	12	52,2
Esportes	0	0	2	11,8	1	8,3	2	33,3	1	4,2	4	17,4
Academia	0	0	0	0	0	0	1	16,7	0	0	1	4,3
Outros	2	16,7	2	11,8	4	33,3	0	0	6	25,0	2	8,7
Nada	7	58,3	6	35,3	3	25,0	2	33,3	10	41,7	8	34,8
TOTAL **	12	116,7	17	105,9	12	116,6	6	150,0	24	116,7	23	117,4

* Neste caso observa-se que em N há mais de uma resposta por sujeito pesquisado, por isso o total é inferior à soma dos valores parciais.

** O total de N corresponde ao total de sujeitos pesquisados e não a quantidade de respostas dadas. Em alguns dos casos o total de percentagens supera os 100%, pois há mais respostas que sujeitos.

Dados sobre a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e local das atividades físicas, na alta e na baixa temporadas turísticas, estão apresentados na Tabela 6.22. Dos trabalhadores com regime de trabalho permanente, na alta temporada, 50,0% indicam a praia como local das atividades físicas; 8,3% a casa é o local escolhido para esse fim e 8,3% escolhem realizar atividades físicas nas academias de ginástica. Na baixa temporada, 41,2% fazem atividades físicas na praia e 17,6% fazem o mesmo na rua. Entre os sujeitos que trabalham com vínculo temporário, na alta temporada,

50,0% indicam como local das atividades a praia; 25,0% dizem que a rua é o local onde praticam atividades físicas. Na baixa temporada, 50,0% continuam indicando a praia, e 16,7% dizem freqüentar a academia de ginástica.

TABELA 6.22

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E LOCAL ONDE REALIZA ATIVIDADES FÍSICAS, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
Quantidade	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Local das atividades físicas		*				*						
Praia	6	50,0	7	41,2	6	50,0	3	50,0	12	50,0	10	43,5
Casa	1	8,3	1	5,9	1	8,3	0	0	2	8,3	1	4,3
Academia	1	8,3	0	0	0	0	1	16,7	1	4,2	1	4,3
Rua	0	0	3	17,6	3	25,0	0	0	3	12,5	3	13,1
Nenhum	6	50,0	6	35,3	3	25,0	2	33,3	9	37,5	8	34,8
TOTAL **	12	116,6	17	100,0	17	108,3	6	100,0	24	110,5	23	100,0

* Neste caso observa-se que em N há mais de uma resposta por sujeito pesquisado, por isso o total é inferior à soma dos valores parciais.

** O total de N corresponde ao total de sujeitos pesquisados e não a quantidade de respostas dadas. Em alguns dos casos o total de percentagens supera os 100%, pois há mais respostas que sujeitos.

Na Tabela 6.23 pode ser notada a distribuição das quantidades e das percentagens, por regime de trabalho e ocasiões que realiza atividades físicas, na alta e na baixa temporadas turísticas. Entre os trabalhadores com vínculo empregatício permanente, na alta temporada, 25,0% dizem praticar atividades físicas após o expediente; 16,7% preferem fazer o mesmo de manhã cedo. Na baixa temporada, 47,0% relatam que praticam atividades físicas de

manhã cedo e 23,5% o fazem após o expediente. Dos sujeitos que trabalham em regime temporário, na alta temporada, 50,0% manifestam que de manhã cedo é a ocasião escolhida para essa finalidade; 33,3% preferem fazer atividades físicas após o expediente. Na baixa temporada, 50,0% escolhem os finais de semana como ocasião para realizar atividades físicas; 33,3% fazem atividades de manhã cedo e 16,7% indicam a ocasião após o expediente como a preferida para realizar esse tipo de atividade.

TABELA 6.23

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E OCASIÕES QUE REALIZA ATIVIDADES FÍSICAS, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
Temporada												
Quantidade												
Ocasões que realiza atividades físicas	N *	%	N *	%	N *	%	N *	%	N *	%	N *	%
Final de semana	1	8,3	1	5,9	0	0	3	50,0	1	4,2	4	17,4
Após o expediente	3	25,0	4	23,5	4	33,3	1	16,7	7	29,2	5	21,7
De manhã cedo	2	16,7	8	47,0	6	50,0	2	33,3	8	33,3	10	43,5
Nas férias	1	8,3	1	5,9	0	0	0	0	1	4,2	1	4,3
Nas folgas	0	0	0	0	1	8,3	0	0	1	4,2	0	0
Nunca	6	50,0	6	35,3	3	25,0	2	33,3	9	37,5	8	34,8
TOTAL **	12	108,3	17	117,6	12	116,6	6	133,3	24	112,6	23	121,7

* Neste caso observa-se que em N há mais de uma resposta por sujeito pesquisado, por isso o total é inferior à soma dos valores parciais.

** O total de N corresponde ao total de sujeitos pesquisados e não a quantidade de respostas dadas. O total de percentagens supera os 100%, pois há mais respostas que sujeitos.

A Tabela 6.24 apresenta a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e frequência das atividades físicas, na alta e na baixa temporadas turísticas. 58,3% dos sujeitos que trabalham com regime permanente, na alta temporada, dizem que não praticam esse tipo de atividade; 25,0% praticam atividades físicas de uma a três vezes por semana e 16,7% dizem fazê-lo ocasionalmente. Na baixa temporada, 35,3% nunca praticam atividades desse tipo; 23,5% praticam todos os dias e outros 23,5% indicam que realizam essas atividades ocasionalmente. Entre os trabalhadores com vínculo empregatício temporário, na alta temporada, 50,0% dizem que praticam atividades físicas todos os dias; 25,0% não praticam nunca e 16,7% indicam fazê-lo de uma a três vezes por semana. Na baixa temporada, 50,0% realizam algum tipo de atividade de uma a três vezes por dia e 33,3% nunca o fazem.

TABELA 6.24

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E FREQUÊNCIA DA PRÁTICA DE ATIVIDADES FÍSICAS, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
Temporada												
Quantidade												
Frequência da prática de atividades físicas	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
	Todos os dias	0	0	4	23,5	6	50,0	0	0	6	25,0	4
1 a 3 vezes/semana	3	25,0	2	11,8	2	16,7	3	50,0	5	20,8	5	21,7
2 vezes/mês	0	0	1	5,9	1	8,3	0	0	1	4,2	1	4,3
Ocasionalmente	2	16,7	4	23,5	0	0	1	16,7	2	8,3	5	21,8
Nunca	7	58,3	6	35,3	3	25,0	2	33,3	10	41,7	8	34,8
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

6.2 O sono, a alimentação e a prática de atividades físicas dos trabalhadores de comércio sofrem prejuízos provocados pela sazonalidade turística

O sono sofre pequenas variações na qualidade e quantidade em função da sazonalidade. Por meio dos dados obtidos nas entrevistas é possível notar que, na alta temporada, a maioria dos trabalhadores dorme menos horas que na baixa temporada. A qualidade do sono, também para a maioria dos sujeitos, corresponde a um sono contínuo, sinalizando que é de boa qualidade. São poucos os sujeitos que indicam ter um sono agitado ou descontínuo, parece haver um ligeiro aumento desse tipo de sono durante a baixa temporada. Quanto à profundidade do sono, a maior proporção de trabalhadores com vínculo permanente de trabalho, na alta temporada, indica ter uma profundidade de sono um pouco menor que na baixa temporada. Entre os trabalhadores com regime temporário de trabalho parece não haver diferenças significativas na profundidade do sono, em nenhuma das duas temporadas. Esses resultados são confirmados pelos dados relativos aos diversos momentos em que os trabalhadores foram levados a lembrar da quantidade, qualidade e profundidade do sono, ontem, antes de ontem e geralmente. Isso permitiu obter uma informação mais precisa sobre as características do sono, na alta e na baixa temporadas. É bom salientar que, apesar de não haver grandes mudanças nas características do sono nas diferentes temporadas, é possível perceber uma pequena perda da qualidade do sono, na baixa temporada. Isso permite deduzir que durante esse período os trabalhadores poderiam estar apresentando algumas características relacionadas a ansiedade.

A alimentação varia em quantidade e qualidade na alta e na baixa temporada turística. Com respeito à alimentação, os trabalhadores responderam a várias perguntas que buscavam maior precisão das informações. Assim, foram interrogados sobre o almoço e o jantar, em momentos diferentes: ontem, antes de ontem e geralmente, em ambas as situações, na alta e na baixa temporadas. Por meio dos dados obtidos é possível afirmar que a maioria dos trabalhadores almoça comida caseira, sendo que o lanche é outra forma de alimento bastante utilizado no almoço, sobretudo pelos trabalhadores com regime permanente, na alta temporada. No jantar a proporção de sujeitos que dizem comer lanches é significativamente maior, sobretudo na alta temporada, que os que utilizam esse tipo de

alimento durante o almoço. Durante a baixa temporada, a maior proporção, dos trabalhadores com regime permanente, indica que prefere comida caseira no jantar. Com respeito ao tempo dedicado à alimentação, durante a alta temporada, e entre os sujeitos que trabalham permanentemente, o tempo de almoço diminui. Entre os sujeitos que trabalham temporariamente, o tempo de almoço parece menor na baixa temporada. O tempo dedicado ao jantar parece não ter diferenças significativas nem entre trabalhadores nem entre as duas temporadas. O tempo indicado para dedicar às refeições é, para a maioria dos trabalhadores, de meia hora. Quanto à qualidade dos alimentos consumidos, parece haver uma diminuição durante a baixa temporada, no caso dos trabalhadores com regime permanente de trabalho. Entre os sujeitos que trabalham temporariamente, acontece o contrário, a qualidade dos alimentos consumidos diminui durante a alta temporada. A quantidade dos alimentos consumidos diminui durante a baixa temporada, para os trabalhadores com regime permanente de trabalho. Esse dado é bastante curioso, se relacionado à diminuição também da qualidade, pode estar indicando que existem dificuldades econômicas que prejudicam a alimentação, nesse período. Com todas essas informações é pertinente afirmar que a sazonalidade turística modifica o comportamento alimentar na alta e na baixa temporada.

A prática de atividades físicas é uma das variáveis que determinam a saúde dos indivíduos. Durante a alta temporada, a maioria dos sujeitos que trabalham permanentemente diz não praticar atividades físicas. Essa quantidade diminui na baixa temporada. Entre os trabalhadores temporários não há grandes diferenças entre as duas temporadas. Uma proporção importante de ambos os tipos de trabalhadores diz praticar caminhadas, geralmente na praia, após o expediente ou de manhã cedo. Para os trabalhadores permanentes, a frequência com que praticam as atividades físicas parece aumentar na baixa temporada, variando de “uma a três vezes por semana” a “todos os dias”. Os trabalhadores temporários, ao contrário, praticam mais atividades físicas, durante a alta temporada. Isso pode acontecer porque esses trabalhadores têm uma jornada menor de trabalho que os permanentes. De qualquer forma, a maioria dos trabalhadores tem hábitos saudáveis de prática de atividades físicas. Os mais prejudicados são os sujeitos que trabalham com vínculo permanente, pois na alta temporada, não têm tempo para esse tipo de atividades. Assim é possível afirmar que as atividades físicas sofrem mudanças que

pouco contribuem para o bem-estar geral dos trabalhadores de comércio em uma cidade turística.

6.3 Características de saúde

Na Tabela 6.25 é possível notar dados sobre a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e a frequência (0=nunca e 10=sempre) com que sofrem de hipertensão, na alta e na baixa temporadas turísticas. Dos sujeitos que trabalham em regime permanente, na alta temporada, a maioria (91,7%) indica o grau zero (nunca) a frequência com que sofrem de hipertensão; 8,3% indicam os graus nove a dez (sempre). Na baixa temporada, 88,2% indicam o grau zero (nunca) para o mesmo fim; 5,9% dizem que os graus três a quatro (poucas vezes) representam a frequência que sofrem de hipertensão; 8,9% indicam os graus nove a dez (sempre) para igual finalidade. Entre os

TABELA 6.25

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E A FREQUÊNCIA (0=NUNCA E 10=SEMPRE) QUE SOFRE HIPERTENSÃO, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
Temporada												
Quantidade												
Frequência que sofre hipertensão	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
0	11	91,7	15	88,2	11	91,7	6	100,0	22	91,6	21	91,4
1 – 2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
3 – 4	0	0	1	5,9	1	8,3	0	0	1	4,2	1	4,3
5 – 6	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
7 – 8	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
10 – 9	1	8,3	1	5,9	0	0	0	0	1	4,2	1	4,3
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

trabalhadores com vínculo empregatício temporário, na alta temporada, 91,7% indicam o grau zero (nunca) como a frequência com que sofrem de hipertensão e 8,3% indicam os graus três a quatro (poucas vezes) para relacioná-los com a frequência do mesmo evento. Na baixa temporada, a totalidade (100,0%) diz nunca sofrer de hipertensão, apontando assim o grau zero (nunca).

Dados sobre a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e intensidade do nível de hipertensão, na alta e na baixa temporadas turísticas, são apresentados na Tabela 6.26. Dos sujeitos que trabalham com regime permanente, na alta temporada, 8,3% dizem que os graus nove a dez (demais) representam a intensidade com que sofrem de hipertensão. Na baixa temporada, 5,9% indicam os graus

TABELA 6.26

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E PELA INTENSIDADE (0=NADA E 10=DEMAIS) DO NÍVEL DE HIPERTENSÃO, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada Quantidade Intensidade do nível de hipertensão	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
	0	11	91,7	15	88,2	11	91,7	6	100,0	22	91,6	21
1 – 2	0	0	1	5,9	1	8,3	0	0	1	4,2	1	4,3
3 – 4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
5 – 6	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
7 – 8	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
9 – 10	1	8,3	1	5,9	0	0	0	0	1	4,2	1	4,3
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

nove a dez (demais) como a intensidade do mesmo problema e outros 5,9% indicam, para a mesma finalidade, os graus um a dois (pouco). Dentre os trabalhadores com regime temporário, na alta temporada, 8,3% indicam os graus um a dois (pouco) para referir-se à intensidade com que sofrem de hipertensão. Na baixa temporada, 100,0% dizem não sofrer de hipertensão, indicando o grau zero.

A Tabela 6.27 apresenta a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e problemas de saúde dos últimos trinta dias, na alta e na baixa temporadas turísticas. Dos sujeitos que trabalham com regime permanente, na alta temporada, 66,7% dizem que não tiveram problemas de saúde nos últimos trinta dias; 25,0% dizem ter sofrido de alergias no mesmo período e 8,3% indicam a gastrite como o problema que tiveram nos últimos trinta dias. Na baixa temporada, 70,6% dizem não ter

TABELA 6.27

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E PROBLEMAS DE SAÚDE DOS ÚLTIMOS TRINTA DIAS, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada Quantidade Problemas de saúde últimos trinta dias	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Hipertensão	0	0	1	5,9	0	0	1	16,7	0	0	2	8,7
Alergia	3	25,0	3	17,6	3	25,0	2	33,3	6	25,0	5	21,7
Gastrite	1	8,3	1	5,9	0	0	1	16,7	1	4,2	2	8,7
Nada	8	66,7	12	70,6	9	75,0	2	33,3	17	70,8	14	60,9
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

sofrido problemas; 17,6% relatam ter tido problemas de alergia nos últimos trinta dias e 5,9% indicam a hipertensão como problema daquele período. Dentre os trabalhadores com regime temporário, na alta temporada, a maioria 75,0% diz não ter sofrido problemas e 25,0% indica como problema a alergia. Na baixa temporada, 33,3% manifestam que não sofreram problemas de saúde nesse período; outros 33,3% dizem ter sofrido de alergia; 16,7% indicam a hipertensão com a mesma finalidade e 16,7% indicam a gastrite como problema nos últimos trinta dias.

Dados sobre a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e frequência (0=nunca e 10+sempre) da alergia, na alta e na baixa temporadas turísticas, estão apresentadas na Tabela 6.28. Dos sujeitos que trabalham com regime permanente, na alta temporada, a maioria (66,8%) indica o grau de frequência zero (nunca) para problemas de alergia. Na baixa temporada, 76,5% assinalam o mesmo grau de

TABELA 6.28

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E FREQUÊNCIA (0=NUNCA E 10=SEMPRE) DA ALERGIA, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
Temporada												
Quantidade												
Frequência da alergia	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
0	8	66,8	13	76,5	5	41,6	3	50,0	13	54,1	16	69,7
1 – 2	1	8,3	1	5,9	0	0	0	0	1	4,2	1	4,3
3 – 4	1	8,3	1	5,9	2	16,7	1	16,7	3	12,5	2	8,7
5 – 6	1	8,3	0	0	2	16,7	0	0	3	12,5	0	0
7 – 8	1	8,3	0	0	2	16,7	1	16,7	3	12,5	1	4,3
9 – 10	0	0	2	11,7	1	8,3	1	16,6	1	4,2	3	13,0
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

freqüência (zero=nunca) para o mesmo fim; 11,7% indicam os graus de freqüência nove a dez (sempre). Entre os que trabalham com contratos temporários, na alta temporada, 41,6% dizem não sofrer de alergia e assinalam para isso o grau zero (nunca); 16,7% indicam os graus de freqüência sete a oito (muitas vezes) para referir-se a alergia; outros 16,7% indicam os graus três a quatro (poucas vezes) e ainda outros 16,7% indicam os graus cinco a seis (as vezes). Na baixa temporada, 50,0% dizem não sofrer problemas de alergia, pelo que assinalam o grau de freqüência zero (nunca); 16,7% indicam os graus três a quatro (poucas vezes); 16,7% indicam os graus sete a oito (muitas vezes) e outros 16,6% indicam os graus de freqüência de alergia nove a dez (sempre).

Na Tabela 6.29 é possível notar a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e intensidade (0=nada e 10=muito) da alergia, na alta e na baixa temporadas turísticas. Dos trabalhadores em regime permanente, na alta temporada, 8,3 % indicam os graus de intensidade da alergia de três a quatro (pouco); 8,3% indicam os graus de cinco a seis (médio); 8,3% dizem ter alergia numa intensidade de grau

TABELA 6.29

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E PELA INTENSIDADE (0=NADA E 10=DEMAIS) DA ALERGIA, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
Quantidade												
Intensidade da alergia	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
0	8	66,8	13	76,4	5	41,7	3	50,0	13	54,2	16	69,6
1 – 2	0	0	2	11,8	1	8,3	1	16,7	1	4,2	3	13,0
3 – 4	1	8,3	0	0	3	25,0	0	0	4	16,6	0	0
5 – 6	1	8,3	1	5,9	2	16,7	1	16,7	3	12,5	2	8,8
7 – 8	1	8,3	1	5,9	1	8,3	0	0	2	8,3	1	4,3
9 – 10	1	8,3	0	0	0	0	1	16,6	1	4,2	1	4,3
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

sete a oito (muito) e outros 8,3% indicam os graus nove a dez para a mesma finalidade. Na baixa temporada, 11,8% indicam os graus um a dois (quase nada) para referir-se à intensidade da alergia; 5,9% indicam os graus sete a oito (muito) para o mesmo motivo. Entre os sujeitos que trabalham com vínculo temporário, na alta temporada, 25,0% indicam os graus três a quatro (pouco) quando se referem à intensidade da alergia; 16,7% indicam os graus cinco a seis (médio); 8,3% dizem que a intensidade da alergia pode ser comparada aos graus um a dois (quase nada) e outros 8,3% indicam os graus sete a oito (muito). Na baixa temporada, 16,7% relatam que a intensidade da alergia que sentem corresponde aos graus um a dois (quase nada); 16,7% indicam os graus cinco a seis (médio) e outros 16,7% indicam os graus nove a dez (demais) para o mesmo fim.

A Tabela 6.30 apresenta dados sobre a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e frequência (0=nunca e 10=sempre) da gastrite, na alta e na baixa temporadas turísticas. Dos sujeitos que trabalham permanentemente, na alta

TABELA 6.30

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E FREQUÊNCIA (0=NUNCA E 10=SEMPRE) DA GASTRITE, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
Temporada												
Quantidade												
Frequência da gastrite	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
0	9	75,0	16	94,1	9	75,0	4	66,6	18	75,0	20	86,9
1 – 2	0	0	0	0	1	8,3	0	0	1	4,2	0	0
3 – 4	1	8,3	0	0	1	8,3	1	16,7	2	8,3	1	4,3
5 – 6	2	16,7	0	0	1	8,4	1	16,7	3	12,5	1	4,4
7 – 8	0	0	1	5,9	0	0	0	0	0	0	1	4,4
9 – 10	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

temporada, 16,7% indicam ter gastrite com uma frequência comparada aos graus cinco a seis (as vezes) e 8,3% indicam os graus três a quatro (poucas vezes) para a mesma finalidade. Na baixa temporada, 5,9% indicam os graus sete a oito (muitas vezes) para referir-se a frequência com que sentem gastrite. Entre os sujeitos que trabalham com vínculo temporário, na alta temporada, 8,3% indicam os graus de frequência da gastrite de um a dois (quase nunca); 8,3% o fazem com os graus três a quatro (poucas vezes) e 8,4% indicam para a mesma finalidade os graus cinco a seis (as vezes). Na baixa temporada, 16,7% indicam os graus três a quatro (poucas vezes) para referir-se à frequência da alergia e 16,7% indicam os graus cinco a seis (as vezes).

Na Tabela 6.31 estão apresentadas as quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e intensidade (0=nada e 10=demais) do problema de gastrite, na alta e na baixa temporadas turísticas. Entre os sujeitos que trabalham com regime permanente,

TABELA 6.31

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E INTENSIDADE (0=NADA E 10=DEMAIS) DO PROBLEMA DE GASTRITE, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada Quantidade Intensidade da gastrite	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
	0	9	75,0	16	94,1	9	75,0	4	66,7	18	75,0	20
1 – 2	0	0	0	0	1	8,3	0	0	1	4,2	0	0
3 – 4	1	8,3	0	0	1	8,3	0	0	2	8,3	0	0
5 – 6	1	8,3	0	0	0	0	1	16,7	1	4,2	1	4,3
7 – 8	1	8,4	0	0	1	8,4	1	16,6	2	8,3	1	4,4
9 – 10	0	0	1	5,9	0	0	0	0	0	0	1	4,4
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

na alta temporada, 8,3% indicam os graus três a quatro (pouco) para representar a intensidade da gastrite; 8,3% indicam os graus cinco e seis (médio) para a mesma finalidade e outros 8,4% indicam os graus sete a oito (muito). Na baixa temporada, 5,9% indicam como intensidade da gastrite os graus nove a dez. Dos que trabalham temporariamente, na alta temporada, 8,3% indicam os graus um a dois (quase nada) para referir-se à intensidade da gastrite; 8,3% indicam os graus três a quatro (pouco) e 8,4% apontam os graus sete a oito (muito). Na baixa temporada, 16,7% indicam a intensidade da gastrite por meio dos graus cinco a seis (médio) e 16,6% indicam para a mesma finalidade os graus sete a oito (muito).

Na Tabela 6.32 é possível notar a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e ter ou não ter varizes, na alta e na baixa temporadas turísticas. Dos trabalhadores com vínculo empregatício permanente, na alta temporada, 58,3% dizem ter varizes. Na baixa temporada, 41,2% dizem ter também. Entre os sujeitos que trabalham temporariamente, na alta temporada, 50,0% relatam ter varizes. Na baixa temporada, 83,3% dizem ter o mesmo problema.

TABELA 6.32

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E TER OU NÃO VARIZES, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada Quantidade Varizes	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
	Tem	7	58,3	7	41,2	6	50,0	5	83,3	13	54,2	12
Não tem	5	41,7	10	58,8	6	50,0	1	16,7	11	45,8	11	47,8
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

A distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e frequência (0=nunca e 10=sempre) da dor nas pernas, na alta e na baixa temporadas turísticas, está apresentada na Tabela 6.33. Entre os sujeitos que trabalham com regime permanente, na alta temporada, 16,7% indicam nunca sentir dor ao registrar o grau zero (nunca); 33,3% relatam que sentem dor nas pernas com uma frequência que pode ser representada pelos graus três a quatro (poucas vezes); 16,7% indicam os graus cinco a seis (algumas vezes); outros 16,7% indicam os graus um a dois (quase nunca). Na baixa temporada, 29,3% relatam que nunca sentem dor nas pernas, indicando para isso o grau zero (nunca); 35,3% indicam os graus cinco a seis (algumas vezes) para referir-se à frequência de dor nas pernas; 11,8% indicam os graus três a quatro (poucas vezes) para o mesmo fim e outros 11,8% indicam os graus um a dois (quase nunca). Entre os trabalhadores com vínculo de trabalho temporário, na alta temporada, todos sentem com alguma frequência dor nas pernas, pois ninguém indicou o grau zero (nunca); 33,4% indicam essa frequência com os graus sete a oito (muitas vezes); 25,0% indicam os graus cinco a seis (algumas vezes) e outros 25,0% indicam os graus três a quatro (poucas vezes).

TABELA 6.33

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E FREQUÊNCIA (0=NUNCA E 10=SEMPRE) DA DOR NAS PERNAS, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada Quantidade Frequência da dor nas pernas	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
	0	2	16,7	5	29,3	0	0	3	50,0	2	8,3	8
1 – 2	2	16,7	2	11,8	1	8,3	0	0	3	12,6	2	8,7
3 – 4	4	33,3	2	11,8	3	25,0	2	33,3	7	29,2	4	17,5
5 – 6	2	16,7	6	35,3	3	25,0	1	16,7	5	20,8	7	30,4
7 – 8	1	8,3	1	5,9	4	33,4	0	0	5	20,8	1	4,3
9 – 10	1	8,3	1	5,9	1	8,3	0	0	2	8,3	1	4,3
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

Na baixa temporada, 50,0% dizem nunca sentir dor nas pernas registrando o grau zero (nunca); 33,3% indicam os graus três a quatro (poucas vezes) e 16,7% indicam os graus cinco a seis (poucas vezes).

Na Tabela 6.34 é possível notar a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e intensidade da dor nas pernas, na alta e na baixa temporadas turísticas. Entre os sujeitos que trabalham com regime permanente, na alta temporada, 33,4% indicam a intensidade da dor nas pernas com graus três a quatro (pouco); 25,0% indicam os graus cinco a seis (médio). Na baixa temporada, 29,4% indicam os graus sete a oito (muito); 17,7% indicam os graus cinco a seis (médio). Entre os trabalhadores que têm vínculos de trabalho temporário, na alta temporada, 33,4% indicam uma intensidade de dor nas pernas de graus três a quatro (pouco); outros 33,4% indicam os graus cinco a seis (médio) e 24,9% indicam os graus sete a oito (muito). Na baixa temporada, 33,3% relatam que a intensidade da dor nas pernas pode ser representada pelos graus três a quatro (pouco) e 16,7% indicam os graus sete a oito (muito).

TABELA 6.34

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E INTENSIDADE (0=NADA E 10=DEMAIS) DA DOR NAS PERNAS, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
Temporada												
Quantidade												
Intensidade da dor nas pernas	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
0	2	16,7	5	29,4	0	0	3	50,0	2	8,3	8	34,8
1 – 2	1	8,3	3	17,7	1	8,3	0	0	2	8,3	3	13,0
3 – 4	4	33,4	0	0	4	33,4	2	33,3	8	33,3	2	8,7
5 – 6	3	25,0	3	17,7	4	33,4	0	0	7	29,2	3	13,0
7 – 8	1	8,3	5	29,4	3	24,9	1	16,7	4	16,7	6	26,1
9 – 10	1	8,3	1	5,8	0	0	0	0	1	4,2	1	4,4
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

A Tabela 6.35 apresenta a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e causa de dor nas pernas, na alta e na baixa temporadas turísticas. Entre os sujeitos que trabalham com regime permanente, na alta temporada, a maioria 75,0% diz que a causa da dor nas pernas é o trabalho. Na baixa temporada, 64,7% dizem também, que o trabalho é a causa. Entre os trabalhadores com vínculo de trabalho temporário, na alta temporada, todos (100,0%) indicam o trabalho como causa. Na baixa temporada, somente 16,7% indicam o trabalho como causa da dor nas pernas.

TABELA 6.35

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E CAUSA DA DOR NAS PERNAS, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
Quantidade	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Causa da dor nas pernas	*		*		*				*		*	
Genético	2	16,7	1	5,9	1	8,3	1	16,7	3	12,5	2	8,7
Trabalho	9	75,0	11	64,7	12	100,0	1	16,7	21	87,5	12	52,2
Outros	1	8,3	2	11,8	0	0	1	16,6	1	4,2	3	13,0
Nenhuma	2	16,7	5	29,4	0	0	3	50,0	2	8,3	8	34,8
TOTAL **	12	116,7	17	111,8	12	108,3	6	100,0	24	112,5	23	108,7

* Neste caso observa-se que em N há mais de uma resposta por sujeito pesquisado, por isso o total é inferior à soma dos valores parciais.

** O total de N corresponde ao total de sujeitos pesquisados e não a quantidade de respostas dadas. Em alguns casos o total de percentagens supera os 100%, pois há mais respostas que sujeitos.

A Tabela 6.36 apresenta a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e dor em outras partes do corpo, na alta e na baixa temporadas turísticas. Dos sujeitos com regime de trabalho permanente, na alta temporada,

16,7% dizem sentir dor de cabeça; 16,7% manifestam sentir dor em outros lugares e 8,3% relatam sentir dor no peito. Na baixa temporada, 29,4% dizem ter dor de cabeça; 11,8% sentem dor nas costas; 11,8% dizem sentir dor em outras partes do corpo. Entre os trabalhadores com vínculo empregatício temporário, na alta temporada, 25,0% sentem dor de cabeça; 25,0% dizem sentir dor em outras partes do corpo; 8,3% sentem dor no peito. Na baixa temporada, 33,3% sentem dor nas costas; outros 33,3% dizem sentir dor em outras partes do corpo; 16,7% sentem dor no peito e 16,7% manifestam sentir dor no estômago.

TABELA 6.36

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E DOR EM OUTRAS PARTES DO CORPO, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
Temporada												
Quantidade												
Outras partes com dor	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Cabeça	2	16,7	5	29,4	3	25,0	0	0	5	20,8	5	21,7
Peito	1	8,3	0	0	1	8,3	1	16,7	2	8,3	1	4,3
Costas	0	0	2	11,8	0	0	2	33,3	0	0	4	17,4
Estômago	0	0	1	5,9	0	0	1	16,7	0	0	2	8,7
Outros	2	16,7	2	11,8	3	25,0	2	33,3	5	20,8	4	17,4
Nenhuma	9	75,0	8	47,1	5	41,7	1	16,7	14	58,3	9	39,1
TOTAL **	12	116,7	17	106,0	12	100,0	6	116,7	24	108,2	23	108,6

* Neste caso observa-se que em N há mais de uma resposta por sujeito pesquisado, por isso o total é inferior à soma dos valores parciais.

** O total de N corresponde ao total de sujeitos pesquisados e não a quantidade de respostas dadas. Em alguns casos o total de percentagens supera os 100%, pois há mais respostas que sujeitos.

Na Tabela 6.37 estão apresentados dados sobre a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e frequência (0=nunca e 10=sempre) da

dor que sente, na alta e na baixa temporadas turísticas. Entre os trabalhadores com regime de trabalho permanente, na alta temporada, 16,7% indicam os graus cinco a seis (algumas vezes) para referir-se à frequência que sentem dor e 8,3% indicam os graus um a dois (quase nunca). Na baixa temporada, 17,6% indicam os graus cinco a seis (algumas vezes); 17,6% indicam os graus três a quatro (poucas vezes); 11,8% indicam os graus um a dois (quase nunca) e 5,9% indicam os graus nove a dez (sempre) quando se referem à frequência da dor que sentem. Dos sujeitos com regime de trabalho temporário, na alta temporada, 33,3% indicam os graus sete a oito (muitas vezes) para relacioná-los à frequência da dor que sentem; 16,7% indicam os graus três a quatro (poucas vezes) e 8,3% indicam os graus cinco a seis (algumas vezes). Na baixa temporada, 33,3% dizem sentir dor com uma frequência de graus três a quatro (poucas vezes); 33,3% indicam os graus sete a oito (muitas vezes) e 16,7% indicam os graus cinco a seis (algumas vezes).

TABELA 6.37

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E FREQUÊNCIA (0=NUNCA E 10=SEMPRE) DA DOR, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada Quantidade Frequência da dor	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
	0	9	75,0	8	47,1	5	41,7	1	16,7	14	58,3	9
1 – 2	1	8,3	2	11,8	0	0	0	0	1	4,2	2	8,7
3 – 4	0	0	3	17,6	2	16,7	2	33,3	2	8,3	5	21,8
5 – 6	2	16,7	3	17,6	1	8,3	1	16,7	3	12,5	4	17,4
7 – 8	0	0	0	0	4	33,3	2	33,3	4	16,7	2	8,7
9 – 10	0	0	1	5,9	0	0	0	0	0	0	1	4,3
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

A distribuição das quantidades dos sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e intensidade (0=nada a 10=demais) da dor que sentem, na alta e na baixa temporadas turísticas, está apresentada na Tabela 6.38. Dos sujeitos que trabalham com vínculo empregatício permanente, na alta temporada, 16,7% indicam os graus cinco a seis (médio) quando se referem à intensidade da dor que sentem e 8,3% indicam os graus três a quatro (pouco). Na baixa temporada, 29,4% indicam os graus sete a oito (muito); 11,8% indicam os graus nove a dez (demais) e 5,9% indicam os graus cinco a seis (médio). Entre os sujeitos que trabalham com regime de trabalho temporário, na alta temporada, 33,3% indicam os graus nove a dez (demais) quando se referem à intensidade da dor que sentem; 16,7% indicam os graus cinco a seis (médio) e 8,3% indicam os graus três a quatro (pouco). Na baixa temporada, 50,0% indicam os graus três a quatro (pouco); 33,3% manifestam a intensidade da dor por meio dos graus cinco a seis (médio).

TABELA 6.38

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E INTENSIDADE DA DOR, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada Quantidade Intensidade da dor	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
	0	9	75,0	9	52,9	5	41,7	1	16,7	14	58,3	10
1 – 2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
3 – 4	1	8,3	0	0	1	8,3	3	50,0	2	8,3	3	13,0
5 – 6	2	16,7	1	5,9	2	16,7	2	33,3	4	16,7	3	13,0
7 – 8	0	0	5	29,4	0	0	0	0	0	0	5	21,8
9 – 10	0	0	2	11,8	4	33,3	0	0	4	16,7	2	8,7
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

A Tabela 6.39 apresenta a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e causa da dor, na alta e na baixa temporadas turísticas. Dos sujeitos que têm vínculo de trabalho permanente, na alta temporada, 16,7% atribuem a causa da dor à alimentação; outros 16,7% dizem que são outras as causas da dor. Na baixa temporada, 23,5% relatam que a causa da dor é o trabalho; outros 23,5% dizem que é a alimentação; 17,6% dizem que as causas são outras e 11,8% indicam que são causas hereditárias. Entre os trabalhadores com regime de trabalho temporário, na alta temporada, 33,3% atribuem a causa da dor ao trabalho; 16,7% dizem que a causa é hereditária; outros 16,7% dizem que as causas são outras e 8,3% atribuem a causa à alimentação. Na baixa temporada, a maioria (83,3%) dizem que as causas da dor são outras coisas e 16,7% dizem que é o trabalho.

TABELA 6.39

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E CAUSA DA DOR, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
Quantidade	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Causa da dor	*		*		*		*		*		*	
Nenhuma	9	75,0	6	35,3	4	33,3	0	0	13	54,2	6	26,1
Trabalho	0	0	4	23,5	4	33,3	1	16,7	4	16,7	5	21,7
Alimentação	2	16,7	4	23,5	1	8,3	0	0	3	12,5	4	17,4
Hereditário	0	0	2	11,8	2	16,7	0	0	2	8,3	2	8,7
Outros	2	16,7	3	17,6	2	16,7	5	83,3	4	16,7	8	34,8
TOTAL **	12	108,4	17	111,7	12	108,3	6	100,0	24	108,4	23	108,7

* Neste caso observa-se que em N há mais de uma resposta por sujeito pesquisado, por isso o total é inferior à soma dos valores parciais.

** O total de N corresponde ao total de sujeitos pesquisados e não a quantidade de respostas dadas. Em alguns casos o total de percentagens supera os 100%, pois há mais respostas que sujeitos.

Na Tabela 6.40 é possível notar a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e intensidade (0=nada e 10=demais) da tristeza que sentem, na alta e na baixa temporadas turísticas. Dos sujeitos que trabalham com regime permanente, na alta temporada, 50,0% indicam o grau zero (nada) de intensidade da tristeza que sentem. Na baixa temporada, 23,5% dizem não se sentirem tristes e indicam para isso o grau de intensidade zero (nada); os outros 76,5% sentem tristeza em diferentes intensidades. Entre os trabalhadores com regime de trabalho temporário, na alta temporada, 8,3% indicam o grau de intensidade zero (nada) para relacioná-lo à tristeza que sentem; o restante 91,7% sentem tristeza em diferentes intensidades. Na baixa temporada, 50,0% não sentem tristeza e indicam por isso o grau de intensidade zero (nada).

TABELA 6.40

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E INTENSIDADE (0=NADA E 10=DEMAIS) DA TRISTEZA, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
Temporada												
Quantidade												
Intensidade da tristeza	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
0	6	50,0	4	23,5	1	8,3	3	50,0	7	29,1	7	30,4
1 – 2	0	0	2	11,8	1	8,3	1	16,7	1	4,2	3	13,0
3 – 4	1	8,3	4	23,5	3	25,0	1	16,7	4	16,7	5	21,8
5 – 6	3	25,0	1	5,9	5	41,7	1	16,6	8	33,3	2	8,7
7 – 8	2	16,7	2	11,8	2	16,7	0	0	4	16,7	2	8,7
9 – 10	0	0	4	23,5	0	0	0	0	0	0	4	17,4
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

A Tabela 6.41 apresenta a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e frequência (0=nunca e 10=sempre) da tristeza que sentem, na alta e na baixa temporadas turísticas. Dos sujeitos com regime de trabalho permanente, na alta temporada, 33,4% indicam os graus de frequência cinco a seis (algumas

vezes); 8,3% indicam os graus um a dois (quase nunca) e outros 8,3% indicam os graus três a quatro (poucas vezes). Na baixa temporada, 35,3% indicam os graus, de frequência da tristeza que sentem, sete a oito (muitas vezes); 29,4% indicam os graus um a dois (quase nunca); 5,9% indicam os graus cinco a seis (algumas vezes) e 5,9% indicam os graus nove a dez (sempre). Entre os sujeitos que trabalham com regime temporário, na alta temporada, 41,7% indicam os graus cinco a seis (algumas vezes) quando se referem à frequência da tristeza que sentem, 33,3% indicam os graus três a quatro (poucas vezes) e 16,7% indicam os graus sete a oito (muitas vezes). Na baixa temporada, 16,7% indicam os graus um a dois (quase nunca); 16,7% indicam os graus cinco a seis (algumas vezes) e outros 16,6% indicam os graus sete a oito (muitas vezes) para a mesma finalidade.

TABELA 6.41

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E FREQUÊNCIA (0=NUNCA E 10=SEMPRE) DA TRISTEZA, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada Quantidade Frequência da tristeza	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
	0	6	50,0	4	23,5	1	8,3	3	50,0	7	29,2	7
1 – 2	1	8,3	5	29,4	0	0	1	16,7	1	4,2	6	26,1
3 – 4	1	8,3	0	0	4	33,3	0	0	5	20,8	0	0
5 – 6	4	33,4	1	5,9	5	41,7	1	16,7	9	37,5	2	8,7
7 – 8	0	0	6	35,3	2	16,7	1	16,6	2	8,3	7	30,4
9 – 10	0	0	1	5,9	0	0	0	0	0	0	1	4,4
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

Dados sobre a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e causa da tristeza, na alta e na baixa temporadas turísticas, são apresentados na Tabela 6.42. Entre os trabalhadores com regime permanente, na alta

temporada, 33,3% atribuem a causa da tristeza a problemas familiares; 16,7% indicam problemas relacionados ao trabalho como causa; outros 16,7% relatam que a causa da tristeza está associada a problemas com os amigos e 8,3% atribuem para o mesmo fim os problemas econômicos. Na baixa temporada, 35,3% atribuem a causa da tristeza a problemas econômicos; 17,6% indicam o trabalho como causa; 11,8% dizem que são os problemas familiares que originam tristeza e outros 11,8% indicam outras causas. Dos sujeitos que trabalham com vínculo empregatício temporário, na alta temporada, 41,7% dizem que os problemas familiares são os que provocam tristeza; 16,7% indicam o trabalho; outros 16,7% dizem ser os amigos a causa da tristeza; 8,3% indicam os problemas econômicos como origem da tristeza e 33,3% dizem ser outras causas. Na baixa temporada, 50,0% dizem ser os amigos a causa da tristeza; 16,7% dizem ser outras as causas.

TABELA 6.42

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E CAUSA DA TRISTEZA, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
Quantidade	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Causa da tristeza	*		*		*		*		*		*	
Familiar	4	33,3	2	11,8	5	41,7	0	0	9	37,5	2	8,7
Trabalho	2	16,7	3	17,6	2	16,7	0	0	4	16,7	3	13,0
Amigos	2	16,7	1	5,9	2	16,7	3	50,0	4	16,7	4	17,4
Econômica	1	8,3	6	35,3	1	8,3	0	0	2	8,3	6	26,1
Outros	0	0	2	11,8	4	33,3	1	16,7	4	16,7	3	13,0
Nenhuma	6	50,0	5	29,4	1	8,3	3	50,0	7	29,2	8	34,8
TOTAL **	12	125,0	17	111,8	12	125,0	6	116,7	24	125,1	23	113,0

* Neste caso observa-se que em N há mais de uma resposta por sujeito pesquisado, por isso o total é inferior à soma dos valores parciais.

** O total de N corresponde ao total de sujeitos pesquisados e não a quantidade de respostas dadas. O total de percentagens supera os 100%, pois há mais respostas que sujeitos.

Na Tabela 6.43 é possível notar a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e intensidade (0=nada e 10=demais) da vontade de trabalhar, na alta e na baixa temporadas turísticas. Entre os sujeitos que trabalham em regime permanente, na alta temporada, 41,7% indicam os graus nove a dez (demais) quando se referem à intensidade da vontade de trabalhar; 25,0% indicam os graus sete a oito (muita); outros 25,0% indicam os graus cinco a seis (médio) e 8,3% indicam os graus três a quatro (pouca vontade). Na baixa temporada, 35,3% indicam que a vontade de trabalhar pode ser representada pelos graus de intensidade de nove a dez (demais); 47,0% indicam os graus sete a oito (muita vontade); outros 11,8% indicam os graus três a quatro (pouca vontade) e 5,9% indicam os graus cinco a seis (vontade média). Entre os sujeitos que trabalham temporariamente, na alta temporada, 50,0% indicam os graus nove a dez (vontade demais); 33,3% indicam os graus sete a oito (muita vontade) e 16,7% indicam os graus cinco a seis (vontade média).

TABELA 6.43

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E INTENSIDADE (0=NADA E 10=DEMAIS) DA VONTADE DE TRABALHAR, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS		TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		ALTA		BAIXA	
Temporada										
Quantidade										
Intensidade da vontade no trabalho	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1 – 2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
3 – 4	1	8,3	2	11,8	0	0	1	4,2	2	11,8
5 – 6	3	25,0	1	5,9	2	16,7	5	20,8	1	5,9
7 – 8	3	25,0	8	47,0	4	33,3	7	29,2	8	47,0
9 – 10	5	41,7	6	35,3	6	50,0	11	45,8	6	35,3
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	24	100,0	17	100,0

A Tabela 6.44 apresenta a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e frequência (0=nunca e 10=sempre) do interesse no trabalho, na alta e na baixa temporadas turísticas. Dos sujeitos que trabalham em regime permanente, na alta temporada, 41,7% indicam os graus de frequência sete a oito (muitas vezes); 33,3% indicam os graus cinco a seis (algumas vezes) para se referirem ao interesse no trabalho e 25,0% indicam os graus nove a dez (sempre). Na baixa temporada, 70,6% dizem interessar-se quase sempre pelo trabalho, por isso indicam os graus sete a oito (muitas vezes); 23,5% indicam os graus nove a dez (sempre) e 5,9% indicam os graus três a quatro (poucas vezes). Entre os trabalhadores com regime temporário, na alta temporada, 50,0% indicam os graus nove a dez (sempre) para representar a frequência em que se interessam pelo trabalho; 41,7% indicam os graus sete a oito (muitas vezes) e 8,3% indicam os graus cinco a seis (as vezes).

TABELA 6.44

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E FREQUÊNCIA (0=NUNCA E 10=SEMPRE) DO INTERESSE NO TRABALHO, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS		TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		ALTA		BAIXA	
Quantidade	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1 – 2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
3 – 4	0	0	1	5,9	0	0	0	0	1	5,9
5 – 6	4	33,3	0	0	1	8,3	5	20,8	0	0
7 – 8	5	41,7	12	70,6	5	41,7	10	41,7	12	70,6
9 – 10	3	25,0	4	23,5	6	50,0	9	37,5	4	23,5
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	24	100,0	17	100,0

A distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e causa do interesse pelo trabalho, na alta e na baixa temporadas turísticas, está representada na Tabela 6.45. Entre os trabalhadores com vínculo empregatício permanente, na alta temporada, 50,0% dizem que o contato com as pessoas é a causa do interesse pelo trabalho; 41,7% manifestam ser o salário a causa do interesse; 8,3% dizem que apenas gostam e 8,3% atribuem o interesse a outras causas. Na baixa temporada, 58,8% dizem que se interessam porque gostam; 23,5% atribuem a causa do interesse ao salário que recebem; outros 23,5% dizem que é contanto com as pessoas o que desperta interesse pelo trabalho. Entre os sujeitos que trabalham com regime temporário, na alta temporada, 58,3% atribuem a causa por gostar do que fazem; 41,7% dizem ser o salário a causa do interesse pelo trabalho e 16,7% dizem que é o contato com as pessoas que desperta interesse.

TABELA 6.45

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E CAUSA DO INTERESSE PELO TRABALHO, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS		TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		ALTA		BAIXA	
Temporada										
Quantidade										
Causa do interesse pelo trabalho	N *	%	N *	%	N *	%	N *	%	N *	%
Gostar	1	8,3	10	58,8	7	58,3	8	35,3	10	58,8
Salário	5	41,7	4	23,5	5	41,7	10	41,7	4	23,5
Contato c/pessoas	6	50,0	4	23,5	2	16,7	8	33,5	4	23,5
Outros	1	8,3	1	5,9	1	8,3	2	8,3	1	5,9
TOTAL **	12	108,3	17	111,7	12	125,0	24	116,6	17	111,7

* Neste caso observa-se que em N há mais de uma resposta por sujeito pesquisado, por isso o total é inferior à soma dos valores parciais.

** O total de N corresponde ao total de sujeitos pesquisados e não a quantidade de respostas dadas. O total de percentagens supera os 100%, pois há mais respostas que sujeitos.

A Tabela 6.46 apresenta a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e intensidade (0=nada e 10=demais) da sensação de inutilidade, na alta e na baixa temporadas turísticas. Entre os trabalhadores com regime de trabalho permanente, na alta temporada, a maioria (83,4%) diz que não se sente inútil, por isso indica o grau zero (nada). Na baixa temporada, 41,2% indicam o grau zero (nada); 23,5% indicam os graus três a quatro (poucas vezes); outros 23,5% indicam os graus cinco a seis (as vezes) e 5,9% indicam os graus nove a dez (sempre). Entre os sujeitos que trabalham com vínculo de trabalho temporário, na alta temporada, a maioria (66,7%) não tem sensação de inutilidade, por isso indica o grau zero (nada) e 33,3% indicam os grau um a dois (quase nada). Na baixa temporada, a totalidade (100,0%) diz que não se sente inútil, indicando o grau zero (nada).

TABELA 6.46

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E INTENSIDADE (0=NADA E 10=DEMAIS) DA SENSÇÃO DE INUTILIDADE, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada Quantidade Intensidade da sensação de inutilidade	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
	0	10	83,4	7	41,2	8	66,7	6	100,0	18	75,0	13
1 – 2	1	8,3	1	5,9	4	33,3	0	0	5	20,8	1	4,3
3 – 4	0	0	4	23,5	0	0	0	0	0	0	4	17,4
5 – 6	1	8,3	4	23,5	0	0	0	0	1	4,2	4	17,4
7 – 8	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
9 – 10	0	0	1	5,9	0	0	0	0	0	0	1	4,3
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

Na Tabela 6.47 é possível notar a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e frequência (0=nunca e 10=sempre) da sensação de inutilidade, na alta e na baixa temporadas turísticas. Entre os que trabalham com regime permanente, na alta temporada, 8,3% indicam os graus um a dois (quase nunca) quando se referem à frequência com que se sentem inúteis; 8,3% indicam os graus cinco a seis (algumas vezes). Na baixa temporada, 35,3% indicam os graus cinco a seis (algumas vezes); 11,8% indicam os graus três a quatro (poucas vezes) para o mesmo fim e outros 11,8% indicam os graus um a dois (quase nunca). Entre os sujeitos que trabalham em regime temporário, 33,3% indicam os graus um a dois (quase nunca) quando se referem à frequência do sentimento de inutilidade; o restante (66,7%) indicam o grau zero (nunca).

TABELA 6.47

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E FREQUÊNCIA (0=NUNCA E 10=SEMPRE) DA SENSÇÃO DE INUTILIDADE, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
Temporada												
Quantidade												
Frequência da sensação de inútil	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
0	10	83,4	7	41,1	8	66,7	6	100,0	18	75,0	13	56,5
1 – 2	1	8,3	2	11,8	4	33,3	0	0	5	20,8	2	8,7
3 – 4	0	0	2	11,8	0	0	0	0	0	0	2	8,7
5 – 6	1	8,3	6	35,3	0	0	0	0	1	4,2	6	26,1
7 – 8	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
9 – 10	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

Dados sobre a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e causa atribuída à inutilidade, na alta e na baixa temporadas turísticas, estão apresentados na Tabela 6.48. Dos sujeitos com vínculo de trabalho permanente, na alta temporada, 8,3% atribuem o sentimento de inutilidade à família; 8,3% dizem que a causa está relacionada ao trabalho e outros 8,3% dizem que não sabem. Na baixa temporada, 41,2% atribuem a causa ao trabalho, 11,7% dizem que não sabem a que atribuir esse sentimento e 5,9% atribuem aos problemas econômicos a causa do sentimento de inutilidade. Entre os sujeitos que trabalham temporariamente, 25,0% dizem não saber a que se deve a sensação de inutilidade; 8,3% dizem que a causa é a família. Na baixa temporada, a totalidade (100,0%) não se sente inútil, por tanto não há causa.

TABELA 6.48

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E CAUSA ATRIBUÍDA À INUTILIDADE, NA ALTA E BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
Quantidade	N	% *	N	%	N	%	N	%	N	% *	N	%
Nenhuma	10	83,3	7	41,2	8	66,7	6	100,0	18	75,0	13	56,6
Trabalho	1	8,3	7	41,2	0	0	0	0	1	4,2	7	30,4
Família	1	8,3	0	0	1	8,3	0	0	2	8,3	0	0
Econômica	0	0	1	5,9	0	0	0	0	0	0	1	4,3
Não sabe	1	8,3	2	11,7	3	25,0	0	0	4	16,7	2	8,7
TOTAL **	12	108,2	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	104,2	23	100,0

* Neste caso observa-se que em N há mais de uma resposta por sujeito pesquisado, por isso o total é inferior à soma dos valores parciais.

** O total de N corresponde ao total de sujeitos pesquisados e não a quantidade de respostas dadas. Em alguns casos o total de percentagens supera os 100%, pois há mais respostas que sujeitos.

A Tabela 6.49 apresenta a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e problemas que preocupam, na alta e na baixa temporadas turísticas. Entre os trabalhadores com regime permanente, na alta temporada, 33,3% dizem preocupar-se com problemas familiares; 25,0% estão preocupados com problemas no trabalho; 16,7% estão preocupados com a casa e 16,7% dizem preocupar-se com problemas econômicos. Na baixa temporada, a maioria (70,6%) está preocupada com problemas econômicos. Entre os sujeitos que trabalham temporariamente, na alta temporada, 25,0% estão preocupados com problemas familiares; outros 25,0% preocupam-se com problemas no trabalho; 16,7% dizem estar preocupados com problemas econômicos. Na baixa temporada, a maioria (66,6%) diz estar preocupada com problemas econômicos.

TABELA 6.49

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E PROBLEMAS QUE PREOCUPAM, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada Quantidade Problemas que preocupam	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
	*		*		*		*		*		*	
Nenhum	2	16,7	4	23,5	1	8,3	1	16,7	3	12,5	5	21,7
Econômicos	2	16,7	12	70,6	2	16,7	4	66,6	4	16,7	16	69,6
Familiares	4	33,3	1	5,9	3	25,0	0	0	7	29,2	1	4,3
De trabalho	3	25,0	0	0	3	25,0	0	0	6	25,0	0	0
Relacionamentos	0	0	1	5,9	2	16,7	1	16,7	2	8,3	2	8,7
Sobre a casa	2	16,7	1	5,9	2	16,7	0	0	4	16,7	1	4,3
Outros	1	8,3	0	0	3	25,0	0	0	4	16,7	0	0
TOTAL **	12	116,7	17	111,8	12	133,4	6	100,0	24	125,1	23	108,6

* Neste caso observa-se que em N há mais de uma resposta por sujeito pesquisado, por isso o total é inferior à soma dos valores parciais.

** O total de N corresponde ao total de sujeitos pesquisados e não a quantidade de respostas dadas. Em alguns casos o total de percentagens supera os 100%, pois há mais respostas que sujeitos.

A distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e pensamentos recorrentes, na alta e na baixa temporadas turísticas, é apresentada na Tabela 6.50. Entre os sujeitos que trabalham com regime permanente, na alta temporada, 16,7% pensam mais na família; outros 16,7% pensam na moradia. Na baixa temporada, 17,6% têm pensamentos recorrentes com problemas econômicos e 17,6% pensam mais em outras coisas. Entre os trabalhadores com contratos de trabalho temporários, na alta temporada, 16,7% dizem que têm pensamentos recorrentes relacionados ao trabalho; outros 16,7% manifestam pensar seguidamente em problemas econômicos. Na baixa temporada, 33,2% relatam pensar em outras coisas; 16,7% dizem pensar mais na família; 16,7% relatam pensar recorrentemente em problemas econômicos e outros 16,7% dizem pensar na moradia.

TABELA 6.50

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E PENSAMENTOS RECORRENTES, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada Quantidade Pensamentos recorrentes	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
	*				*				*			
Nenhum	5	41,7	11	64,8	5	41,7	1	16,7	10	41,7	12	52,3
Trabalho	1	8,3	0	0	2	16,7	0	0	3	12,5	0	0
Família	2	16,7	0	0	1	8,3	1	16,7	3	12,5	1	4,3
Prosperidade	1	8,3	0	0	0	0	0	0	1	4,2	0	0
Moradia	2	16,7	0	0	1	8,3	1	16,7	3	12,5	1	4,3
Econômicos	0	0	3	17,6	2	16,7	1	16,7	2	8,3	4	17,4
Outros	2	16,7	3	17,6	2	16,7	2	33,2	4	16,7	5	21,7
TOTAL * *	12	108,4	17	100,0	12	108,4	6	100,0	24	108,4	23	100,0

* Neste caso observa-se que em N há mais de uma resposta por sujeito pesquisado, por isso o total é inferior à soma dos valores parciais.

** O total de N corresponde ao total de sujeitos pesquisados e não a quantidade de respostas dadas. O total de percentagens supera os 100%, pois há mais respostas que sujeitos.

A Tabela 6.51 apresenta a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e frequência (0=nunca e 10=sempre) da dificuldade de atenção e concentração, na alta e na baixa temporadas turísticas. Entre os trabalhadores com contratos permanentes, na alta temporada, 33,3% indicam o grau de frequência zero (nunca) quando se referem às dificuldades de atenção e concentração. Na baixa temporada, 58,8% indicam zero grau (nunca). Entre os sujeitos com vínculo de trabalho temporário, na alta temporada, 58,3% indicam o grau zero (nunca) para se referirem à frequência com que têm dificuldades de atenção e concentração. Na baixa temporada, 50,0% indicam o grau zero (nunca têm dificuldades de atenção e concentração).

TABELA 6.51

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E FREQUÊNCIA (0=NUNCA E 10=SEMPRE) DA DIFICULDADE DE ATENÇÃO E CONCENTRAÇÃO, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS				TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA		ALTA		BAIXA	
Quantidade	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Frequência da dificuldade de aten- ção e concentração												
0	4	33,3	10	58,8	7	58,3	3	50,0	11	45,8	13	56,6
1 – 2	2	16,7	1	5,9	2	16,7	1	16,7	4	16,6	2	8,7
3 – 4	1	8,3	3	17,6	2	16,7	2	33,3	3	12,5	5	21,7
5 – 6	3	25,0	2	11,8	1	8,3	0	0	4	16,7	2	8,7
7 – 8	2	16,7	1	5,9	0	0	0	0	2	8,4	1	4,3
9 – 10	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	6	100,0	24	100,0	23	100,0

Na Tabela 6.52 estão apresentados dados sobre a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e expectativa com o trabalho, na alta e na baixa temporadas turísticas. Entre os sujeitos que trabalham com vínculo empregatício permanente, na alta temporada, 41,7% dizem não ter expectativa alguma com respeito ao trabalho; 25,0% esperam vender mais; 16,7% têm como expectativa sair do trabalho. Na baixa temporada, 41,1% dizem não ter expectativa alguma; 47,1% querem vender mais. Entre os trabalhadores com vínculo temporário, na alta temporada, a maioria (66,7%) diz não ter expectativas com o trabalho; 25,0% manifestam que querem continuar trabalhando.

TABELA 6.52

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E EXPECTATIVA COM O TRABALHO, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS		TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		ALTA		BAIXA	
Temporada										
Quantidade										
Expectativa com trabalho	N *	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Nenhuma	5	41,7	7	41,1	8	66,7	13	54,2	7	41,1
Crescer	1	8,3	1	5,9	0	0	1	4,2	1	5,9
Vender mais	3	25,0	8	47,1	0	0	3	12,5	8	47,1
Reconhecimento	0	0	1	5,9	0	0	0	0	1	5,9
Continuar	0	0	0	0	3	25,0	3	12,5	0	0
Sair	2	16,7	0	0	0	0	2	8,3	0	0
Outros	2	16,7	0	0	1	8,3	3	12,5	0	0
TOTAL **	12	108,4	17	100,0	12	100,0	24	104,2	17	100,0

* Neste caso observa-se que em N há mais de uma resposta por sujeito pesquisado, por isso o total é inferior à soma dos valores parciais.

** O total de N corresponde ao total de sujeitos pesquisados e não a quantidade de respostas dadas. O total de percentagens supera os 100%, pois há mais respostas que sujeitos.

Na Tabela 6.53 é possível notar a distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e ambiente de trabalho, na alta e na baixa temporadas turísticas. Dos sujeitos que trabalham permanentemente, na alta temporada, a maioria (66,7%) diz que nada os incomoda no ambiente de trabalho. Na baixa temporada, 70,6% manifestam não se sentirem incomodados no trabalho. Entre os que trabalham temporariamente, na alta temporada, 66,7% dizem não ter incômodos no ambiente de trabalho.

TABELA 6.53

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE SUJEITOS E DAS PERCENTAGENS, POR REGIME DE TRABALHO E AMBIENTE DE TRABALHO, NA ALTA E NA BAIXA TEMPORADAS TURÍSTICAS

Regime de trabalho Temporada	PERMANENTES				TEMPORÁRIOS		TOTAL			
	ALTA		BAIXA		ALTA		ALTA		BAIXA	
Quantidade	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Incômodo	4	33,3	5	29,4	4	33,3	8	33,3	5	29,4
Não incômodo	8	66,7	12	70,6	8	66,7	16	66,7	12	70,6
TOTAL	12	100,0	17	100,0	12	100,0	24	100,0	17	100,0

6.4 A saúde dos trabalhadores de comércio apresenta variabilidade nas diferentes temporadas turísticas

Alguns indicadores de saúde variam em função da sazonalidade turística. Por meio dos dados obtidos é possível notar que os trabalhadores, em geral, não apresentam problemas de hipertensão. Os sujeitos com vínculo de trabalho temporário, apresentam diferenças entre as indicações de problemas de saúde, entre a alta e baixa temporadas. Como pode ser notado na Tabela 6.27, enquanto 75,0% desses trabalhadores dizem não ter problemas de saúde, gastrite ou alergia na alta temporada, somente 33,3% fazem o mesmo

na baixa temporada. Isso indica que os sujeitos que não têm vínculo empregatício apresentam mais problemas de saúde desse tipo, nesse período. Entre os sujeitos que trabalham permanentemente não há diferenças significativas de problemas de saúde (gastrite e alergia) entre ambas as temporadas. Com relação à frequência e intensidade desses problemas de saúde, entre os trabalhadores com vínculo permanente, na alta temporada, a frequência e intensidade são maiores que na baixa temporada. Entre os sujeitos que trabalham temporariamente, é possível notar que na baixa temporada aumenta a frequência e intensidade com que sofrem de gastrite. Ao contrário, problemas de alergia diminuem de frequência e intensidade nesse período. A gastrite é uma doença estreitamente ligada a distúrbios psicológicos como a ansiedade, por exemplo. Dessa forma, é possível pensar que os trabalhadores sem vínculo empregatício durante a baixa temporada, podem estar expostos a situações de maior tensão provocadas pela perda de ganhos nesse período. Já os trabalhadores com vínculo de trabalho permanente parecem sofrer os efeitos da fadiga e estresse, gerados pela alta temporada turística, notados no aumento da frequência e intensidade dos problemas de gastrite e alergia.

A presença de varizes é uma queixa constante entre os trabalhadores de comércio. Os dados confirmam que a maioria dos sujeitos pesquisados tem dor nas pernas. A frequência e intensidade dessa dor aumenta durante a alta temporada. A causa da dor nas pernas é atribuída pela maioria dos sujeitos, ao trabalho. Na baixa temporada, metade dos trabalhadores sem vínculo empregatício dizem não ter dor. Esses dados permitem pensar que o esforço físico de ficar em pé, durante longas horas da jornada de trabalho, deixam conseqüências para a saúde dos trabalhadores de comércio. A situação de trabalho configurada, na alta temporada, contribui para potencializar esses problemas.

Com relação a outros tipos de dor, as queixas mais indicadas são dores de “cabeça” e “costas”, entretanto, a maioria dos trabalhadores, diz ter nenhuma outra dor que não seja nas pernas. É importante notar que os outros tipos de dor (cabeça, costas, estômago, outros) diminuem em frequência e intensidade, durante a alta temporada. A causa dessas dores são atribuídas pelos trabalhadores, majoritariamente, à alimentação e ao trabalho. Com esse conjunto de informações é possível notar que as condições de trabalho durante a alta temporada, longas jornadas de trabalho, variações no tipo de alimentação, têm reflexos

diretos na saúde dos trabalhadores de comércio em relação à sazonalidade turística. Assim, as condições de trabalho afeta positiva e negativamente diferentes indicadores de saúde.

A tristeza é um dos fenômenos indicados pelos trabalhadores, por diferentes motivos, relacionados à sazonalidade. Entre os trabalhadores com vínculo de trabalho permanente, na baixa temporada, a tristeza aumenta em frequência e intensidade. A causa disso é atribuída por esses trabalhadores, na alta temporada, principalmente a problemas familiares. As causas da tristeza mais indicadas pelos trabalhadores, na baixa temporada, são os problemas econômicos e de trabalho. Esses dados confirmam que na alta temporada, o excesso de ritmo e horas de trabalho prejudicam o relacionamento familiar. Na baixa temporada, a perda de ganhos, o aumento da tensão no ambiente de trabalho, geram problemas econômicos e laborais, que podem dar início a processos depressivos. Essas constatações coincidem com o exame feito por Seligmann-Silva (1986) sobre o efeito das crises econômicas e sociais para a saúde dos trabalhadores.

O nível de interesse nas atividades de trabalho é outro fator que contribui no estabelecimento do diagnóstico da depressão, como pode ser visto em Seligman (1977). Os dados apresentados nas Tabelas 6.43, 6.44 e 6.45 permitem notar que não há grandes variações de intensidade nem frequência do interesse no trabalho, na alta ou baixa temporadas. A maioria dos trabalhadores indica graus de frequência que variam de “algumas vezes” a “sempre”. Os graus de intensidade variam, para a maioria dos sujeitos, de “médio” a “demais”. As causas atribuídas ao interesse no trabalho mudam segundo a temporada. Na alta temporada, o salário e o contato com as pessoas são as causas mais apontadas. Na baixa temporada, gostar do trabalho é a resposta que a maioria indica como causa do interesse no trabalho. Esses dados permitem notar, que, apesar das perdas a que os trabalhadores estão submetidos, na baixa temporada, continuam mantendo motivação para o trabalho.

Com respeito à sensação de inutilidade, outro fator indicativo de processos depressivos, os dados permitem notar que, durante a baixa temporada, os trabalhadores com regime permanente de trabalho indicam maior sensação de inutilidade. A intensidade dessa sensação é indicada por 47,0% desses trabalhadores em níveis que variam de “pouco” a “médio” e numa frequência que também varia, para a proporção maior de sujeitos, de

“poucas vezes” a “algumas vezes”. A causa atribuída à sensação de inutilidade é o trabalho. Essas informações podem ser relacionadas ao declínio da atividade comercial, nesse período. Esse declínio tem como consequência a perda de significado do trabalho, a perda de ganhos e outros estímulos que fazem parte do mesmo trabalho, na alta temporada. Entre os trabalhadores sem vínculo empregatício, na baixa temporada, a totalidade diz não sentir-se inútil. Esses dados confirmam que o trabalho pode constituir-se em fonte de sofrimento para os trabalhadores.

Os trabalhadores indicam os problemas que mais preocupam na alta e na baixa temporadas turísticas. Entre os trabalhadores com vínculo permanente de trabalho, na alta temporada, os problemas mais indicados são com a família e com o trabalho, mostrando, novamente, a relação direta entre esses conjuntos de variáveis. Na baixa temporada, a indicação da maioria dos trabalhadores é a preocupação com problemas econômicos. O mesmo acontece com os trabalhadores sem vínculo empregatício nesse período. Isso confirma, mais uma vez, que o período de baixa temporada, pode ser considerado gerador de ansiedade para os trabalhadores, devido às dificuldades econômicas a que estão expostos. Quando os sujeitos foram interrogados sobre os pensamentos recorrentes, aqueles que inquietam e preocupam, as respostas apresentadas foram também a família e a moradia, em maior quantidade na alta temporada, entre sujeitos que trabalham permanentemente. Na baixa temporada, quando os sujeitos têm esse tipo de pensamento, são em relação aos problemas econômicos e outros. É importante assinalar que a maioria dos trabalhadores diz não ter pensamentos recorrentes, menos no caso dos sujeitos que não têm vínculo empregatício na baixa temporada. Problemas de atenção e concentração foram indicados em maior proporção pelos trabalhadores durante a alta temporada. Isso pode estar relacionado com o aumento das exigências cognitivas, do ritmo e da quantidade de horas trabalhadas, o que pode desencadear um maior desgaste do trabalhador.

Com respeito às expectativas com o trabalho, parece razoável afirmar que os trabalhadores de comércio em cidades turísticas não encontram nessa ocupação um projeto de vida, nem um significado maior além que o de permitir a sobrevivência. Isso fica claro ao observar que um alto percentual dos trabalhadores dizem não ter expectativa alguma

com o trabalho. Quando têm, as expectativas mais indicadas são, “vender mais” ou no caso dos trabalhadores temporários, “continuar empregados”.

A insegurança e a imprevisibilidade podem ter consequências na saúde dos indivíduos. O conjunto de informações que fazem parte das condições de saúde permitem afirmar que a sazonalidade do turismo, ao aumentar o nível de incerteza na vida dos trabalhadores, influencia negativamente a saúde dos mesmos. Dessa forma, é possível perceber que as condições de vida e de trabalho estão entrelaçados, configurando condições de saúde coletivas e individuais.

6.5. A sazonalidade do trabalho em uma cidade turística afeta as condições de saúde dos trabalhadores de comércio

A saúde dos trabalhadores de comércio em uma cidade turística sobre variações provocadas pela sazonalidade. O sono, por exemplo, sofre pequenas variações na qualidade e quantidade, em função da sazonalidade. O sono é uma das variáveis que relacionadas a outras como, exigência de desempenho, atenção e concentração podem provocar o sofrimento do trabalhador. No caso do trabalho no comércio, as variações ou mudanças no sono parecem não ser em graus muito altos. A alimentação varia em quantidade e qualidade na alta e baixa temporada turística. O comportamento alimentar tem influencia direta na saúde e na produtividade dos trabalhadores. Sel (1999) indica que o tipo de alimentação deve estar de acordo com as características e o tipo de trabalho, sendo imprescindível que haja um equilíbrio entre o necessário e o suprido em termos calóricos. As atividades físicas são prejudicadas em função à sazonalidade turística prejudicando mais os permanentes. Para esses trabalhadores, na alta temporada, não sobra tempo nem disposição para essas atividades. Assim, o ritmo da prática é quebrado dificultando sua retomada. Esses (sono, alimentação, atividades físicas) são exemplos de aspectos básicos da saúde que são mudados em relação à sazonalidade.

Outros fenômenos da saúde como, hipertensão, alergias e gastrite sofrem variações em relação à sazonalidade. Em alguns casos é possível deduzir a relação dessas mudanças

com processos ansiogênicos. A frequência e intensidade da gastrite aumenta, por exemplo, em trabalhadores com vínculo permanente, na baixa temporada, onde são identificados problemas econômicos e de relacionamento no trabalho. Varizes são uma queixa constante entre os trabalhadores de comércio. Muitos são obrigados a ficar em pé, por várias horas durante a jornada de trabalho. Dores de cabeça, estômago e costas são outras moléstias indicadas pelos trabalhadores, que sofrem variações em relação à sazonalidade.

A tristeza é um dos fenômenos indicados pelos trabalhadores, sobretudo na baixa temporada. Essa pode estar relacionada a perda de ganhos e ao aumento da tensão no ambiente de trabalho, gerando problemas econômicos e laborais, que podem dar início a processos depressivos. A sensação de inutilidade é acentuada na baixa temporada, essa é outra variável que pode estar confirmando que nesse período, os trabalhadores sentem-se desamparados, pois, os problemas que preocupam, nesse período, são os econômicos. Isso indica que há um aumento de insegurança e imprevisibilidade causada, sobretudo, pelas condições de trabalho. Na alta temporada, os problemas familiares e com a casa são os que mais preocupam e a atenção e concentração são mais prejudicadas, possivelmente pelo aumento de estresse em função da longa jornada de trabalho.

Não há muitas expectativas com o trabalho. Esse dado permite deduzir que os trabalhadores sentem que não têm controle sobre o resultado do seu trabalho. A dependência permanente de eventos externos para a realização de planos pessoais aumentam a sensação de insegurança dos trabalhadores. Assim, para a maioria dos sujeitos que trabalham no comércio em uma cidade turística, essa atividade, não faz parte do projeto de vida. Dessa forma, é possível dizer que as condições de saúde dos trabalhadores de comércio sofrem variações em relação à sazonalidade turística.

AS CARACTERÍSTICAS DAS CONDIÇÕES DE VIDA, TRABALHO E SAÚDE DOS TRABALHADORES DE COMÉRCIO SOFREM MUDANÇAS EM FUNÇÃO DA SAZONALIDADE TURÍSTICA

As características dos trabalhadores de comércio em uma cidade turística coincidem com as características dos trabalhadores de comércio em geral. Esses trabalhadores são, na sua maioria, jovens e solteiros, com um bom nível de escolaridade. Provêm de cidades de outros estados ou de outras regiões do estado, onde está localizado o estabelecimento comercial. Provavelmente, encontram no trabalho de comércio suas primeiras experiências profissionais. Essas constatações coincidem com as informações apresentadas por Almeida (1997) e DIEESE (1999), sobre as características da força de trabalho do comércio, em geral.

As condições de vida dos trabalhadores de comércio sofrem mudanças em função da sazonalidade do comércio. A moradia, o tempo livre disponível, as perdas de renda individual e familiar, a variabilidade no convívio com a família, o aumento da jornada de trabalho, a inadequação das pausas, a ausência das folgas e a falta de lazer criam ou aumentam o clima de insegurança dos trabalhadores. Muitos não fazem projetos pessoais, nem profissionais. Esses trabalhadores têm pouco controle sobre sua vida, dependem de eventos externos que determinam, em que medida, podem ter ou não sucesso. Seligman (1977) afirma que, quando um indivíduo sente-se indefeso frente a uma situação, pode ser levado a uma situação de desamparo. É possível estabelecer uma relação entre a variabilidade e a instabilidade da vida desses trabalhadores e uma situação de incontrolabilidade. Dessa forma, é possível deduzir que a variabilidade das condições de vida dos trabalhadores de comércio influi na saúde e no comportamento dos mesmos.

As condições de trabalho dos trabalhadores de comércio sofrem mudanças em função da sazonalidade do turismo. Os baixos salários, o descumprimento do pagamento de horas extras, a impontualidade no pagamento dos salários, a falta de registro na carteira de trabalho, a ausência de benefícios sociais e, trabalhos temporários, são características

presentes no trabalho de comércio em uma cidade turística. Essas são as mesmas características que Antunes (1999) define como forma de precarização das relações de trabalho. A essas são somadas exigências de desempenho, de apresentação pessoal, de esforço físico e, também, a falta de opções no mercado de trabalho que pioram a situação de insegurança dos trabalhadores. As desigualdades entre trabalhadores permanentes e temporários são notórias, quanto à renda e às oportunidades. Matozzo (1998) indica que essas características contribuem para a indefinição da renda das pessoas. Na baixa temporada, as características das condições de trabalho são mais negativas, tanto para os trabalhadores permanentes, quanto para os que perdem seus contratos. A insegurança econômica aumenta, os relacionamentos inter-pessoais no trabalho são deteriorados e o próprio trabalho perde significado. Por isso, a maioria dos trabalhadores dizem preferir a alta temporada para trabalhar. É fácil notar que as mudanças nas condições de trabalho dos trabalhadores de comércio geram instabilidade, imprevisibilidade e incontrolabilidade na vida dos mesmos. Seligamann-Silva (1986) mostra que os determinantes econômicos tanto em fases de crescimento como de recessão afetam a saúde dos indivíduos. Sendo assim, é possível afirmar que as características e a variabilidade das condições de trabalho dos trabalhadores de comércio, sujeitos à sazonalidade turística, aumentam a situação de ameaça e insegurança dos mesmos e podem ocasionar prejuízos para a saúde.

As mudanças nas condições de vida e trabalho têm repercussões na saúde e no comportamento dos trabalhadores de comércio. O sono, a alimentação, as atividades físicas sofrem variações provocadas pelo aumento das horas de trabalho. Dores de cabeça, estômago e costas são moléstias indicadas pelos trabalhadores que poderiam estar vinculadas a essas variações. As mudanças na frequência e intensidade da gastrite são claramente identificadas nos trabalhadores com vínculo permanente, na baixa temporada, podendo ser relacionadas ao aumento da ansiedade frente às dificuldades econômicas. As varizes são outra queixa constante, relacionada diretamente ao processo de trabalho que exige ficar em pé por várias horas. A baixa temporada é o período onde os trabalhadores manifestam sentir tristeza e sensação de inutilidade. Isso pode estar relacionado aos problemas econômicos e do trabalho, que aumentam nesse período. Na alta temporada, a atenção e a concentração mostram alterações devido ao ritmo estressante de vida e trabalho. Assim, fica evidenciado o fato de que a saúde é um fenômeno multideterminado e, como

Rebelato e Botomé (1999), Stédile (1996) e Kubo e Botomé (2001) indicam, é dinâmico e complexo, o que permite falar em determinismo probabilístico.

A relação estabelecida entre as condições de vida, trabalho e saúde dos trabalhadores de comércio depende da sazonalidade turística. Fica evidente no estudo que todas as condições estudadas sofrem variações em função da alta ou baixa temporada. Essas relações podem afetar a saúde e o comportamento dos trabalhadores em maior ou menor grau, pois, a característica sazonal e a insegurança do trabalho aumentam o clima de incerteza e imprevisibilidade na vida dos trabalhadores. Doença e saúde não são processos ou fenômenos distintos ou estanques, assim como comportamentos não são, em si, normais ou patológicos. As condições de saúde de um organismo, assim como seus comportamentos, dependem da estruturação e do relacionamento de diferentes variáveis do meio em que tais condições de saúde e comportamentos ocorrem. Os dados confirmam essa hipótese e mostram as características que fazem parte da vida, trabalho e saúde dos trabalhadores de comércio em uma cidade turística.

7.1 Decorrências das descobertas feitas na pesquisa

Os dados obtidos na pesquisa permitiram verificar que as condições de vida, trabalho e saúde dos trabalhadores de comércio, assim como seus comportamentos, variam em relação à sazonalidade turística. Esse conhecimento tem implicações para o conhecimento científico, para os sujeitos, as instituições, o poder público, o governo, os profissionais da área da saúde e para a formação de novos profissionais.

A partir dos conhecimentos alcançados é possível derivar comportamentos para os diferentes agentes. Os sujeitos poderão prever o tipo de mudanças que ocorrerão em relação à sazonalidade turística. Esses poderão planejar ações que minimizem os problemas decorrentes dessa variabilidade como conflitos com a família, problemas econômicos, falta de lazer, problemas de saúde, entre outros.

As instituições sindicais, por exemplo, poderão encontrar nos dados apresentados argumentos para reivindicar do poder público melhores condições de trabalho para os

trabalhadores de comércio, sejam eles temporários ou permanentes. Ao mesmo tempo, essas poderão criar cursos de capacitação profissional que melhorem a competência e o desempenho individual e conseqüentemente os ganhos recebidos. Outra ação possível seria a criação de programas de lazer acessíveis para esses trabalhadores, como clubes, colônia de férias para os filhos dos trabalhadores, cursos de artes e festivais culturais.

Da mesma forma, os empresários do comércio poderão utilizar os dados da investigação para planejar ações e estratégias que propiciem mais satisfação a seus funcionários. A satisfação no trabalho tem relação direta com o desempenho, no que se refere à qualidade e eficácia, aumentando a competitividade das empresas. Programas de alimentação adequada, ginástica laboral, remanejamento de horários são algumas sugestões que poderiam fazer parte de um planejamento estratégico para o comércio.

Assim, a pesquisa pode ser considerada um instrumento de análise para a melhoria das ações, de todos os implicados nas relações de trabalho no comércio vinculado à sazonalidade turística. A caracterização do que acontece com a vida, trabalho e saúde dos trabalhadores de comércio sujeitos à sazonalidade turística propicia a oportunidade de realizar essa análise e, a partir disso, propor mudanças concretas que tragam benefícios para a sociedade como um todo.

7.2 Dificuldades e limitações da pesquisa

A realização do estudo das condições de vida, trabalho e saúde dos trabalhadores de comércio em relação à sazonalidade turística enfrentou dificuldades próprias da pesquisa e outras decorrentes do fenômeno estudado. A investigação teve que ser realizada nos dois momentos diferentes (na alta e na baixa temporadas), precisou da colaboração de patrões e trabalhadores do comércio. Não foram todos os que estavam dispostos a colaborar, talvez pelo desconhecimento do valor de uma pesquisa e das contribuições que pode gerar.

Há limitações na pesquisa realizada com os trabalhadores de comércio em uma cidade turística. A investigação realizada não permite estabelecer generalizações, visto que, a amostra não pode ser considerada representativa da totalidade dos trabalhadores de

comércio. A começar, pela escolha de trabalhadores do sexo feminino e da escolha de um tipo específico de comércio (comércio varejista de confecções). O fenômeno da sazonalidade diz respeito, neste caso, à sazonalidade turística. Não sabendo se as variações nas condições de vida, trabalho, e saúde acontece também, em relação à sazonalidade climática, por exemplo, com trabalhadores agrícolas. O tipo de cidade escolhida para o estudo possui características específicas que não permitem generalizar o fenômeno estudado para qualquer outra cidade turística. O grau de influência da sazonalidade está relacionado também, com o tamanho da cidade e outras características, como quantidade de habitantes, industrialização, entre outros.

7.3 Possibilidades de novas investigações sobre as condições de vida, trabalho e saúde dos trabalhadores de comércio em relação à sazonalidade turística.

Os dados obtidos sobre as condições de vida, trabalho e saúde dos trabalhadores de comércio em relação à sazonalidade turística deixam clara a necessidade de continuar investigando esse tipo de fenômeno. Investigar em outras cidades, com características diferentes, com outros tipos de comércio ou serviços, com trabalhadores do sexo masculino são exemplos de novas possibilidades de estudo a explorar.

A sazonalidade na agricultura ainda precisa ser estudada, com o foco de investigação nas implicações sobre os trabalhadores. Esse tipo de investigação possibilitará aumentar o grau de generalidade do conhecimento sobre as relações entre sazonalidade do trabalho e suas implicações sobre as condições de vida, trabalho e de saúde dos trabalhadores.

REFERÊNCIAS

- Almeida, M. L. de. (1997). Comércio: Perfil, reestruturação e tendências. *Educação & Sociedade*, 18(61), 139-158.
- Antunes, R. (1997). *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho (4 ed.)*. São Paulo: Cortez.
- Antunes, R. (1999). *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Bontempo Editorial.
- Botomé, S. P. (2001). Sobre a noção de comportamento. In U. Zilles, H. P. M. Feltes, (Orgs.). *Filosofia: diálogo de horizontes*. (685-708). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Brito, J. C. de (2000). Enfoque de gênero e relação saúde/trabalho no contexto de reestruturação produtiva e precarização do trabalho. *Caderno de Saúde Pública*, 16(1), 195-204.
- Chaves, M. M. (1980). *Saúde e sistemas*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas.
- Cruz, R. M. (2001). *Psicologia, processos de trabalho e evolução sócio-técnica*._Manuscrito não publicado. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Dejours, C., Abdoucheli, E., Jayet, C. (1994). *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo: Atlas.
- Dejours, C. (1999). *Conferências brasileiras: identidade, reconhecimento e transgressão no trabalho*. São Paulo: FUNDAP, EAESP/FGV.
- Dejours, C. (2001). *A banalização da injustiça social (4 ed.)*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- DIEESE – Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômicos (1999, janeiro). *Reestruturação Tecnológica e Emprego no Comércio em Santa Catarina*. Estudo Regional Nº 3. Florianópolis.
- Ferreira, M. C. & Mendes, A. M. (2001). Só de pensar em vir trabalhar, já fico de mau humor: atividade atendimento ao público e prazer-sofrimento no trabalho. *Estudos em psicologia (Natal)*, 6(1), 93-104.
- Hazin, A., Galiza, C. e Medeiros, R. (2002). *Turismo e Mão-de-Obra: Entre o Real e o Ideal*. UNICAP. www.fundaj.gov.br/docs/impo/pesq/impos.html
- Kubo, O. M. & Botomé, S. P. (2001). Formação e atuação do psicólogo para o tratamento em saúde e em organizações de atendimento à saúde. *Interação*, 93-122.

Leite, M. de P. (1994). *O futuro de trabalho: novas tecnologias e subjetividade operária*. São Paulo: Editora Página Aberta.

León, L. M. & Iguti, A. M. (1999). Saúde em Tempos de Desemprego. In L. A. M. Guimarães & S. Grubits (Orgs.). *Série Saúde Mental e Trabalho*. vol. 1. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Lipp, M. N. (2001) Qualidade de vida e sobrevivência: modelo de tratamento comportamental do stress. In D. R. Zamignani (Org.) *Sobre comportamento e cognição: a aplicação de análise do comportamento e da terapia cognitivo-comportamental no hospital geral e nos transtornos psiquiátricos*. Santo André, São Paulo: ESETec Editores Associados.

Ludermir, A. B. (2000). Inserção produtiva, gênero e saúde mental. *Cadernos de Saúde Pública*, 16(3), 647-659.

Montali, L. (2000). Família e trabalho na reestruturação produtiva: ausência de políticas de emprego e deterioração das condições de vida. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 15(42), 55-71.

Mattoso, J. E. L. (1998). Transformações econômicas recentes e mudanças no mundo do trabalho. In M. A. Oliveira. (Org.). *Economia & Trabalho: textos básicos*. Campinas, São Paulo: UNICAMP. IE.

Offe, C. (1989). *Trabalho e sociedade: problemas estruturais e perspectivas para o futuro da "Sociedade do Trabalho"*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

Pires, D. (1998). *Reestruturação produtiva e trabalho em saúde no Brasil*. São Paulo: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Seguridade Social/CUT/Annablume.

Pochmann, M. (1998). Desemprego e políticas de emprego: tendências internacionais e Brasil. In M. A. Oliveira (Org.). *Economia & Trabalho: textos básicos*. Campinas: UNICAMP.

Rebelato, J. R. & Botomé, S. P. (1999). *Fisioterapia no Brasil: fundamentos para uma ação preventiva e perspectivas profissionais*. (2 ed.). São Paulo: Manole.

Rifkin, J. (1995). *O fim dos empregos: o declínio inevitável dos níveis dos empregos e a redução da força de trabalho*. São Paulo: Makron Books.

Roquayrol, M. Z. (1994). *Epidemiologia e saúde (4 ed.)*. Rio de Janeiro: Editora Médica e Científica.

Sel, I. (1999). Organização temporal do trabalho. In: Vieira, S. I. (Coord.) *Medicina Básica do Trabalho*. V. 6. Curitiba: Editora Gênese.

Seligman, M. E. P. (1977). *Desamparo: sobre depressão, desenvolvimento e morte*. São Paulo: Hucitec.

Seligmann-Silva, E. (1986). Crise econômica, trabalho e saúde mental. In V. Angerami (Org.). *Crise, trabalho e saúde mental no Brasil*. São Paulo: Traço.

Seligmann-Silva, E. (1994). *Desgaste mental no trabalho dominado*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Cortez Editora.

Stédile, N. L. R. (1996). *Prevenção em saúde: comportamentos profissionais a desenvolver na formação do enfermeiro*. Dissertação de mestrado não publicada. Universidade Federal de São Carlos, São Paulo.

Stepke, F. L. (1998) Salud mental y calidad de vida en la sociedad posmoderna. *ACTA Psiquiatria e Psicología da América Latina*, 44(4).

Wisner, A. (1994). *A inteligência no trabalho: textos selecionados de ergonomia*. São Paulo: Fundacentro.

LISTA DE TABELAS

Tabela 3.1	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e faixa etária	40
Tabela 3.2	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho, nível de escolaridade e continuidade dos estudos	41
Tabela 3.3	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e estado civil	42
Tabela 3.4	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e estado de origem	42
Tabela 3.5	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e tempo de residência na cidade onde trabalha	43
Tabela 4.1	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e quantidade de pessoas com quem moram, na alta e na baixa temporadas turísticas	46
Tabela 4.2	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e quantidade de horas de jornada de trabalho, na alta e na baixa temporadas turísticas	47
Tabela 4.3	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e quantidade de horas de jornada de trabalho, na alta e na baixa temporadas turísticas	48
Tabela 4.4	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e quantidade de horas dedicadas ao lazer na última semana, na alta e na baixa temporadas turísticas	49
Tabela 4.5	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e quantidade de horas diárias compartilhadas com a família, na alta e na baixa temporadas turísticas	50
Tabela 4.6	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e ocasiões que costumam compartilhar com a família, na alta e na baixa temporadas turísticas	51

Tabela 4.7	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e frequência (0 = nada e 10 = muito) das atividades conjuntas com a família, na alta e na baixa temporadas turísticas	52
Tabela 4.8	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e ocasiões em que realizam atividades conjuntas com a família, na alta e na baixa temporadas turísticas .	53
Tabela 4.9	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e duração das atividades conjuntas com a família na alta e na baixa temporadas turísticas	54
Tabela 4.10	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e valor do salário fixo mensal, na alta e na baixa temporadas turísticas	59
Tabela 4.11	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e valor das comissões do último mês, na alta e na baixa temporadas turísticas	60
Tabela 4.12	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e valor do salário do último mês, na alta e na baixa temporadas turísticas	61
Tabela 4.13	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e valor da renda familiar no último mês, na alta e na baixa temporadas turísticas	62
Tabela 4.14	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e percentual do salário que inclui na renda familiar, na alta e na baixa temporadas turísticas	63
Tabela 4.15	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e quantidade de pessoas que participam com ingressos na renda familiar, na alta e baixa temporada turística	64
Tabela 4.16	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e tipo de imóvel que moram, na alta e na baixa temporadas turísticas	67
Tabela 4.17	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e relação com o imóvel onde mora, na alta e na baixa temporadas turísticas	67

Tabela 4.18	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e quantidade de cômodos do imóvel onde moram, na alta e na baixa temporadas turísticas	68
Tabela 4.19	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e distância que mora do local de trabalho, na alta e na baixa temporadas turísticas	69
Tabela 4.20	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e tempo de residência na cidade, na alta e na baixa temporadas turísticas	70
Tabela 4.21	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e tipo de suporte que recebe das pessoas que os cercam, na alta e na baixa temporadas turísticas	71
Tabela 4.22	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e desenvolvimento ou não de atividades para alcançar objetivos profissionais, na alta e na baixa temporadas turísticas	74
Tabela 4.23	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e tempo para alcançar objetivos profissionais, na alta e na baixa temporadas turísticas	75
Tabela 4.24	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e desenvolvimento ou não de atividades para alcançar objetivos pessoais, na alta e na baixa temporadas turísticas	76
Tabela 4.25	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e tempo para alcançar os objetivos pessoais, na alta e na baixa temporadas turísticas	76
Tabela 5.1	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e tempo que trabalham na loja, na alta e na baixa temporadas turísticas	82
Tabela 5.2	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e tempo de pausa durante a jornada de trabalho, na alta e na baixa temporadas turísticas	83
Tabela 5.3	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e remuneração das horas extras, na alta e na baixa temporadas turísticas	84

Tabela 5.4	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e pontualidade no salário, nhá alta e na baixa temporadas turísticas	84
Tabela 5.5	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e registro na carteira de trabalho, na alta e na baixa temporadas turísticas	85
Tabela 5.6	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e benefícios sociais, na alta e na baixa temporadas turísticas	86
Tabela 5.7	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e expectativas com o trabalho, na alta e na baixa temporadas turísticas	87
Tabela 5.8	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e procedimento no atendimento ao cliente, na alta e na baixa temporadas turísticas	90
Tabela 5.9	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e tipo de procedimento no atendimento ao cliente, na alta e na baixa temporadas turísticas	91
Tabela 5.10	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e intensidade (0 = nada e 10 = demais) do controle no trabalho, na alta e na baixa temporadas turísticas	92
Tabela 5.11	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e procedimentos adotados na ausência de clientes, na alta e na baixa temporadas turísticas	93
Tabela 5.12	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e intensidade (0 = nada e 10 = demais) do controle no trabalho na ausência de clientes, na alta e na baixa temporadas turísticas	94
Tabela 5.13	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e apresentação pessoal no trabalho, na alta e na baixa temporadas turísticas	95
Tabela 5.14	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e intensidade (0 = nada e 10 = demais) do controle da apresentação pessoal, na alta e na baixa temporadas turísticas	96

Tabela 5.15	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e suporte para a apresentação pessoal, na alta e na baixa temporadas turísticas	97
Tabela 5.16	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e intensidade (0 = nada e 10 = demais) do esforço físico no trabalho, na alta e na baixa temporadas turísticas	98
Tabela 5.17	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e tipo de esforço físico no trabalho, na alta e na baixa temporadas turísticas	99
Tabela 5.18	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e temperatura do ambiente de trabalho, na alta e na baixa temporadas turísticas	103
Tabela 5.19	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e variações bruscas de temperatura, na alta e na baixa temporadas turísticas	104
Tabela 5.20	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e tipo de iluminação no ambiente de trabalho, na alta e na baixa temporadas turísticas	105
Tabela 5.21	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e intensidade (0 = nada e 10 = demais) da iluminação do ambiente de trabalho, na alta e na baixa temporadas turísticas	106
Tabela 5.22	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e tipo de ruído no ambiente de trabalho, na alta e na baixa temporadas turísticas	107
Tabela 5.23	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e intensidade (0 = nada e 10 = demais) do ruído no ambiente de trabalho, na alta e na baixa temporadas turísticas	108
Tabela 5.24	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e tipo de conversa com o chefe, na alta e na baixa temporadas turísticas	110
Tabela 5.25	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e frequência (0 = nada e 10 = sempre) que conversam com o chefe, na alta e na baixa temporadas turísticas ..	111

Tabela 5.26	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e possibilidade de colocar idéias em prática, na alta e na baixa temporadas turísticas	112
Tabela 5.27	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e frequência (0 = nunca e 10 = sempre) das advertências que recebem no trabalho, na alta e na baixa temporadas turísticas	113
Tabela 5.28	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e intensidade (0 = nada e 10 = demais) das advertências no trabalho, na alta e na baixa temporadas turísticas	114
Tabela 5.29	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e frequência (0 = nunca e 10 = sempre) do reconhecimento no trabalho, na alta e na baixa temporadas turísticas	115
Tabela 5.30	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e intensidade (0 = nada e 10 = demais) do reconhecimento pelo trabalho, na alta e na baixa temporadas turísticas	116
Tabela 5.31	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e frequência (0 = nunca e 10 = sempre) que conversa com os colegas de trabalho, na alta e na baixa temporadas turísticas	117
Tabela 5.32	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e tipo de relação com os colegas de trabalho, na alta e na baixa temporadas turísticas	118
Tabela 5.33	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e tipo de cooperação entre os colegas de trabalho, na alta e na baixa temporadas turísticas	119
Tabela 5.34	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e tipo de tratamento que recebem do cliente, na alta e na baixa temporadas turísticas	120
Tabela 5.35	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e período de preferência para trabalhar, na alta e na baixa temporadas turísticas	123
Tabela 5.36	Distribuição das quantidades de sujeitos sem vínculo empregatício e tipo de atividade que realiza, na baixa temporada turística	125

Tabela 5.37	Distribuição das quantidades de sujeitos sem vínculo empregatício e as expectativas que têm com o trabalho, na baixa temporada turística	126
Tabela 5.38	Distribuição das quantidades de sujeitos sem vínculo empregatício e os ingressos que receberam no último mês, na baixa temporada turística	127
Tabela 6.1	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e quantidade de horas de sono ontem, na alta e na baixa temporadas turísticas	131
Tabela 6.2	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e qualidade de sono ontem, na alta e na baixa temporadas turísticas	132
Tabela 6.3	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e profundidade do sono ontem, na alta e baixa temporadas turísticas	133
Tabela 6.4	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e quantidade horas de sono antes de ontem, na alta e na baixa temporadas turísticas	134
Tabela 6.5	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e qualidade do sono antes de ontem, na alta e na baixa temporadas turísticas	135
Tabela 6.6	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e profundidade (0 = nada e 10 = muito) do sono antes de ontem, na alta e na baixa temporadas turísticas	136
Tabela 6.7	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e horas de sono geralmente, na alta e na baixa temporadas turísticas	137
Tabela 6.8	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e profundidade (0 = nada e 10 = muito) do sono geralmente, na alta e na baixa temporadas turísticas	138
Tabela 6.9	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e tipo de alimento consumido no almoço de ontem, na alta e na baixa temporadas turísticas	139

Tabela 6.10	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e tipo de alimentos consumidos no almoço de antes de ontem, na alta e na baixa temporadas turísticas	140
Tabela 6.11	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e tipo de alimentos consumidos no jantar de ontem, na alta e na baixa temporadas turísticas	141
Tabela 6.12	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e tipo de alimentos consumidos no jantar de antes de ontem, na alta e na baixa temporadas turísticas	142
Tabela 6.13	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e tipo de alimentos consumidos nas refeições geralmente, na alta e na baixa temporadas turísticas	143
Tabela 6.14	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e tempo do almoço de ontem, na alta e na baixa temporadas turísticas	144
Tabela 6.15	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e tempo dedicado ao almoço de antes de ontem, na alta e na baixa temporadas turísticas	145
Tabela 6.16	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e tempo do jantar de ontem, na alta e na baixa temporadas turísticas	146
Tabela 6.17	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e tempo dedicado ao jantar de antes de ontem, na alta e na baixa temporadas turísticas	147
Tabela 6.18	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e tempo dedicado às refeições geralmente, na alta e na baixa temporadas turísticas	148
Tabela 6.19	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e qualidade (0 = péssimo e 10 = ótimo) dos alimentos consumidos, na alta e na baixa temporadas turísticas	149
Tabela 6.20	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e quantidade (0 = nada e 10 = demais) dos alimentos, na alta e na baixa temporadas turísticas	150

Tabela 6.21	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e tipo de atividades físicas que realizam, na alta e na baixa temporadas turísticas	151
Tabela 6.22	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e local onde realiza atividades físicas, na alta e na baixa temporadas turísticas	152
Tabela 6.23	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e ocasiões que realiza atividades físicas, na alta e na baixa temporadas turísticas	153
Tabela 6.24	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e frequência da prática de atividades físicas, na alta e na baixa temporadas turísticas	154
Tabela 6.25	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e a frequência (0 = nunca e 10 = sempre) que sofre hipertensão, na alta e na baixa temporadas turísticas	157
Tabela 6.26	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e pela intensidade (0 = nada e 10 = demais) do nível de hipertensão, na alta e na baixa temporadas turísticas	158
Tabela 6.27	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e problemas de saúde dos últimos trinta dias, na alta e na baixa temporadas turísticas	159
Tabela 6.28	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e frequência (0 = nunca e 10 = sempre) da alergia, na alta e na baixa temporadas turísticas	160
Tabela 6.29	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e pela intensidade (0 = nada e 10 = demais) da alergia, na alta e baixa temporadas turísticas	161
Tabela 6.30	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e frequência (0 = nunca e 10 = sempre) da gastrite, na alta e na baixa temporadas turísticas	162
Tabela 6.31	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e intensidade (0 = nada e 10 = demais) do problema de gastrite, na alta e na baixa temporadas turísticas	163

Tabela 6.32	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e ter ou não varizes, na alta e na baixa temporadas turísticas	164
Tabela 6.33	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e frequência (0 = nunca e 10 = sempre) da dor nas pernas, na alta e na baixa temporadas turísticas	165
Tabela 6.34	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e intensidade (0 = nada e 10 = demais) da dor nas pernas, na alta e na baixa temporadas turísticas	166
Tabela 6.35	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e causa da dor nas pernas, na alta e na baixa temporadas turísticas	167
Tabela 6.36	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e dor em outras partes do corpo, na alta e na baixa temporadas turísticas	168
Tabela 6.37	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e frequência (0 = nunca e 10 = sempre) da dor, na alta e na baixa temporadas turísticas	169
Tabela 6.38	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e intensidade da dor na alta e na baixa temporadas turísticas	170
Tabela 6.39	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e causa da dor, na alta e na baixa temporadas turísticas	171
Tabela 6.40	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e intensidade (0 = nada e 10 = demais) da tristeza, na alta e na baixa temporadas turísticas	172
Tabela 6.41	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e frequência (0 = nunca e 10 = sempre) da tristeza, na alta e na baixa temporadas turísticas	173
Tabela 6.42	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e causa da tristeza, na alta e na baixa temporadas turísticas	174

Tabela 6.43	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e intensidade (0 = nada e 10 = demais) da vontade de trabalhar, na alta e na baixa temporadas turísticas	175
Tabela 6.44	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e frequência (0 = nunca e 10 = sempre) do interesse no trabalho, na alta e na baixa temporadas turísticas	176
Tabela 6.45	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e causa do interesse pelo trabalho, na alta e na baixa temporadas turísticas	177
Tabela 6.46	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e intensidade (0 = nada e 10 = demais) da sensação de inutilidade, na alta e na baixa temporadas turísticas ..	178
Tabela 6.47	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e frequência (0 = nunca e 10 = sempre) da sensação de inutilidade, na alta e na baixa temporadas turísticas ..	179
Tabela 6.48	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e causa atribuída à inutilidade, na alta e na baixa temporadas turísticas	180
Tabela 6.49	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e problemas que preocupam, na alta e na baixa temporadas turísticas	181
Tabela 6.50	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e pensamentos recorrentes, na alta e na baixa temporadas turísticas	182
Tabela 6.51	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e frequência (0 = nunca e 10 = sempre) da dificuldade de atenção e concentração, na alta e na baixa temporadas turísticas	183
Tabela 6.52	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e expectativa com o trabalho, na alta e na baixa temporadas turísticas	184
Tabela 6.53	Distribuição das quantidades de sujeitos e das percentagens, por regime de trabalho e ambiente de trabalho, na alta e na baixa temporadas turísticas	185